

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Natália Cristina Marciola Sganzella**

***“Feita só por mãe!”*. Sentidos de maternidade  
e família entre mulheres prostitutas.**

SÃO CARLOS

Maio/2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Natália Cristina Marciola Sganzella**

***“Feita só por mãe!”*. Sentidos de maternidade e família  
entre mulheres prostitutas.**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Antropologia Social, para obtenção do  
título de Mestre em Antropologia  
Social.

*Orientação: Prof. Dr. Marcos  
Pazzanese Duarte Lanna*

**SÃO CARLOS**

**Maio/2011**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S523fm

Sganzella, Natália Cristina Marciola.  
"Feita só por mãe!". Sentidos de maternidade  
e família entre mulheres prostitutas. / Natália Cristina  
Marciola Sganzella. -- São Carlos : UFSCar, 2011.  
101 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2011.

1. Prostituição feminina. 2. Antropologia urbana. 3.  
Família. 4. Gênero. 5. Relações entre gerações. I. Título.

CDD: 306.742 (20ª)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676  
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil  
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas@power.ufscar.br



---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

*Natália Cristina Marciola Sganzella*

31/05/2011

---

Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna  
Orientador e Presidente  
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

---

Profa. Dra. Marina Denise Cardoso  
Universidade Federal de São Carlos / SP

---

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran  
Universidade Federal de São Carlos / SP

*Dedico a minha mãe...*

## Agradecimento

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, minha fonte primeira de inspiração.

Agradeço aos meus pais Aduino e Geny e meu irmão por darem retaguarda na conquista dos meus sonhos, por comprarem as brigas, as alegrias e os tropeços desse caminho. Agradeço de modo bastante particular ao meu companheiro de aventuras, meu amigo, meu parceiro, Ângelo Righetti... Amo incondicionalmente... Fico pensando em palavras que expressem o que sinto por você e creio que a melhor é: Obrigada por existir...

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna por estar junto na caminhada e por ter acreditado nesse projeto.

Agradeço aos professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos e aos funcionários da Biblioteca da UFSCar sempre simpáticos e ajudando na distância, que me separava de São Carlos.

Agradeço de modo particular à Prof. Dra. Marina Cardoso por ser meu exemplo de professora e de “mãe acadêmica” de muitos, que como eu, precisaram ser conduzidos pela mão em determinada altura... Meu sincero agradecimento, Marina... maior preocupação com determinados temas e um olhar mais centralizado sobre a maternidade. Ao prof. Gabriel, agradeço por ter aceitado o convite, sua tese foi importante para me ajudar a entender que as “fronteiras de tensão” entre as teorias das ciências sociais estão mais na forma do que no conteúdo. A utilização ousada da teoria resulta em um trabalho completo e complexo

Agradeço aos colegas de classe do PPGAS 2008 pela aprendizagem e pela convivência. Agradeço a Camila Firmino por sua leitura e opiniões, que ajudaram na construção desse texto e de uma amizade sólida. Alexandra Almeida, Érica Hatugai, Christiane Tragante, Tatiana Massaro, Camila Firmino, Mariana Martinez, Yara Ngomane, Ju Coelho, Adriana Busso, Teresa (Teka)... Obrigada por cada lembrança boa desses anos em que passamos juntas entre viagens, angústias em busca de bolsas, pernoites em suas casas. Foi maravilhoso cruzar com vocês e saber que as terei para sempre no meu caminho... Lembrar-se de cada uma em toda a sua diversidade é saber que o amor pode ser múltiplo.

Agradeço a Arlete e João por me acolherem em sua residência durante a pesquisa e por me ajudarem com dados preciosos de cidadãos marilienses e por se constituírem uma família para mim...

Agradeço a todos os integrantes dos grupos de trabalho do “Fazendo Gênero” e da “Reunião Brasileira de Antropologia”, em especial, registro meu obrigado a Miguel Olivar, Letícia Tedesco e Juliana Cavilha, Soraya Simões pelas interlocuções e preciosas questões em meu trabalho. Foi uma rica troca, espero continuar esse laço...

Agradeço a concessão da bolsa de mestrado oferecida pela **Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)**, pelo financiamento do projeto e por me ajudar a acreditar na importância desse trabalho.

Finalmente, agradeço as minhas interlocutoras por me receberem em suas casas, por me emprestarem suas vidas, espero ser digna de transmiti-las.

## RESUMO

Este trabalho é uma análise antropológica sobre as relações afetivas e familiares de mulheres que se prostituem na cidade de Marília, além de outros personagens que se ligam direta ou indiretamente à prática da prostituição. O objetivo da pesquisa é investigar o terreno dos relacionamentos afetivos dessas mulheres, que englobam seus âmbitos familiar, amoroso e profissional. O referencial metodológico deste trabalho é a etnografia, através da qual se estabeleceram o contato e as trocas com as mulheres prostitutas da cidade, elementos que serão apresentados nessa dissertação. O trabalho apresenta duas partes bastante demarcadas espacial e cronologicamente. A primeira parte da etnografia mapeia as relações entre a prostituição feminina e os períodos do dia. O período diurno na Rua Nove de Julho concentra, exclusivamente, a prostituição de mulheres em bares e hotéis. Estas possuem mais tempo de experiência na rua e na profissão, formam um grupo menos hierarquizado e mais coeso, transformando as relações estabelecidas na “ocupação” em relações “familiares”. O período noturno, por sua vez, engloba outros tipos de prostituição como a das travestis, o que faz com que as relações espaciais e de poder sejam mais demarcadas e o ambiente seja mais disputado. Há uma hierarquia de prestígio envolvendo os pontos, que são organizados pelo fluxo da rua, pelos preços cobrados, além dos atributos femininos negociados. A segunda parte da etnografia se volta para as relações familiares que se desdobram nos pontos e nas casas de quatro de minhas interlocutoras, sendo que a maternidade e a relação comadresca são elementos fortes na construção dessas famílias.

**Palavras-chave:** Prostituição feminina. Rua. Maternidade. Família. poder e relações de gênero.

## ABSTRACT

This paper is an anthropological analysis of the love and family relationships of women involved in prostitution in Marília, besides other characters who are directly or indirectly linked to such practice. The objective of the research is to investigate these women's realm of relationships which include their family, love partner, and career. The methodological framework is ethnography through which contacts and exchanges have taken place with prostitutes in the city, and these elements are going to be presented in this dissertation. The paper shows two parts very distinctively marked both spatially and chronologically. The first part of the ethnography maps the relationships between the prostitution of women and the periods of the day. On the one hand, daytime on Nove de Julho Street mainly holds the prostitution of women in bars and hotels. They have more experience on the streets and in the occupation, and they form a more cohesive and less hierarchical group, which causes the relationships established at work to become family relationships. On the other hand, nighttime encompasses other types of prostitution, such as transvestites, making spatial and power relationships more limited and the area more competitive. There is a prestige hierarchy among the prostitution points according to the flow of the street, the prices charged, and the female attributes negotiated. The second part of the ethnography focuses on the family relationships that are developed in the points and homes of four of my interlocutors; motherhood and godmotherhood are strong factors in the structure of such families.

**Keywords:** female prostitution. Street. motherhood. Family. power and gender relations.

## Lista de Ilustrações

MAPA: A=Hotel Real /B=Hotel Dona Maria/C=Terminal Urbano de Ônibus /D=Praça Maria Izabel e Igreja São Bento.....	28
Pontos à noite 1: A: Ponto de Bila::B: Ponto de Gilda::C: Ponto de Zuleica e Marta...	47
MAPA: A=Centro/ B= Casa de Gilda (4 km).....	60
MAPA: B=Residências de Zuca, Zuleica e Marta(8 km)/A=Centro .....	66

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
1. DELIMITANDO O CAMPO TEÓRICO E METODOLÓGICO .....	15
<i>Revisitando o campo teórico</i> .....	15
<i>Inserção no campo</i> .....	22
<i>Por dentro da Nove</i> .....	28
<i>Do Hotel de Pablo ao hotel de Dona Maria</i> .....	34
<i>Segunda temporada</i> .....	38
2. PROSTITUIÇÃO NA CENA DO DIA E DA NOITE: MULHER PROSTITUTA EM TERRITÓRIOS E TERRITÓRIOS EM MULHER PROSTITUTA. ....	42
<i>“Pontos familiares”</i> .....	42
<i>Os personagens da vida noturna e as relações de prestígio</i> .....	46
<i>Circulação e fixação nas cidades – vínculos afetivos e a fixação na cidade.</i> .....	53
3. CIRCULANDO DOS PONTOS ÀS CASAS .....	58
<i>Dos pontos às casas</i> .....	59
<i>“O jogo” de futebol</i> .....	69
4. FAMÍLIAS E PROSTITUIÇÃO .....	72
<i>Relacionamentos afetivos: entre namorados e clientes</i> .....	81
<i>Abortos...</i> .....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
ANEXO .....	100

## Introdução

Este trabalho consiste de uma análise antropológica sobre as relações afetivas e familiares de mulheres que se prostituem na cidade de Marília e de outros personagens que se ligam direta ou indiretamente à prática da prostituição. Faço uso do termo mulher prostituta, no mesmo sentido de Fonseca (1996) pelo seu efeito político ao anexar a categoria “mulher” ao termo “prostituta”, enfatizando que a prostituição está contida em diversos contextos que formam a identidade social da mulher, como a maternidade, os estudos e as relações afetivas. Isso mostra que a prostituição não é uma identidade totalizante, mas sim parte de um constructo completo que envolve o “tornar-se mulher”.

O objetivo da dissertação é investigar o terreno dos relacionamentos afetivos (âmbito familiar, amoroso e profissional) de mulheres que se prostituem. Este trabalho procurará contribuir para a ampliação da problematização do que se entende por prostituição feminina, a qual é descrita genericamente como uma “atividade praticada por mulheres, que estabelecem relações sexuais com diferentes homens em troca de dinheiro”<sup>1</sup> (Pasini, 2000, p.183), isto é, a prostituição está inserida em uma prática específica de comércio sexual. As questões levantadas no trabalho visam problematizar a ampla rede de relações que circundam o fenômeno chamado de prostituição. Concordo com Olivar (2010), quando diz que tratar a prostituição de modo generalizado implica deixar à vista inúmeros pontos cegos, que não preenchem toda sociabilidade de um fenômeno plural, uma vez que a prostituição é um espaço de produção de subjetividades, encontros, famílias, amizades, entre outros.

Conforme aponta Rago (1991), a identidade da mulher prostituta sempre esteve associada à ambiguidade e ao “submundo”. Ao pensar sobre a figura mulher prostituta na transição da sociedade abolicionista paulista, Rago (1985) mostrou que ela veio para substituir a função sexual da escrava negra. A figura da mulher prostituta era dotada de ambiguidades, carregando em si uma noção de “modernidade”, pois vinha da Europa e trazia os hábitos “civilizados” e “urbanos” que não pertenciam ao cenário rural do

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar também que esse é o principal meio de obtenção de renda. As rendas complementares provêm de pensões alimentícias, bolsas de auxílio do governo federal, venda de cosméticos em catálogos e, em alguns casos, “fazendo correrias” – transporte de pequenas quantidades de drogas com destino certo. No livro de Lanna (1995), é possível encontrar dados sobre trabalhadores, como pescadores e empresários, que têm sua renda complementada por fontes do Estado, assim como as mulheres prostitutas.

começo do século XX. Por outro lado, associava-se a ela também a negatividade do “submundo”, configurando a mulher prostituta como a versão feminina dos ladrões. As imagens que circundam a mulher prostituta, vinculadas à banalização e a mercantilização do corpo, seriam pela visão da autora, uma identidade relacional para a construção da mulher honesta, a mãe. Enquanto a mulher prostituta estaria associada à esfera pública e ao prazer, a mulher honesta estaria associada ao lar, à família e à Igreja.

A imagem da mulher prostituta foi construída com base no “submundo” e na “ilegalidade”, o que reforça uma visão estigmatizadora. Este trabalho propõe uma leitura de como são vivenciados os valores dentro de uma constante contradição que persiste entre ser prostituta e ser mãe. Busca-se entender como as mulheres prostitutas movimentam-se em seus papéis sociais, formando uma hierarquia de valores; elas não se apresentam como vítimas, mas sim como mulheres que positivam a visão estigmatizadora de suas práticas sociais, rearranjam seus cotidianos e constroem suas relações amorosas e suas famílias.

Ao longo do texto buscarei apresentar o valor da maternidade enquanto uma categoria que surge da interação das relações e também como ele é administrado dentro das mesmas. A hierarquia cria uma ordenação nas relações no espaço profissional entre as próprias mulheres prostitutas e seus clientes, e também organiza certas escolhas, associações amorosas e amizades. Busco, na leitura do processo de estigmatização, entender quais são os movimentos das mulheres nos papéis sociais em que estão inseridas. Tomo tais relações estigmatizadoras de forma contextual e inserida nas tensões e conflitos cotidianos, não criando divisões rígidas entre a vida afetiva e profissional.

O campo afetivo e as emoções são problematizados e captados a partir das narrativas dos interlocutores. É um campo bastante denso, onde o estigma mostra-se nas interações e nos conflitos, como a confiança na relação amorosa, ou mesmo a honra associada à maternidade. Esses elementos, quando vistos pela ótica antropológica e não exclusivamente pela do indivíduo, ajudam a pensar sobre as hierarquias nas relações e como se constituem os pares de oposição e coesão social.

Durante sete anos, as calçadas têm sido o ponto de partida dos meus estudos. Esse recorte espacial liga-se a uma forma bastante particular de relação com o campo, baseada na confiança, o que será mais bem detalhado posteriormente. Há diferentes modalidades de prostituição inseridas no comércio sexual, distribuídas em espaços

públicos (calçadas e bares) e privados (boates, casas de massagem e zonas), cada qual possuindo especificidades como as possibilidades de acesso às mulheres ou sua segurança pessoal.

Minha relação com o campo da Rua Nove de Julho foi anterior ao objetivo de realizar a pesquisa. Residi em um pensionato durante o primeiro ano de graduação e me aproximei das mulheres prostitutas sem intenção acadêmica. Dos encontros descomprometidos surgiu uma intenção de pesquisa que resultou no meu trabalho de conclusão de curso e nas hipóteses para o mestrado. Durante minha iniciação científica, consegui construir laços mais estreitos de amizade com duas mulheres prostitutas solteiras, Gilda e Roseli, as quais me possibilitaram conviver em seus espaços domésticos. A partir dessa experiência proporcionada por elas, comecei a pensar sobre as outras mulheres prostitutas e suas famílias. Busco neste trabalho entender em que medida havia amizade entre as mulheres prostitutas além do ponto de trabalho, se elas se visitavam fora dali, entre outras questões como: o quê faziam no seu tempo livre? Como seria tal tempo livre? Em que medida existiria uma separação entre a vida profissional e a afetiva? Que mecanismos ponderavam essas divisões? Quem eram seus filhos, namorados e vizinhos? Como teceriam suas redes de sociabilidade? Eram casadas ou solteiras? Quem morava com elas?

Durante o ano de 2009, mantive contato constante com seis mulheres: Zuca, Zuleica, Gilda, Roseli, Bila e Marta (ver anexo ao final). Elas possuem trajetórias semelhantes – começaram na prostituição em meados da década de 1990 e se mantiveram nessa prática. A trajetória profissional de minhas interlocutoras concentra-se desde seu início na prostituição, ou seja, elas se conhecem enquanto profissionais da prostituição. Houve alguns períodos de interrupção por questões pessoais, mas o retorno era sempre à mesma profissão, a prostituição.

A separação afetivo-profissional foi norteadora por minhas observações iniciais em campo, quando busquei mapear os níveis de compreensão e de divisão dessas esferas a partir das falas das mulheres. À medida que o campo se abria em possibilidades e eu conseguia transitar para a esfera afetiva a partir do meu contato com a esfera profissional, a separação mostrava-se mais nebulosa e tornava mais difícil perceber a delimitação das fronteiras. A vida cotidiana apareceu “sem costuras” que delimitassem os retalhos de identificação e ela estava em “movimento”, se ajustando às condições a que lhe era imposta. Como um feixe, as identidades iam se ajustando,

transpondo os limites da casa e da rua, e se tornavam manifestos os modelos de mulheres prostitutas que se formavam a partir dessa teia. “Ser mãe” e “ser mulher prostituta” eram então indissociáveis.

No decorrer da pesquisa, as falas das mulheres sobre suas famílias representaram um item de investigação essencial para entender até que ponto as mulheres operavam efetivamente essa separação de setores de sua vida. Minha intenção era apresentar também as falas dos filhos, namorados, parentes, comerciantes, ou seja, de agentes que se ligavam à prostituição e que poderiam iluminar a questão. No entanto, apesar destes últimos ficarem em segundo plano devido ao adiantamento da pesquisa, eles estiveram fortemente presentes nas falas e comentários de minhas interlocutoras, o que me permitiu angariar dados suficientes para entender o nível de suas relações.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos que dizem respeito ao desenvolvimento cronológico e espacial da pesquisa de campo. Alguns dados foram retomados da iniciação científica uma vez que foram relações que se mantiveram durante meu mestrado.

O primeiro capítulo, denominado “Delimitando o campo teórico e metodológico”, trata das escolhas teóricas e metodológicas que foram sendo construídas ao longo desse trabalho. A opção pela prática etnográfica teve como fundamento a busca por estabelecer da forma mais densa possível a relação entre as interlocutoras e a pesquisadora, relação essa que se tornou o objeto da pesquisa. Mapear os contextos das relações visava apresentar as conexões e os caminhos a que cheguei. Os rearranjos do campo trouxeram aproximações e afastamentos dos contatos e fizeram com que eu seguisse o fluxo da rua, muitas vezes me tornando parte da engrenagem das relações, pois minha circulação no campo fazia com que as palavras e os juízos de minhas interlocutoras em relação a seus pares também circulassem.

As comparações feitas por elas através de pequenas fofocas organizavam as “assimetrias” e as relações de prestígio e poder que organizam as ruas centrais, temas que serão abordados no segundo capítulo, intitulado “Prostituição na cena do dia e da noite: mulher prostituta em territórios e territórios em mulher prostituta”. Nele, busco mapear algumas amizades e rivalidades que surgem entre os pontos e algumas formas de associação e negociação do espaço. Tal capítulo busca refazer o percurso da pesquisa, apresentar as mulheres de forma contextualizada e apresentar algumas diferenças entre a prostituição noturna e a prostituição diurna e as relações de prestígio,

que são desenhadas no centro da cidade. A experiência, valentia, rebeldia e “esperteza” são elementos indispensáveis para permanecer na rua e se firmar nos pontos. Discuto ainda a relação entre o fixar-se e migrar/circular pelas cidades e a ligação com o estar presente como mãe na criação dos filhos.

O terceiro capítulo, “Circulando dos pontos às casas”, explica a referente migração, buscando descrever de forma sucinta a relação com a vizinhança e também algumas intersecções nesse trajeto. “O jogo de futebol” é um episódio narrado, em especial, ilustrando as amizades “extra-ponto” das mulheres prostitutas que compartilhavam um ambiente de relações privadas com seus amigos e namorados. Esse foi um evento de grande valia para perceber as conexões e assimilar algumas práticas que se refletiam na rua.

O quarto capítulo tem como título “Famílias e prostituição” e fala sobre alguns aspectos da vida familiar de quatro interlocutoras, sendo que três delas são irmãs e a quarta, Gilda, residia com uma família no momento da pesquisa. As visitas possibilitaram que eu entendesse determinadas construções sobre ser família na prostituição, associação essa que me permitiu ver a impossibilidade da criação de “costuras” na vida cotidiana. Quero dizer que os limites entre a maternidade e a prostituição, não nítidos como se apresentavam, faziam com que os conflitos ou tensões externos se ajustassem ao “movimento da vida” cotidiana, não favorecendo rompimentos ou limites drásticos na separação entre o afetivo e o profissional. Neste capítulo ainda, procuro abordar o “amor”, a “confiança” e a “honra” pela ótica de minhas interlocutoras como elementos intersubjetivos e relacionais, não apenas produzidos no interior psicológico de cada uma.

## 1. Delimitando o campo teórico e metodológico

### Revisitando o campo teórico

A Antropologia aborda o tema prostituição por vários ângulos, tais como sexualidade, violência, gênero, classe, identidade, trabalho, família, e outros. Desejo fazer uma breve revisão bibliográfica ilustrando o que norteou as escolhas desta dissertação. Os autores Freitas (1985), Gaspar (1984), Perlongher (1987), Moraes (1995), Bacelar (1982), Pasini (2000; 2005), Fonseca (1996), Olivar (2010), Benedetti (2004), Silva (2008), Tedesco (2008), Losso (2010) foram importantes referências para ajudar a me situar no debate. Esses trabalhos serão retomados no decorrer da dissertação, estabelecendo diálogos com meus resultados de pesquisa.

Os estudos acadêmicos sobre prostituição iniciaram uma gradual articulação, em boa medida, através de congressos na área de Ciências Sociais os quais abordam o tema e seus desdobramentos por várias vertentes de análise. De modo particular, compartilho do trabalho de alguns autores que discutem as questões de gênero vinculadas ao olhar antropológico. Heilborn (1993), baseando-se na vertente estruturalista francesa, demonstra como o gênero pode ser pensado como parte de um sistema de classificação, coexistindo com outros métodos classificatórios dentro das sociedades. A perspectiva de gênero é utilizada como uma categoria relacional construída nas interações, onde atributos e comportamentos associados ao feminino e ao masculino não estão fixos aos sexos do homem e da mulher. Ao contrário, esses são entendidos como construções que podem circular nos corpos e produzir sentido às relações cotidianas e assimetrias entre suas partes.<sup>2</sup>

O gênero será tomado como o principal marcador de diferença, o que o coloca como um dos pilares dos processos de estigmatização da prostituição feminina e sua prática social. Há outros marcadores sociais igualmente relevantes, como a etnia e a classe social, os quais poderiam ser acionados para compor o universo da pesquisa. Porém, a escolha por esse recorte visa pensar as assimetrias encontradas na relação da mulher na sociedade, questão levantada primeiramente pelo movimento feminista e depois nos estudos acadêmicos sobre gênero.

---

<sup>2</sup> Para uma leitura mais atualizada sobre o gênero como uma categoria relacional, ver Strathern (2006).

Piscitelli (2002), em seu texto “Re-criando a (categoria) mulher?”, fornece um panorama interessante sobre as discussões de gênero ao longo dos últimos anos. O que é central em seu texto é perceber a estreita correlação entre as teorias de gênero e o movimento feminista. Este último, em larga escala, comportou-se como o principal articulador por seu cunho político, de luta pela “desessencialização” da mulher como figura **naturalmente subordinada** ao homem, e buscou construir historicamente o “lugar social” da mulher.

Partindo dessa concepção histórica levantada pelo movimento feminista sobre as assimetrias de gênero, Heilborn (1993) propõe uma leitura do gênero através noção de hierarquia de Dumont (1992), que ao invés de ser uma escala vertical de classificação, consiste em uma relação entre o todo e suas partes. A hierarquia é entendida como uma forma de ordenamento lógico do social, existindo uma relação de unidade e diversidade entre o todo e a parte, ora como componentes complementares, ora como contraditórios. Os níveis hierárquicos desta forma conduzem a uma assimetria entre o superior-englobante e o inferior-englobado, como no caso homem-mulher.

Seguindo ainda a análise de Dumont, este aponta que a posição hierárquica produz outros níveis que permitem ao inferior demandar certo domínio em um determinado contexto. Exemplo disso é a figura da mãe de família indiana, a qual por mais inferiorizada que seja por seu sexo frente a determinados olhares, não deixa de exercer certo domínio em sua família e na casa. Esta concepção de hierarquia associada ao gênero contradiz a posição essencialista de que a mulher esteja no patamar inferior, oprimida, e o homem no plano superior, opressor. Ao adotar essa perspectiva do gênero e da hierarquia, torna-se possível pensar na prostituição como produtora de níveis de diferenciação e identidades, não lhe atribuindo o peso do sofrimento como nas teorias do patriarcado feminista, mas pensando em fluxos que se opõem afirmando e formando as relações de gênero.

Estudos recentes sobre prostituição, cuja finalidade é apresentar a mulher para além dela, buscaram explorar as práticas afetivas e profissionais exercidas pelas mulheres prostitutas, de forma a responder como se processaria a construção de identidades nesta profissão (Freitas (1985), Gaspar (1984), Perlongher (1987), Moraes (1995), Bacelar (1982), Pasini (2000; 2005), Fonseca (1996), Olivar (2010), Benedetti (2004), Silva (2008), Tedesco (2008), Losso (2010)). Minhas primeiras leituras sobre o tema da prostituição foram os textos de Perlongher (1987) e Gaspar (1984). Enquanto o

primeiro versava sobre prostituição viril e o segundo propriamente sobre prostituição feminina, ambos contemporâneos apresentaram leituras bastante diferenciadas e ricas sobre percepções de campo. Gaspar (1984), partindo de uma perspectiva interacionista, analisou como as garotas de programa criavam “limites” corporais simbólicos como forma de registrar no corpo os espaços públicos - referentes ao cliente - e os privados - para o afeto. De acordo com a autora, ao desenharem esses limites em seus corpos, as mulheres circunscreviam a identidade da mulher prostituta, mostrando que esta era apenas parte de uma totalidade da sua figura de mulher.

Diante da especificidade do seu objeto, Perlongher (1987) salientava a ausência das fronteiras no corpo do homem e comentava que as identidades se constituíam de fluxos circulantes, onde desejos e vontades representavam uma correlação de forças proveniente do campo de contato entre o michê<sup>3</sup>, o cliente e outros sujeitos. Essas relações de força não se constituíam limites consolidados, mas circulações que definiam o processo de identificação e construção da pessoa.

Os contrastes e desdobramentos teóricos de ambos os textos propunham uma questão muito relevante na perspectiva das relações de gênero: na prostituição, o masculino não se torna um campo de problematização e estigmatização como o feminino. A identidade deteriorada ou desviante recaía sobre a mulher, como se a prostituição representasse o total de sua prática, enquanto a prostituição viril não se mostrava afetada, necessitando assim delimitar as práticas profissionais e afetivas e buscando a “normalidade” ou uma sexualidade diferenciada.

Algumas referências que seguiram a Gaspar (1984), como Freitas (1985) e Bacelar (1982), possuíam também uma abordagem interacionista, baseada na teoria do estigma de Goffman (1975) e na do desvio de Becker (1977). A recorrência dessas teorias em estudos sobre a prostituição feminina tem como intuito apresentar a mulher prostituta além de uma visão vitimizada ou hipersensualizada. Ao discursarem sobre a produção de identidades através dos limites corporais e simbólicos, esses autores desejavam frisar que essas mulheres não diferem das outras, sendo a prostituição apenas parte de suas trajetórias pessoais.

O trabalho de Freitas (1985), assim como de Gaspar (1984), buscou pensar os limites simbólicos e corporais da mulher prostituta. A preocupação desses autores era

---

<sup>3</sup> Michê é o termo utilizado para designar o homem que se prostitui.

entender como se estabeleciam os limites entre o privado/afetivo e o público/trabalho das relações sexuais, separando deste modo as esferas da vida da mulher e estabelecendo uma região de preservação de seu corpo e identidade reservados a sua vida pessoal. Essas perspectivas contrariam um posicionamento em que as mulheres teriam toda sua vida “contaminada” pela prostituição e o que dela decorre.

Bacelar (1982), que trabalhou a ótica familiar em uma zona de meretrício na região do Maciel, Bahia, também abordou a questão da prostituição como sendo esta apenas mais um meandro da vida das mulheres. O autor mostra a dualidade da vida das mulheres que conciliavam a prostituição e a maternidade. Tais mulheres esperavam seus filhos irem à escola para estender uma toalha na janela, simbolizando aos possíveis clientes que suas residências estavam liberadas à oportunidade de programas.

O registro do autor sobre as famílias visava apresentar a prostituição como uma estratégia de sobrevivência, que não fazia com que as mulheres necessariamente rompessem com os valores de uma família comum, na prostituição eram cultivados vínculos afetivos, de parentesco e de amizade conforme o padrão tradicional de famílias dentro de uma conduta desviante. Ao dizer que as famílias das mulheres prostitutas seguiam padrões tradicionais de constituição familiar como o respeito a regras de matrimônio, ele mostra como a identidade da mulher prostituta não é tão desviante, ou seja, não é alheia aos padrões culturais, sociais e econômicos.

O texto de Bacelar (1982) é importante nesta dissertação para repensar a prostituição pela ótica da família. A discussão que me proponho a desenvolver junto a este autor é com relação a mudar a lente pela qual analisar a prostituição, afastando-me da ideia da prostituição como desvio, e conseqüentemente, do pressuposto de que as famílias formadas a partir desse arranjo sejam mais ou menos agregadas aos sólidos padrões de um valor-família. Minha intenção é apresentar como as esferas da prostituição e da família vão se construindo a um só tempo, se apropriando de formas e valores compartilhados socialmente e produzindo seus sentidos e modelos de família. Por essa ordem, não busco o grau de desvio da prostituição nas famílias, mas sim procuro me centrar em como as mulheres prostitutas compõem suas famílias e como constroem seus modelos a partir de conexões e afastamentos do referencial de família burguesa.

O título do artigo de Fonseca (1996), “A dupla carreira da mulher prostituta”, mantém a ideia de separação entre a vida profissional e afetiva da mulher prostituta,

mas se desvincula da questão do estigma e faz uma análise que integra as mulheres ao cenário social. Ao sugerir o termo mulher prostituta, a autora se afasta dos outros anteriormente descritos, pois sua noção de mulher agrega uma totalidade que engloba a posição da prostituta como uma carreira, não se dividindo com esferas distintas, mas complementares. Ao analisar a mulher prostituta em uma praça central na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil), ela ressalta a presença dessas mulheres em meio a outros grupos que compartilhavam desse local. Essa diluição das mulheres na praça mostra como elas são parte de um todo, de um conjunto da malha social, e não as evidenciam como uma chaga social.

A prostituição se manifesta à pesquisadora através de sua aproximação e da percepção dos discursos e códigos de conduta, os quais ela não havia reconhecido anteriormente. Tratava-se de mulheres prostitutas com idade superior a quarenta anos, algumas casadas e com netos, que iam à praça ou como forma de se socializarem ou para complementarem sua renda. Um dado importante nesta pesquisa é a presença do “velho”, que condensaria os âmbitos público e privado na vida das mulheres. Essa conjunção de relações daria certa unidade às vidas da rua e da casa, dizendo-nos que não há um limite real entre elas e tratando a prostituição como um universo possibilitador de renda e de se encontrar maridos e amigos.

A etnografia de Fonseca (1996) foi de grande importância em minha formação, pois mostrava a questão do estigma dissociada nas relações das mulheres com seu entorno e salientava a prostituição como a representação de um elemento dentro da totalidade da constituição da mulher. Foi a partir desse universo que consegui a solução para pensar essa relação complementar entre as esferas afetiva e profissional de minhas interlocutoras. Elas se comportam de forma relacional, dialogando com os contextos aos quais são chamadas a responder, produzindo uma totalidade da identidade da mulher sem que seja preciso acionar a ideia de uma separação total para sua preservação.

Ainda sobre a etnografia de Fonseca (1996), é válido destacar que ela tem sido um ponto de referência para outros trabalhos na área da prostituição que têm a questão da separação afetivo-profissional como um de seus problemas de pesquisa. Pasini (2000; 2005); Tedesco (2008); Olivari (2010); Losso (2010) partem dessa autora para relacionar a proximidade entre família e prostituição como elementos complementares no cotidiano das mulheres.

Outro fator em comum nos trabalhos previamente citados é a escolha pela modalidade específica da prostituição de rua. Esses estudos foram apresentados e articulados durante um grupo de trabalho sobre prostituição proposto em 2008 no Seminário Internacional “Fazendo Gênero” em Florianópolis-SC, e alguns deles foram retomados em 2010 por ocasião da 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. Os trabalhos apresentados nesses encontros sugerem uma linha geral de interesse no que tange à relação entre família e prostituição. Abaixo seguem as propostas de cada um, uma vez que dialogam diretamente com esta dissertação e fazem assim um recorte no seu tema. A violência contra mulher, a militância política da mulher prostituta e outras questões são também por eles abordadas, mas ficarão em segundo plano em minha própria discussão cujo foco central é família e prostituição.

Discípula de Fonseca (1996), Pasini (2000) mantém a discussão sobre a separação afetivo-profissional. Partindo das narrativas coletadas nos pontos da Rua Augusta em São Paulo, retoma a discussão sobre os limites simbólicos e corporais através das práticas individuais das garotas de programa. As mulheres faziam sua leitura sobre os limites corporais na prostituição os quais se baseavam em métodos como o uso preservativo ou a interdição de não beijar o cliente. Esses limites podem ser entendidos como meios de separar a mulher das substâncias masculinas sêmen e saliva. Essa divisão tratava da preservação do corpo para as experiências afetivo-privadas, deixando assim ao parceiro afetivo a esfera do prazer e do contato com tais substâncias.

A dissertação descreve substantivamente o entorno de seu campo de pesquisa, trazendo a rua como um lugar de socialização e de troca de informações. Posteriormente, em sua tese de doutorado, Pasini (2005) trabalha com a questão dos clientes das mulheres prostitutas da Vila Mimosa no Rio de Janeiro, mapeando as relações entre cafetinas/cafetões, clientes, mulher prostituta, e outros atores sociais que compõem a cena da vida na prostituição. Ao relacionar esses outros atores, Pasini fala da “valentia” como um elemento do universo simbólico masculino, mas que na Vila ganha tons do universo feminino à medida que se constitui como um código de honra. A questão da dualidade público/privado no espaço e na corporalidade se mantém como chave explicativa do trabalho da autora.

Na dissertação de Tedesco (2008) encontrei esse movimento híbrido entre profissão e afeto. Segundo ela, a identidade da mulher prostituta, cujo molde é feito a partir da conexão de todas as experiências que formam a mulher prostituta e também a

mulher, está em movimento. A autora trabalha com a questão do rufianismo em Porto Alegre, RS. A definição mais ilustrativa sobre os movimentos relacionais entre afeto e profissão está na experiência das mulheres prostitutas sobre ser esposa “principal” ou ser “bóia” dos rufiões, seus parceiros. Esses termos nativos em sua pesquisa referem-se à posição das mulheres entre seus rufiões/maridos.

Nesse contexto, formava-se um “harém” ao redor do rufião, onde ser a esposa “principal” significava ser a primeira esposa, e as mulheres prostitutas, chamadas “bóias”, tinham sua superioridade definida hierarquicamente. Tal estrutura revela privilégios e adesões no trabalho e no amor, pois a “principal” agiria como organizadora das relações domésticas e dos “negócios da família”. Além de contribuir com um ponto de vista político para as questões sobre rufianismo e políticas para a prostituição, a autora revela essa conjunção entre a família e a prostituição nas relações matrimoniais. Seu texto trabalha paralelamente a questão abordada por Perlongher (1987), ao falar que as identidades são fluídas e se fazem e desfazem por processos de assimilação e conflito, onde se aprende ser mulher prostituta concomitantemente a ser esposa. O jogo sempre relacional das identidades mulher prostituta/esposa opera o entendimento sobre ser mulher.

Seguindo essa linha, Olivar (2010) estudou diferentes gerações de mulheres prostitutas na cidade de Porto Alegre, RS, tendo como foco a maneira que as mulheres batalharam para se tornar militantes, mulheres prostitutas e mulheres durante os anos 1970/80/90. O autor faz uma reconstrução da noção de “limites”, inspirando os com seu texto a pensar em como tudo está em formação, ressaltando a sutileza do “fazer-se” mulher prostituta e esposa, a maneira que esses acessos são incompletos e deformados e como a partir deles emergem tensões e construções do “fazer-se” mulher. Aprecio essa leitura do autor a qual relata sobre sujeitos incompletos, tensionados e sem limites, que criam e recriam as fronteiras buscando se constituir enquanto sujeitos.

Losso (2010) mapeou os itinerários urbanos da mulher prostituta e suas redes sociais, focando as formas como se organizam as sociabilidades em Florianópolis, SC. Ao percorrer ambos os âmbitos, aprofundam-se as relações com o lugar estabelecendo conexões de hierarquia e prestígio entre os agrupamentos motivados tanto pela experiência no métier quanto pelas associações feitas. O trabalho de Losso (2010) foi crucial para pensar as noções de deslocamento e fixação no espaço da cidade e as noções de prestígio, mas também importante para demonstrar como os pontos são

produtos de relações que podem ser vistas como um negócio de família. Visando haver uma fixação geracional em determinados pontos da cidade, reconstruir tais pontos é também reconstruir a história da cidade. Esse recorte teórico buscou delinear como estão sendo pensadas as questões da separação afetivo-profissional no campo acadêmico. Assim, o objetivo é mapear as percepções sobre como vão se construindo as identidades e as práticas das mulheres na prostituição.

### **Inserção no campo**

Diante do cenário de debates apresentado, a opção metodológica desse trabalho é a etnografia enquanto prática e experiência privilegiadas na tradição antropológica. O trabalho de campo foi o procedimento adotado como condição para a constituição do etnógrafo. Por meio dele, foi estabelecido o contato e as trocas com as mulheres prostitutas de Marília, cujos dados etnográficos serão apresentados nessa dissertação.

Uma questão latente ainda a essa pesquisa refere-se à constituição dos valores locais. As mulheres prostitutas são contemporâneas à etnógrafa e fazem uso da cidade, tornando comum uma série de práticas sociais. Velho (1981) e Magnani (2002) falam dessa condição do ‘familiar’ e de suas implicações em um cenário analítico. Como lidar com o distanciamento mínimo necessário para se promover certa neutralidade e imparcialidade quanto aos dados coletados? Fazer antropologia da cidade e nela constitui uma tensão que deve estar presente no horizonte do etnógrafo de modo que ele não faça da fala nativa a sua explicação.

De acordo com Geertz (1989), o resultado da etnografia é sempre a interpretação a que chega o antropólogo. Desta forma, todo o trabalho tomou por base a construção de diálogos a qual buscou “falar com elas e para elas”. A etnografia se constitui como um arranjo onde o etnógrafo, a partir da descrição densa de seus dados, produz um universo explicativo intermediário entre suas concepções particulares – provenientes dos valores de sua cultura – e o conjunto de apreensões dos valores “nativos”. O quê a etnografia deixará transparecer não é o particularismo de suas ideias e nem tampouco a lógica do outro, mas uma interpretação criada a partir da relação entre eles (GEERTZ, 1989).

O saber etnográfico desenvolve-se a partir do contraste e das similaridades entre aspectos da cultura do etnógrafo e do nativo como produto da observação cuidadosa. É

a partir da contextualização da troca entre o etnógrafo e o nativo, ambos enquanto produtores e produtos de sentidos e significados culturais, que se sustenta a base do conhecimento etnográfico. A prostituição não se organiza no vazio – ela está circundada por uma rede de relações as quais compõem seu contexto, mas tem a própria mulher como uma relação. Tal estrutura formada a partir da mulher permite trocas entre as esferas afetiva e profissional, sendo que uma das ramificações possíveis de troca está centrada na família.

Essa pesquisa dividiu-se em dois períodos articulados ao longo do trabalho: o primeiro abrange minha pesquisa de iniciação científica entre 2004 e 2007, e o segundo se refere ao ano de 2009, período de coleta de dados para a dissertação de mestrado. A importância de reinserir a análise de alguns dados presentes em Sganzella (2007) deve-se, primeiramente, à contextualização de algumas relações já existentes com as mulheres prostitutas, as quais foram retomadas e aprofundadas na atual etapa da pesquisa. Há também a proposta de releitura de alguns dados, pois a soma desses ao contexto atual fez-me perceber semelhanças discursivas futuramente exploradas neste texto.

A fim de contextualizar a relação, descrevo parte de minha experiência de iniciação científica com mulheres prostitutas de Marília. Meu contato com as da Rua Nove de Julho foi anterior ao objetivo de realizar a pesquisa. O pensionato onde residi durante o primeiro ano de faculdade era um sobrado comercial: embaixo da pensão funcionava uma papelaria cuja calçada abrigava um ponto de táxi onde as mulheres ficavam conversando com os taxistas enquanto esperavam seus clientes.

Meu encontro diário com os taxistas e com as mulheres proporcionou uma familiaridade entre nós. No entanto, a relação mais amistosa com as mulheres decorreu de encontros fortuitos em uma barraca de pastel em frente à pensão. Lá eu quase sempre eu fazia minhas refeições e conversava um pouco com elas sobre assuntos corriqueiros, como as horas, informações sobre ruas da cidade, preços de produtos no mercado, e até mesmo respondia perguntas sobre minha vida particular, como sobre minha cidade natal e origem familiar. Em cidades de interior, principalmente entre pessoas de gerações anteriores a minha, é comum questionar o sobrenome ou nome dos familiares a fim de descobrir uma origem de parentesco e conseqüentemente o pertencimento ao grupo local. De acordo com Elias (2000), esse processo de reconhecimento da comunidade é a base fundadora do pertencimento, da criação de identidade, da inclusão e da comunhão

de valores daquele grupo; afinal o estrangeiro é digno da desconfiança por não se saber suas intenções.

As perguntas sobre mim eram recorrentes entre as mulheres, os taxistas e outros moradores da cidade. Mesmo ao dizer que eu não era da região, a insistência por entender a qual núcleo familiar eu pertencia era usual e quase sempre se buscava criar algum elo comum, seja pela minha cidade natal ou pelo meu sobrenome. Tal questão do pertencimento foi marcante para desenvolver maior cumplicidade com as mulheres. Apesar do fato certo de que elas não se lembravam do meu nome, sempre se dirigindo a mim como “vizinha”, isso foi positivo já que me fez entender que eu começava a pertencer aquele lugar e aquelas pessoas. As mulheres moravam em diferentes regiões da cidade, mas passavam parte do seu dia naquela rua, sentindo-se parte dela e minhas vizinhas.

Foi em 2004 que houve a conversão da amizade em campo de pesquisa, a qual foi construída durante o curso sobre fundamentos da sociologia, quando comecei a ter contato com textos sobre consumo de massa e feminismo (ADORNO, 1985; BUTLER, 1995; MARCUSE, 1969; PERROT, 2004)). Os referidos textos foram centrais para meu amadurecimento científico e tendo sido incorporados na construção do objeto, foram em grande medida orientadores determinantes em minha pesquisa. Na minha busca por conhecimentos, o tema da prostituição se tornou fascinante para mim, pois me encantava refletir sobre como aquelas mulheres, “minhas vizinhas”, ocupavam o espaço da cidade e da rua a seu modo. Nossa ligação havia se tornado bastante forte, à medida que eu direcionava mais horas do dia conversando com elas sobre assuntos variados, inclusive sobre sua profissão e sobre a maneira com que lidavam com os preconceitos e julgamentos aos quais estavam submetidas por suas escolhas.

Houve certo período em que minha aproximação com as mulheres ficou estremecida. Até então, aos dezessete anos de idade, meu contato com esse segmento de mulheres havia sido quase nulo. Assim, nesse momento, eu tentava organizar meus pensamentos com relação ao que eu entendia sobre a prática da prostituição e principalmente com relação a minha visão das mulheres que se prostituíam. A meu ver, a prostituição acarretava uma ideia de juventude, centrada na relação comercial do corpo jovem da mulher, na venda do serviço sexual e no processo de sedução. Saber que aquelas jovens senhoras eram prostitutas me levava a inúmeros questionamentos acerca do campo prostituição, ponderando tudo aquilo que eu pensava entender sobre o

assunto. Além disso, querer muito entender todo aquele universo e sua visão sobre mim era um desejo que me afligia.

Na introdução de seu texto, Olivar (2010) descreveu sobre essa relação estranha, obscura e distanciada com a prostituição de que nós compartilhamos anteriormente à função de pesquisadores. Além disso, foi relatado também o estigma que envolve nossa visão sobre a mulher prostituta, o qual se torna difuso após o contato com o campo. Tomando-o como referência, explico minha ingenuidade quanto à percepção daquela realidade: no mesmo espaço em que eu convivía, muitos outros “mundos” surgiam sem que eu tomasse conhecimento deles. Eu via o “mundo” da prostituição como algo obscuro e triste, e entendia que as mulheres as quais “caiam<sup>4</sup>” na prostituição eram **vítimas** de sua sorte.

O estreitamento dos laços condicionou-me a buscar uma metodologia de pesquisa que contemplasse essa relação. Optando por trabalhar com memória, através da História Oral<sup>5</sup>, os resultados obtidos levaram-me a refletir sobre a importância do uso do gravador nas histórias, bem como na relação pesquisador-pesquisado. A existência de um programa municipal de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis levava agentes de saúde e alunos de psicologia às ruas de Marília para orientar as mulheres sobre questões de higiene e saúde.

O uso do gravador e dos diários de campo durante o processo terapêutico gerou uma padronização das respostas dadas pelas mulheres. Quando iniciei a “coleta os dados” fazendo uso do mesmo instrumento dos psicólogos, fui realocada em diferente combinação de relações. Pude perceber que assim as mulheres engatilhavam os fatos de sua vida bem como as justificativas dos eventos relatados. A princípio, fiquei impressionada com o material que me apresentavam, pois as falas continham uma

---

<sup>4</sup> É interessante a noção da prostituição como um mundo com portas. Era recorrente ouvir das mulheres a utilização de verbos como “entrar” e “sair” como se a prostituição fosse um universo paralelo aos outros. Ao falar da expressão “cair na vida”, Don Kulick (2008) configura-se um ponto interessante dentro dessa dinâmica, já que tal ideia liga-se a todo esse sentido obscuro que se produz a partir da prostituição como “submundo”. Neste caso, a prostituição ganha um tom de regressão, contrário ao da expressão “subir na vida”, por exemplo.

<sup>5</sup> O modelo da História Oral deriva da História dos Annales, escola de pensamento historiográfica inaugurada por Marc Bloch e Lucien Lefebvre. A proposta desses autores contrapõe-se à “História Tradicional”, que tinha como documentos oficiais aqueles produzidos pelas elites. Os autores desejaram assim construir dados a partir dos vestígios de cartas e relatos orais da população em geral com o intuito de ampliar a presença de outros sujeitos históricos. Assim, a essa escola ligam-se termos, como “história de baixo”, devido ao ponto de referência dos dados coletados. Ao criar outra fonte de documentação, acreditava-se sanar uma irregularidade da História a respeito da omissão de certas classes sociais. (BURKE, 1991; PERROT, 2003; PORTELLI, 1997<sup>a</sup> e 1997<sup>b</sup>; QUEIROZ 1988)

revisão biográfica que sinalizava todos os descaminhos acontecidos os quais as levaram à prostituição. O tom linear da narração e a acentuação sobre infâncias pobres, casamentos forçados, gestações indesejadas, faltas de oportunidade de trabalho criavam um explicativo eixo de vitimização. O conforto que as mulheres sentiam comigo acarretou um desconforto frente à psicóloga com quem conversavam. Segundo minha principal interlocutora, a preferência que tinha em falar comigo justificava-se por eu estar mais próxima dela do que os alunos com seus jalecos e suas palavras difíceis. Ela ainda afirmou que recordava da minha presença no seu dia-a-dia.

A intensidade da minha relação com o campo dava-se em atividades como participar das comemorações particulares (como churrascos e aniversários da *família*<sup>6</sup> no hotel de Dona Maria, onde Gilda residia), acompanhar Roseli aos cultos religiosos e a visitas a sua mãe doente, ou mesmo levar sua filha à rodoviária. Esses pequenos episódios cotidianos distanciavam-se das explicações com tons de vitimização e estigmatização registradas em meu gravador (GOFFMAN, 1975). Desse modo, mais uma vez minha posição no campo estava em questão por eu saber demais, levando-me a um dilema ético entre o vivido e o gravado. Eu me sentia como se estivesse ocultando informações, pois o quê me foi autorizado divulgar era apenas o documentado pelo meu gravador.

Construí minha monografia tomando como relevante os dados obtidos pelas gravações, cujo foco era refazer os (des)caminhos das memórias das mulheres. O uso do gravador mostrava-se eficaz nessa noção de estar dando voz às mulheres, uma vez que essa era uma forma de transpor um silêncio ao qual eu acreditava que elas estivessem fadadas. Posteriormente, entretanto, o uso desse mecanismo tornou-se passou de instrumento eficaz a um empecilho à minha relação de amizade. Nosso companheirismo se tornava mais significativo do que o conteúdo das gravações, o quê me fez buscar a prática etnográfica justamente como forma de poder considerar os dados que possuía, mas que desconsiderava como itens de pesquisa.

Em acordo com Debert (1988), refleti que a História Oral e as histórias de vida são modelos interessantes, se não deixassem como que ingenuamente de considerar que as falas sobre o passado processam-se no presente. Como há múltiplas relações

---

<sup>6</sup> O termo *família*, em itálico, refere-se ao uso nativo. Esse termo será mais bem desenvolvido posteriormente, pois diz respeito aos arranjos, de ordem consanguínea ou não, constituídos pelas mulheres.

produzidas no campo da memória, deixar de considerar que a interpretação do passado produzida pelo interlocutor se faz no presente significa omitir que o intérprete seja produto de um lugar e tempo específicos e que sua perspectiva sobre si e sobre os acontecimentos refletem as forças que o envolvem no presente descrito.

Um exemplo que ilustra minha busca em vencer o estigma existente em minha forma de pensar foi ser companheira de culto de Roseli. Essa experiência levou-me a avaliar minha trajetória pessoal, uma vez que eu não conseguia articular bem o fato de que Roseli, cuja ocupação<sup>7</sup> a tornava discriminada socialmente, participava assiduamente de um culto religioso onde estava vulnerável aos olhares dos demais participantes. O pastor da igreja também sabia da profissão de sua fiel Roseli e incentivava sua presença nas reuniões dominicais. A combinação dos fatores evangélica e prostituta, somados a meu processo pessoal de “estranhamento” aos valores religiosos, fez com que eu a acompanhasse sempre às reuniões para diagnosticar como os “outros” lidavam com tal estigma.

A questão da espiritualidade das mulheres prostitutas não era uma questão etnográfica propriamente, mas para mim configurava-se uma busca para conciliar meus desarranjos de “crença”. Embora eu tenha crescido inserida em uma família com forte tradição católica, durante a graduação eu me afastei dessa realidade temporariamente por me encontrar em um processo de distanciamento religioso e de forte vínculo às questões sociais e à crítica ao poder da instituição. Entretanto, a aproximação com Roseli e com a proprietária do pensionato incentivou-me a conhecer outras formas de manifestação da espiritualidade. Durante a pesquisa para o mestrado, meu olhar atentou-se para a presença de imagens e outras formas de manifestação espiritual que minhas interlocutoras expressavam, demonstrando que a prostituição não trazia um abandono da espiritualidade, a qual era um segmento importante na vida pessoal de cada uma. Assim como elas migravam de uma instituição para outra que oferecesse maior aceitação da sua ocupação, havia também rearranjos de valores em outros setores da vida dessas mulheres na busca de maior acomodação e equilíbrio.

Naquele momento, o estigma foi tratado como noção e categoria de análise. A reavaliação dos dados tornou-se importante, pois em Sganzella (2007) o estigma foi

---

<sup>7</sup> Utilizo o termo ocupação para a prostituição, pois assim já é reconhecido pela legislação brasileira no Catalogo Brasileiro de Ocupações (CBO), no entanto há um amplo debate nacional e internacional sobre as questões da prostituição ser uma profissão. (Para maior aprofundamento dessas questões, ver Simões (2008); Olivar (2010), Tedesco (2008);Leite (2009))



tinham clientela fixa, então elas apareciam na Praça da Igreja São Bento na hora combinada com os clientes e depois se dirigiam à barraca de sucos para conversar com suas colegas.

Tal contexto aproximou-me da etnografia de Fonseca (1996), pois revelava que a sedução que envolve a prostituição e sua clientela não se fixava exclusivamente na beleza da juventude. Havia outros atributos que estavam sendo articulados nesse jogo entre mulher prostituta e cliente e os pontos não se constituíam apenas como locais de trabalho, mas também locais de socialização. Essas questões ficaram fortemente marcadas no texto de Pasini (2000), pois ela descrevia as inúmeras trocas de bens e informações ocorridas nos pontos.

Para delinear as percepções das mulheres prostitutas sobre a rua e sobre o estigma, eu desejava atingir suas diversas faixas etárias. Uma de minhas conhecidas do ponto de táxi entrou em contato com Pablo, gerente e proprietário do hotel Real, o qual me apresentou Zuca. À porta do hotel de Pablo sempre se encontravam mulheres sentadas nos degraus, aglomeradas buscando se esconder do sol, olhar as vitrines e conseguir seus programas. Alguns hotéis, no perímetro da Rua Nove de Julho e nas ruas transversais, além de desenvolver suas atividades comerciais corriqueiras, alugavam quartos para as mulheres realizarem seus programas pelo custo de dez reais pagos pelo cliente. A atividade da prostituição garantia a maior parte do rendimento nesses estabelecimentos, o quê representava uma teia de comércio ao redor da prostituição, não abrangendo apenas o ramo hoteleiro, mas também os taxistas, mototaxistas, comerciantes, entre outros.

Zuca foi minha primeira interlocutora com idade inferior aos trinta e cinco anos. Todos os assuntos por ela abordados, como seus filhos e seus períodos na rua, foram superficialmente abordados. Com explicações diretas e sistemáticas, ela foi um pouco resistente a outras conversas comigo, mas após certo tempo minha presença deixou de ser incômoda. Zuca passou então a conversar à vontade, me ensinando a enxergar algumas características de sua realidade, como a localização dos pontos e as ruas e horários de maior circulação, e também apontou pequenos riscos e pessoas que eu deveria evitar. Minhas conversas com a interlocutora eram sempre breves porque clientes ou outras mulheres, com as quais era bem relacionada, vinham a seu encontro e ela me deixava sozinha. Desde sua adolescência, abrangendo um período de cerca de

dez anos, Zuca e suas duas irmãs, Zuleica e Marta, se prostituíam na Rua Nove de Julho.

Uma vez que durante minha iniciação científica dediquei o período do dia para a pesquisa, não tive contato com as irmãs de Zuca, as quais só trabalhavam à noite. Somente em 2009 fui conhecê-las, juntamente com a mãe das três, Dona Ambrósia, também conhecida de todos os envolvidos na prostituição na Rua Nove de Julho. Tal período me possibilitou perceber a prática da prostituição feminina, sem, contudo, entrar em contato com outras relações que se estabeleciam com a referida rua. Pelo período do dia mostrar-se mais “seguro”, conforme indicação de Zuca e de outras conhecidas, era preferível que mantivesse essa escolha. Ainda segundo as orientações da interlocutora, o período matutino era mais longo que o noturno e favorecia minha permanência diluída entre os transeuntes da rua, tornando minha presença nos pontos menos exposta a pessoas e a qualquer risco.

Retomando Dona Ambrósia, é válido explicitar que Zuleica e Marta são suas filhas biológicas e que Zuca, sua filha adotiva, foi entregue ainda bebê aos seus cuidados. Em meados dos anos 80, Dona Ambrósia deixou o marido alcoólatra, desempregado e violento e mudou-se com as filhas para uma região próxima a São Paulo, onde ficou por dois anos. Sem estudos, não conseguia emprego para sustentar a família até que uma amiga lhe indicou um hotel onde trabalhava. Lá, Dona Ambrósia começou como camareira, e depois incentivada por uma amiga veio a se relacionar com os clientes do hotel, os quais lhe ofereciam pequenas quantias como presentes. Assim como também fez sua filha Zuleica posteriormente, ela passou a ter programas como forma exclusiva de sustento.

No final da referida década, Dona Ambrósia retornou à Marília, onde foi residir na zona de meretrício da cidade, nas proximidades do atual cemitério municipal. Por seus parentes serem frequentadores de uma designação religiosa protestante rígida, eles a abandonaram por ter findado o casamento e iniciado sua vida na prostituição. Como não tinha com quem deixar suas filhas e recusava a idéia de entregá-las para adoção, Dona Ambrósia carregava-as para onde fosse, o quê fez com que elas vivessem todo o cotidiano da zona. Ao final da década de 90, as três irmãs começaram a batalhar<sup>8</sup> na mesma zona de meretrício onde moravam. Enquanto a zona nessa época já não

---

<sup>8</sup> Batalhar é um termo êmico que se remete ao trabalho realizado na rua, no caso a realização de programas.

apresentava grande clientela, as ruas e algumas boates<sup>9</sup> de Marília fortaleciam-se como os pontos de prostituição.

Os cafetões ou gerentes das zonas perdiam a política de domínio da prostituição para as travestis prostitutas, as quais cobravam seus pedágios nas principais ruas do centro da cidade. O aumento da procura por essas ruas desencadeou uma privatização das calçadas do centro comercial de Marília à medida que pequenos grupos de travestis prostitutas iam se consolidando como “proprietárias” de determinados espaços. Tal ideia de que a rua se constituía de pequenas propriedades privadas com fronteiras ou limites criados pelos seus usuários foi de grande valia para eu entender as diferenças entre os pontos de travestis prostitutas e aqueles de mulheres prostitutas.

Posteriormente, Zuca me apresentou Roseli, a qual frequentava sempre o mesmo ponto ao lado da saída do terminal de ônibus, ficava sozinha e algumas vezes se encontrava no bar. Minha aproximação com ela se deu com maior facilidade e eu sempre recorria a ela em minhas caminhadas e conversas na rua. Em nossas conversas, que eram mais longas e detalhadas, Roseli explicou que sua cidade natal era Lucélia, próxima a Marília, e que não conhecia seu pai porque na época sua mãe era prostituta e residia e trabalhava nas zonas de meretrício à beira de estradas. Em Jundiaí, casou-se jovem e assim se manteve por dez anos, tendo um filho com seu marido e uma filha de outro relacionamento enquanto esteve separada. Em 1998, ela decidiu abandonar o casamento e os filhos na referida cidade e se dirigir à Marília já que seu marido era severamente alcoólatra e agressivo, batendo nela e também em seus filhos.

Em Marília, Roseli então se estabeleceu no hotel de Pablo e foi trabalhar com Muca, sua prima. Nossa relação tornou-se bastante estreita durante a pesquisa: eu recebia convites dela para assistir filmes e almoçar nos finais de semana em sua casa. Essa condição de proximidade levou-me a frequentar outros espaços como os cultos religiosos e a casa de sua mãe que sofria muito de hipertensão. Por eu estar próxima a Roseli e visitá-la com ela, a mãe de Roseli dizia achar que eu era sua colega na rua, ao quê ela se referia como um desperdício, pois me achava educada e inteligente. Era interessante perceber que, na visão dessa senhora a qual também havia trabalhado na prostituição a maior parte de sua vida, a prostituição era tratada como uma escolha feita

---

<sup>9</sup> A boate Luxo Drinks, à beira da estrada de Avencas, era uma das mais procuradas no período. Havia outros pontos, os chamados “inferninhos”, que se mesclavam na função de boate e zona de meretrício. Além disso, não menos comuns eram as boates GLS para o público homoafetivo.

por pessoas sem oportunidades. A fala de minha interlocutora reproduzindo a de sua mãe remetia à noção de que era preciso reprimir as pessoas que enveredassem por esse caminho.

A disputa que percebi quanto à atividade da prostituição entre Roseli e a mãe, duas mulheres de gerações diferentes com a mesma profissão, foi ilustrativa para me permitir enxergar certos desarranjos entre as mulheres prostitutas também de diferentes gerações que permanecem na rua. Notei que os núcleos de fofocas e especulações das mulheres prostitutas com a intenção de desvalorizar umas e valorizar outras também fazia parte das relações de poder no campo. A mãe de Roseli, que se sentia superior por já haver conseguido se desvincular da prática da prostituição e ter obtido o benefício da aposentadoria, desencorajava a presença da filha na rua, que via o mundo de sua ocupação como sedutor apesar dos pesares, e essa era uma grande causa de conflito entre elas. A mãe subestimava a capacidade da filha em alcançar o que ela havia alcançado, enquanto a filha enxergava um derrotismo por parte da mãe por não conseguir estar na rua devido a sua convalescência e idade.

Pasini (2000) fez-me lembrar de como o jogo de sedução, valorizado por Roseli, compõe esse universo de sociabilidade e de trocas da prostituição, criando níveis e hierarquizações nas interações. Quando associamos a prostituição e suas práticas ao campo da sedução, é possível desviar o foco do universo da vitimização e do estigma para então observar a prostituição como um campo de forças que demanda uma gama de trânsitos e o manuseio das ferramentas por parte das mulheres que com ela trabalham.

Conheci também a filha de Roseli, a qual tinha doze anos na época. A mãe e eu sempre conversávamos muito sobre futuro da menina e o quanto ela gostaria que sua filha estudasse e frequentasse uma faculdade. Quando a garota estava em nossa companhia, ela questionava a filha sobre o que gostaria de ser quando crescesse e pedia que se espelhasse em mim por eu ter conseguido estudar em uma faculdade em que não pagava mensalidade e ainda recebia salário. Muitos foram os momentos em que eu conseguia flagrar Roseli em sua vida familiar ou mesmo em seus relacionamentos com parceiros ou vizinhos, e todas essas condições iam se conectando e me mostrando como se formava, a um só tempo, um modo de viver de uma mulher que se fazia mulher prostituta, mãe, parceira e filha.

Foi Muca, prima de Roseli e uma das primeiras mulheres estabelecidas na Rua Nove de Julho, que a incentivou a entrar na prostituição, inicialmente como forma de

sustento já que o trabalho de doméstica não a motivava pela remuneração. Roseli me contava que o longo período que passou sendo destrutada por seu marido fez com que ela perdesse parte de sua autoestima; no entanto, ao seguir os passos das familiares e se inserir nesse universo sedutor em que era cortejada por diversos homens que a desejavam e ainda conseguia se sustentar com isso, ela se sentiu motivada a se manter nessa prática.

Quanto à organização dos pontos *da Nove*<sup>10</sup>, a princípio eu não conseguia enxergar que ela seguia uma lógica própria e não aleatória. Para ficar em um determinado local era preciso compartilhar um conjunto de características que diziam respeito às práticas próprias. Por exemplo, Muca, Roseli e Carla (filha de Muca) dividiam os clientes do Bar do Ted, estabelecimento conhecido na cidade por ser ponto de prostituição e de drogas, onde todo tipo de pequenas trocas ilegais ocorriam durante o dia tornando-se assim alvo constante de ações policiais e sanitárias.

Muca instalou-se na Rua Nove de Julho no final dos anos 70 e sempre viveu daquele espaço. Sua experiência naquele local rendia-lhe privilégios e poder em relação às outras mulheres da rua, inclusive às novatas. Era ela quem controlava toda a movimentação *da Nove* e sua autoridade naquele perímetro estendia-se por uma ampla rede de relações, sendo sempre acionada quando ocorria algum desentendimento no bar ou na área de sua influência. Sua personalidade bastante forte combinava com seu semblante fechado e sua voz alta, características essas que se reforçavam nos desencaixes promovidos pelos não pagamentos e por bebida em excesso entre clientes e mulheres prostitutas.

A fama de Muca rendia-lhe frequentes e numerosos clientes, os quais pagavam as bebidas que ela consumia. Por namorar um traficante, ela tinha o domínio e o respeito de outro conjunto de mulheres, as usuárias de drogas, as quais conseguiam programas através de Muca para poderem saciar seu vício. Infelizmente tecer contato com ela era bastante difícil por sua intensa e extensa rede de relações. Eu apenas conseguia conversar com Muca quando ela vinha chamar Roseli, avisando que o cliente estava a sua espera, ou quando a encontrava na casa de Roseli. Interessante expressar que sua figura fechada e briguenta desfazia-se nas conversas informais que tinha com ela.

---

<sup>10</sup> O termo em itálico “*da Nove*” refere-se à Rua Nove de Julho. As mulheres prostitutas que não circulam nessa área fazem referência às que lá circulam como “as mulheres *da Nove*”. Esse termo nativo revela uma desvalorização das últimas por estarem nessa posição.

Apesar de se mostrar bastante doce com sua filha e prima e também ser atenciosa e preocupada com os netos e sobrinhos, Muca era bastante reservada e não apreciava a presença de estudantes, agentes de saúde ou pessoas alheias ao universo da prostituição. Ela tolerava minha presença constante na rua, pois eu já havia conquistado confiança de muitos dos que estavam ao seu redor, inclusive suas antigas conhecidas dos “áureos tempos” na Rua Nove de Julho. Afirmava que todos que ali paravam ou atrapalhavam o andamento dos fluxos, chamando a atenção dos policiais e comerciantes, os quais sempre abordavam as mulheres quando essas se aglomeravam em algum ponto.

Muca, aos 57 anos, comparecia diariamente na *Nove* e tal qual uma gerente, fiscalizava o andamento do bar e vigiava a presença de estranhos ou novatos que desarmonizavam o espaço ao desejar se instalar lá sem consentimentos das demais, podendo trazer problemas para o andamento da rua. Assim como as outras mulheres prostitutas mais antigas da rua, Muca fazia seus programas atendendo aos clientes fixos, mas prioritariamente dedicava-se a outros afazeres. Sua gestão restringia-se ao período diurno, portanto quase não se ouvia falar sobre ela à noite. Sua figura, assim como a de Dona Ambrósia citada anteriormente, foram pistas importantes para compreender alguns arranjos dessa Rua e particularmente de algumas outras, bem como entender uma fina e estreita rede que se organiza naquela área a partir delas.

Traçando um paralelo entre Muca e Dona Ambrósia, pode-se dizer que a primeira se impôs no espaço por seu senso de autoproteção. No início da ocupação, ela enfrentava toda sorte de pessoas: clientes, guardas, mulheres prostitutas, esposas de clientes, comerciantes e travestis. A figura de Muca foi sendo criada e reconhecida pelo medo que ela impunha por se envolver em brigas e outras situações, marcando-lhe uma conduta opressora. Já Dona Ambrósia possuía um perfil carismático, já que suas filhas e ela haviam conquistado a rua através do respeito e que se estendia às relações com a comunidade em que residiam. Uma vez que sua casa servia de abrigo às iniciantes, Dona Ambrósia era lembrada pelas mulheres mais antigas como simpática e acolhedora.

Um ano após o início da pesquisa, eu já havia ganhado certa liberdade para circular no hotel. Porém, Pablo teve que vendê-lo tanto para pagar suas dívidas quanto por conta das constantes inspeções policiais e sanitárias que interferiam na sua clientela.

### **Do Hotel de Pablo ao hotel de Dona Maria**

Após posterior fechamento e demolição do hotel de Pablo, as mulheres migraram para o hotel de Dona Maria, “tia” de Gilda. Dona Maria alugou um quarto do hotel para Gilda, quando esta chegou de Assis para se estabelecer na cidade. A relação duradoura entre ela e os familiares de Maria criou um forte vínculo afetivo, por isso a denominação “tia”. Como eu seguia o fluxo da rua e o hotel localizava-se na Rua Nove de Julho, entre a Avenida Sampaio Vidal e Rua Carlos Gomes, rapidamente Dona Maria interagiu comigo e me apresentou Gilda.

Essa família foi particularmente importante na trajetória da pesquisa, pois se constituiu outro núcleo doméstico de relações. Assim como com Roseli, com Gilda eu conseguia acessar um espaço mais íntimo do que aquele dos pontos. No caso dela, seu ponto era também a residência de sua família, combinação essa que permitia entender como se desenrolavam algumas cenas cotidianas e também as pequenas tensões e conflitos provenientes desta fusão moradia-lugar de programas, assim como era o caso da Vila Mimosa, descrito por vários autores (MORAES, 1995; PASINI, 2005). Em muitos dos finais de semana em que estive no hotel conversando com Gilda, chegavam clientes como padeiros e açougueiros os quais traziam pequenas compras como pagamento de seus programas. A namorada de Gilda, à época, não gostava dessas situações e quase sempre discutiam na frente de quem estivesse por lá.

Gilda nasceu e morou até os 18 anos em Cianorte, PR, onde foi separada de seus quatro irmãos e adotada ainda criança. As lembranças de Gilda sobre sua família adotiva eram bastante positivas porque a mãe adotiva ofereceu a ela todos os benefícios como educação, brinquedos e outros recursos para o crescimento saudável de uma criança. Aos onze anos, a mãe biológica pediu a restituição da guarda e a conseguiu, alegando que quando da oferta à adoção, ela não tinha condições de criar a filha. Sair do doce seio da família adotiva e ter residir com pessoas estranhas, embora sendo sua família biológica, foi um fato marcante na vida de Gilda, o qual permeou suas escolhas de abandonar a escola e conhecer seu ex-marido as 16 anos, quando engravidou dos gêmeos, Jessé e Jéssica. Aos 18 anos, quando flagrou sua mãe e seu marido na cama, ela deixou a casa materna e imediatamente mudou-se para a casa do pai em Curitiba. No entanto, a convivência entre ela e pai não era pacífica – havia uma estranheza entre eles pelo fato de que o pai tinha sido preso por roubo e mantido em

reclusão sem contato com os filhos até que ela tivesse 14 anos, época em que o conheceu.

Em 2000, Gilda pegou poucas peças de roupa para não levantar suspeitas de que estava saindo de casa e foi para a cidade de Assis trabalhar para uma agência que recrutava jovens pelo jornal para dançar em clubes noturnos de diversão. O salário era suficiente tendo em vista a quantidade de horas semanais trabalhadas e que a moradia e alimentação eram inclusas. Mais tarde, a ingenuidade somada à nova possibilidade de vida levou Gilda para uma casa de strip-tease no interior de São Paulo. O acordo dizia que ao salário recebido seriam descontados os valores da passagem e da estadia e seria acrescida uma comissão sobre as bebidas vendidas aos clientes.

Ainda adolescente, Gilda ficou com vários garotos e havia tido relações sexuais ocasionais com eles, o quê a fez crer que não teria sérios problemas com a realização de programas. Nos primeiros dias, ela conseguiu se desvencilhar dos programas e se divertir fazendo performances de strip-tease; no entanto, seu primeiro programa teve uma conotação negativa, pois me relatou ter ficado horas no banho buscando se livrar do cheiro do cliente e das lembranças. Esse seu primeiro programa foi junto com outra garota, Buana, que depois se tornou sua amiga e a convidou para deixar o lugar e se mudar para Marília. O início de sua carreira em Marília se deu na boate Luxo Drinks, a cuja rotina ela disse não ter se adaptado devido ao forte apelo ao uso de bebidas. Após dois meses de trabalho lá, ela se mudou para o Hotel de Dona Maria.

Gilda era diferente das mulheres prostitutas da Rua Nove de Julho, pois era muito jovem e bem articulada. Na boate fez vários amigos universitários com os quais saía aos finais de semana, mas não se enturmava com as mulheres da rua e tampouco com as do hotel de Dona Maria. Minha interlocutora dormia durante o dia para não enfrentar problemas com as mulheres prostitutas do hotel e apenas começava seus programas, os quais realizava em seu quarto, no período em que o estabelecimento estava sem movimento. Havia dois fatores primordiais que se mostravam uma barreira à interação de Gilda com as demais mulheres: seu nível de instrução, que fazia com que as mulheres não gostassem ou não acompanhassem os assuntos comentados por ela, e sua vinculação com policiais militares (“as forças da ordem”) que não a importunavam quando ocorria algum arrastão na rua.

Gilda tinha a mesma faixa etária de Luzia, filha da Dona Maria, que também residia no hotel. Elas eram fortemente ligadas, saíam sempre juntas e Gilda se acabou se

tornando “madrinha postiça” do filho de Luzia. No nascimento de Júlio, Luzia convidou Gilda para ser madrinha de batismo do menino, porém seu marido, Flávio, pediu que a irmã dele batizasse o filho. Hoje Flávio se arrepende da escolha porque a madrinha “oficial” não se importa com seu filho, o quê fez de Gilda a madrinha de Júlio por legitimidade de afeto. Tal laço selou a parceria entre a família de Dona Maria e Gilda.

No final de 2007, Dona Maria vendeu o hotel por efeito da tensão entre as mulheres prostitutas e os policiais na Rua Nove de Julho. Os soldados da Polícia Militar que diariamente levavam as mulheres prostitutas e as travestis prostitutas para o Plantão Policial ameaçaram prender Dona Maria por lenocínio.

A rua, naquele período, ficou bastante agitada com o fechamento do bar onde Muca ficava e com a morte de uma mulher prostituta, crime cuja autoria e motivo não se sabia, havendo apenas suspeitas de que o assassinato teria ocorrido por uma dívida com um traficante local ou por “queima de arquivo”<sup>11</sup> policial. A filha recém-nascida da mulher assassinada ficou sob os cuidados de Zuleica, já que a avó materna da criança recusava-se a aceitar a neta por ter rompido com a filha. Entretanto, não podendo ficar com Zuleica sem autorização judicial, a criança foi conduzida para a residência da avó paterna. Ainda sobre aquele dado momento, as mulheres e as travestis estavam alvoroçadas pelas ações do policiamento que as recolhiam e abandonavam no meio da estrada. A esse respeito, Roseli sempre recordava do caso de uma garota grávida que foi deixada à beira da estrada por policiais, sem nenhuma forma de comunicação. Por ter precisado caminhar até a cidade mais próxima, a menina teve complicações em sua gestação e chegando a fazer um parto prematuro.

Nunca minha presença foi tão requisitada pelas mulheres como naquele período. Quando os soldados da polícia militar passavam, muitas delas aumentavam o volume da voz como uma afronta aos guardas, dizendo que eu poderia falar de tais os abusos aos meus professores da faculdade e aos direitos humanos. Essa efervescência marcou um momento de conexão entre toda aquela dispersão de lugares e mulheres, que se encontravam cansadas da violência simbólica e física de que sofriam. As travestis e alguns participantes do movimento LGBTT (Lésbica, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) de Marília mobilizaram-se contra as ações policiais, mas as mulheres não quiseram prosseguir com as queixas aos maus tratos da polícia por medo de represália.

---

<sup>11</sup> “Queima de arquivo” é um uso nativo para dizer que a morte do indivíduo foi atribuída ao excesso de informações acerca da conduta de um determinado grupo.

Neste período, passei a ter maior contato com a Delegacia de Direitos da Mulher de Marília e com a Secretaria de Vigilância Epidemiológica, órgão municipal responsável pelo Programa de Saúde de Prevenção a DST/AIDS. Tal aproximação foi importante, pois em 2009 comecei a participar da Rede Mulher<sup>12</sup> e das ações organizadas pelo programa de saúde com mulheres prostitutas, passando assim a entender suas formas de intervenção e sua noção sobre indivíduo em regime de prostituição.

### **Segunda temporada**

Por volta de 2008, o perímetro da Rua Nove de Julho passou por uma reestruturação de acordo com o projeto municipal de segurança “Marília Segura”, o qual visava diminuir a taxa de criminalidade local. Uma das conseqüências de tal remodelação foi a dispersão das mulheres prostitutas com quem eu tinha contato. Por exemplo, foi revitalizada a Praça Maria Izabel, anteriormente um trecho anexo à catedral São Bento onde as mulheres ficavam em sua maioria camufladas por entre os coqueiros e roseiras. Tal praça era antes também usada como dormitório de pessoas em situação de rua e como ponto de drogas, então outro objetivo para sua reforma era combater a desvalorização imobiliária e comercial da região central. Com essas mudanças e a intensificação da presença de policiais militares, as mulheres prostitutas foram limitadas a se agrupar nos fundos dos hotéis para não tornar visíveis seus pontos.

Em 2009, quando iniciei minha pesquisa de campo para o mestrado, busquei restabelecer contato com Gilda e Roseli, sendo que a primeira teve que se mudar porque o hotel de Dona Maria havia sido vendido e a última porque sua casa fora alugada. A princípio eu ficaria na cidade residindo na casa de uma delas, compondo parte de minhas intenções de pesquisa. Na ausência de seus contatos, procurei a Delegacia de Direitos da Mulher de Marília e a Secretaria de Vigilância Epidemiológica, órgão municipal responsável pelo Programa de Saúde de prevenção a DST/AIDS. Principalmente o contato com tal órgão garantia-me a possibilidade de acesso atualizado

---

<sup>12</sup> Grupo de mulheres de diversos setores de serviço da cidade as quais visavam à criação de uma secretaria municipal de direitos da mulher.

às mulheres, minha inserção no período noturno da prostituição, e a compreensão de como se dava a relação entre o programa de vigilância e as mulheres prostitutas.

Minhas visitas à rua tornaram-se associadas à imagem dos agentes de saúde, os quais distribuíam preservativos para as mulheres e travestis prostitutas, o quê inicialmente me garantiu certa tranquilidade de acesso para transitar pelo espaço e lidar com as mulheres prostitutas. Tornei meu objetivo conhecido e negocieei cada centímetro do meu espaço sempre em uma relação de troca. Tornei-me (in)voluntariamente um canal direto entre a mulher prostituta e a Delegacia da Mulher, pois buscava transmitir as informações e as novidades que de lá recebia, como a recente implantação na cidade de uma secretaria municipal da mulher vinculada à Rede Mulher.

Bila, cujo ponto onde trabalhava à noite era em um cruzamento com a Rua São Luís (principal rua de comércio da cidade), sempre me associou à secretaria da saúde. Quando expliquei o objetivo da pesquisa e o curso que eu fazia, ela me questionou sobre a atuação de uma “assistente social” e como resolver a questão das bolsas assistenciais que recebia do governo. Ela foi uma ilustre narradora, que entre tragadas de cigarro e goles de cerveja relatou seus dias e suas brigas com o marido, filhos e irmãos.

Inicialmente, a experiência de ter vínculo com a secretaria de vigilância foi benéfica para mim, pois neutralizava qualquer possibilidade de envolvimento na disputa pelo espaço da rua, o quê me permitia circular com certa segurança em pontos como o de Bila ou das travestis do centro. Porém, essa experiência tornou-se incômoda ao remeter a uma reaproximação ao aparato discursivo encontrado durante meu trabalho de conclusão de curso, acarretado uma posterior mudança de estratégia e um distanciamento do olhar frente aos dados obtidos.

A Secretaria de Vigilância não era presente durante o dia. A razão da falta de agentes nesse período me parecia óbvia, já que eles eram “semi-voluntários”, possuindo empregos diurnos e fazendo tais intervenções somente à noite. A motivação maior para a realização desse trabalho era a filantropia e não seu pagamento. Diante do escasso número de agentes, da extensão da cidade e da pouca disponibilidade de verbas, tornava-se difícil manter um trabalho contínuo pela secretaria nas ruas do centro à noite. Esse fato viabilizou que minha imagem se desvinculasse desse órgão, e durante minhas conversas com as mulheres e travestis prostitutas, eu me preocupava em não deixar que elas me associassem a tais agentes. Com Bila, porém, foi mais difícil obter tal distinção

e construir uma relação de confiança que ultrapassasse a superficialidade, como havia ocorrido com Zuleica e Marta. A explicação para essa maior proximidade recai sobre meu conhecimento prévio sobre a vida de Zuca, irmã delas.

Perante a situação apresentada, a proposta do programa municipal era então conseguir “agentes-nativos<sup>13</sup>”, no caso travestis prostitutas e mulheres prostitutas, que fizessem o trabalho de sensibilização das colegas. No entanto, angariar voluntários era quase impossível, pois para os trabalhadores do sexo o valor pago pela prefeitura era muito pouco e atrapalharia a realização dos programas. Essa questão da recusa, em particular, chamava minha atenção, pois elas somavam ao mau pagamento a exposição de sua figura e a perda de seus clientes por estarem vinculadas a tal órgão.

Gilda: Olha, já me convidaram *pra* trabalhar nesse negócio, mas não vale à pena. Tem que sair à noite, levar *xingo* dos outros, perder cliente e ainda a gente fica sabendo quem *tá* sujo. Isso é bom *pra* quem quer sair da vida. Eu *tô* muito bem com a minha, o que eles [secretaria de vigilância] pagam no mês eu tiro num dia, Natália. Não, *brigada* mesmo. *Vô continuá*, garota (Gilda, abril/2009)

Durante o dia inexistiam travestis prostitutas nas ruas, causando então que na minha descrição no trabalho de conclusão de curso eu descartasse qualquer implicação destas no cenário da prostituição. Ao focar o período noturno foi necessário trabalhar o espaço comparativamente, pois como bem retrata o título do artigo de Silva (2005) “na noite nem todos os gatos são pardos”, há uma divisão das ruas entre mulheres prostitutas, travestis prostitutas e michês. Os “gatos pardos” inferem sobre a conjunção deles e a baixa possibilidade de se distingui-los em uma rápida passada de automóvel à noite, por exemplo. O período noturno oferece à clientela melhores preços e um “cardápio” mais abrangente, pois varia entre mulheres ou travestis prostitutas ou ainda michês na cena da rua, enquanto que de dia as mulheres têm a supremacia das ruas centrais de comércio.

Com o fechamento do bar na Rua Nove de Julho e o fim do expediente de trabalho, não há grande fluxo de veículos e nem de pessoas tanto de dia quanto à noite. Os principais pontos localizam-se no âmbito de três avenidas centrais: Sampaio Vidal,

---

<sup>13</sup> O termo *agente-nativo* era usado pelos agentes, os quais em conversas descomprometidas assinalavam as dificuldades de seu acesso e aceitação por parte das mulheres.

Santo Antônio e Rio Branco, as quais contornam a região central de comércio e em cujas ruas paralelas se espalham as mulheres e travestis. Conheci Zuleica voltando a frequentar o perímetro *da Nove*, onde ela ainda fica com Marta. Dessa vez, Bila foi a articuladora quando me atentou ao fato de que Zuleica era irmã de Zuca e Marta.

Quando Bila conversava comigo, ela sempre alertava sobre os perigos de se estar no período noturno na Rua Nove de Julho, como o aglomerado de moradores de rua e de traficantes que ficavam naquela área deserta propiciando furtos e vários tipos de violência. No entanto, este se configurava um ponto importante, pois muitas mulheres que utilizavam a rua durante o dia continuavam nas imediações para encerrar o expediente ou mesmo descansar nos bares próximos. Zuleica e Marta chegavam por volta das dezoito horas e ficavam junto a outras mulheres aguardando no hotel o fechamento do bar para seguirem para o cruzamento. O ponto frequentado por elas era bastante movimentado tanto por aquelas mulheres que estavam encerrando suas atividades na esperança de conseguir algum programa no começo da noite quanto pelas outras que estavam começando.

Mapear os contextos de suas relações visava apresentar às minhas interlocutoras as conexões e os caminhos que tracei. Os rearranjos do campo trouxeram aproximações e afastamentos e fizeram com que eu seguisse o fluxo da rua, muitas vezes me tornando parte da engrenagem das relações, pois com minha circulação os juízos de minhas interlocutoras em relação a seus pares também circulavam. As comparações produzidas por elas através de pequenas fofocas compunham as “assimetrias”, isto é, as relações de prestígio e poder que organizam as ruas centrais, tema que será abordado no próximo capítulo.

## 2. Prostituição na cena do dia e da noite: mulher prostituta em territórios e territórios em mulher prostituta.

O segundo capítulo busca apresentar duas partes da etnografia bastante demarcadas espacial e cronologicamente já que delineiam as relações entre a prostituição e as hierarquizações do espaço e dos horários. Desejo trabalhar comparativamente, apresentando as diferenças entre os períodos e pontos. Durante o dia na Rua Nove de Julho dá-se exclusivamente a prostituição de mulheres em bares e hotéis, as quais têm mais tempo de experiência na rua e na prostituição e formam um grupo menos hierarquizado e mais coeso, o que faz das relações estabelecidas na “ocupação” relações “familiares”. O período noturno, por sua vez, engloba outros tipos de prostituição como as travestis, tornando as relações espaciais e de poder mais marcadas e o ambiente mais disputado. Há assim uma hierarquia de prestígio envolvendo os pontos, que são organizados pelo fluxo da rua e pelos preços cobrados, além dos atributos femininos negociados.

### “Pontos familiares”

A região central de Marília abriga várias formas de comércio, inclusive aquelas marcadas como ilícitas, imorais e ilegais, por exemplo as vendas ambulantes, a prostituição e o comércio de drogas<sup>14</sup>. A prostituição, vista em uma escala de imoralidades, em linhas gerais não é ilícita e nem ilegal<sup>15</sup>. Entretanto, tal questão sobre a ausência da moralidade torna-se discutível porque quando compreendida contextualmente, a prostituição apresenta uma moralidade própria da rua. Apoiando-me na ideia de região moral (Park, 1973, p. 65 apud Perlongher, 1987, p.69)

A noção de “região moral” repousa numa concepção que divide o espaço urbano em círculos concêntricos: uma faixa residencial, outra industrial e o centro – que serve ao mesmo tempo como ponto de concentração administrativa e comercial,

<sup>14</sup> Para melhor detalhamento sobre práticas urbanas e ilegalidades, ver Telles (2005).

<sup>15</sup> A prostituição no Brasil não é considerada uma prática criminosa de acordo com Código Penal (Decreto Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940) nos art. 227 a 231, mas a qualquer forma de mediação à prática da prostituição, como rufianismo ou casas de prostituição, enquadra-se na escala de práticas ilegais. A legislação penal brasileira imputa um olhar de vitimização sobre a prostituta, encarando-a como um indivíduo explorado socialmente, sem vontade e desejo aparentes de se inserir em sua ocupação.

e como lugar de reunião das populações ambulantes que “soltam”, ali, seus impulsos reprimidos pela civilização.

A Rua Nove de Julho é portanto um espaço com uma moralidade própria que possui um campo próprio de regras caracterizadoras de sua organização local. Na área em questão desenvolvia-se uma espécie de prostituição que chamarei de “prostituição familiar”, termo que remetendo a uma dupla dimensão. Seu primeiro sentido é literal, direcionado ao caráter geracional do ponto administrado ou herdado na relação mãe-filha que prosperam na prostituição. O segundo sentido é produzido a partir da experiência compartilhada entre as mulheres no ponto, as quais criaram laços de solidariedade e amizade de forma que suas relações extrapolam às esferas domésticas, não apenas se restringindo ao espaço da ocupação. Gaspar (1984), Fonseca (1996), Pasini, (2000), Benedetti (2004) e Silva (2007) mostram que os pontos não são espaços aleatórios de permanência das mulheres e travestis, e sim onde agenciam seus programas, estabelecem laços, encontram-se com seus clientes têm seu convívio social. Em Sganzella (2007) foi possível notar a presença de mulheres prostitutas já “aposentadas” que frequentavam o ponto mais como forma de se sociabilizar do que de preencher sua renda com os programas. Apesar de possuírem poucos clientes em sua agenda e sua maioria ter conseguido o benefício da aposentadoria, elas gostavam de continuar na dinâmica da rua e da prostituição, que muitas vezes se constituía sua única forma de sociabilidade. De acordo com Benedetti (2004),

é na convivência nos territórios de prostituição que as travestis [no nosso caso as mulheres] incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente os sexuais) e muitas vezes ganham ou adotam um nome feminino. Este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente. (Benedetti. 2004, p.6)

Pasini (2000) apresenta o ponto também como um local de troca das mais diversas formas de bens. Há uma centralidade de relação entre a mulher prostituta o ponto já que esse lugar se configura uma “escola” onde as mulheres prostitutas mais experientes ensinam as novatas ou se deixam ser copiadas por elas, havendo assim a transmissão de um modelo de mulher prostituta. Nesse espaço também se aprende sobre ser mulher, mãe ou dona-de-casa, pois lá ouvi muitas técnicas de criação de filhos, decoração e culinária. Portanto, o ponto nesta pesquisa tem grande importância e se apresenta um

lugar complementar à produção da pessoa, já que as trocas que lá acontecem interferem na identidade e nos espaços das mulheres. Conforme salienta Gilda,

Gilda: Quem disse que a rua não ensina nada? Foi pelas coisas da rua que eu conheci minha família, ganhei um afilhado e descobri ser esperta e não me enganar por homem. Só que a rua deixa a gente amarga e desconfiada de tudo. Sabe que depois que eu vim aqui, eu aprendi que beleza de dentro é mais importante que de fora e que todos precisam de amor. *Tá* vendo aquele homem, lá?

Natália: *Aham...*

Gilda: Aquele que vende alho, você não sabe como ele é bom. Eu me arrumo pra alegrar esses homens. Fico bem bonita porque ele também merece uma alegria, nem que seja paga por umas horinhas, *né?* (Transcrição do Diário de Campo – 20-11-2009)

Para ilustrar como os pontos formam redes densas de sociabilidade, vale lembrar as aqui citadas como Gilda, que neles encontrou uma família; Dona Ambrósia, que neles encontrou seu atual marido; ou ainda Zuleica, que neles encontrou o pai de seus filhos. Como bem salienta Magnani (1998), a prostituição forma seus pedaços, as relações de pertencimento e de posse que são demarcadas no espaço público, tendo em vista que:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (Magnani, 1998, p. 116).

Nesse sentido, leio o papel da rua para a prostituição como um pedaço onde nos pontos os atores criam uma sociabilidade básica, negociam seus programas e trazem para rua um sentido próprio para suas fronteiras. Esses pedaços entremeio ao público e o particular vão escrevendo a história desses atores no ambiente da cidade. Eles imprimem suas marcas e sua forma de viver o espaço como seus “donos” legítimos, mesmo existindo uma tensão evidente com a polícia, que como braço armado do Estado questiona o direito de uso dos agentes da prostituição sobre a rua.

As mulheres prostitutas da Rua Nove de Julho tecem relações com as companheiras de trabalho, os donos de lanchonete, os clientes e outros entes que circulam pela rua. A prostituição diurna, salvo pelas usuárias de drogas, é uma rede

fechada e coesa de mulheres que ingressaram em um mesmo período nessa ocupação e que desfrutaram de uma parceria no gerenciamento do espaço. Algumas delas mantiveram a prostituição como única profissão; outras se casaram, como no caso de Dona Ambrósia e da mãe de Roseli; outras se aposentaram; e outras ainda se estabeleceram a partir de uma “hereditariedade”, como no caso de Zuleica, Marta, Zuca e Carla, as quais foram criadas entre as regiões de meretrício e a rua e vivenciaram as modificações dos locais de prostituição na cidade de Marília. Todas as quatro garotas tiveram seu início de “carreira” na Rua Nove de Julho e ali permaneceram.

Carla, filha de Muca é a terceira geração de mulheres prostitutas em sua família. Como a mãe de Muca e a mãe de Roseli viajavam juntas e ficavam em bordéis à beira da estrada na região de São José do Rio Preto, Roseli e Muca foram criadas pela avó durante a infância. Depois de se casar, a mãe de Roseli deixou a prostituição e foi morar por um tempo fora da cidade de Marília, mas para lá retornou após ter ficado viúva. Já a mãe de Muca ainda atuava na prostituição quando faleceu.

Muca e Carla viviam em conflito por diversos motivos, sempre relacionados ao fato de serem mães, filhas e colegas de ponto, e o comportamento explosivo de ambas rendia diversas brigas na Praça da Igreja São Bento. Roseli, por sua vez, mostrava seu respeito as duas mantendo-se afastada para não entrar em colisão com a personalidade de Muca. Havia um negócio de família marcado no bar onde Muca fiacava, pois na sua ausência Carla ou Roseli se encarregava de cumprir sua função administrativa em qualquer uma das relações comerciais fortemente presentes ali, recebendo o dinheiro de empréstimos, drogas, e de outras trocas financeiras feitas por intermédio de Muca.

Essa transmissão do ponto de mães para filhas acumula a ideia de propriedade, respeito, conquista e amizade de uma família. Zuleica, por exemplo, incorporou aspectos da gerência de sua mãe no ponto, de modo que as comparações eram inevitáveis. O ponto de Zuleica foi mantido por ela e por suas irmãs como um “pedaço” onde se desenvolveu uma forma particular de se relacionar com a prostituição, que foi construído por sua mãe e se estendeu às filhas. As regras do ponto ofereciam a possibilidade de um ambiente mais amistoso combinado com laços de amizade que se estendem para além do perímetro da rua, já que as companheiras de ponto de Zuleica e Marta também eram convidadas a participar do ambiente doméstico delas.

Em seu ponto, Zuleica sempre orientava as mulheres que se instalavam nas proximidades para não tentar seduzir os clientes fixos porque havia um código quanto

ao preço cobrado que visava não rebaixar o programa das outras que também batalhavam. Esse ponto de Zuleica e Marta havia sido de sua mãe, Dona Ambrosia, e de outras mulheres amigas da mãe, que deixaram de trabalhar à noite para fazê-lo durante o dia, mas que esporadicamente apareciam para fazer algum dinheiro. Zuleica mostra traços de sua mãe, mulher lembrada como carismática que “merecidamente” conseguiu um bom marido que a tirou da rua e a levou da cidade para ter uma vida conjugal, fortuna vista como uma espécie de recompensa pela forma como tratava a todos.

Durante o dia na Rua Nove de Julho, a visibilidade proveniente do comércio somada à presença dos policiais militares trazia à rua uma ordenação e uma moralidade que também se estendiam às mulheres que desfrutavam desse espaço para seus programas, as quais vislumbravam como mais segura a prática diurna. Entretanto, as mulheres prostitutas do dia também relatavam que os mesmos policiais que podiam oferecer mais segurança a elas, prevenindo violência ou roubos na rua, também podiam incomodá-las. Elas possuíam códigos peculiares e discretos, pois ao invés de “caçar” os clientes como se fazia na prática à noite, elas esperavam nos bancos ou na porta do hotel, como se estivessem à mostra em uma vitrine, até que o cliente se interessasse por elas. Em sua maioria, a clientela do dia era representada por aposentados que passavam as tardes livres jogando cartas ou dominó na Praça da Igreja ou se engajando em conversas nas portas dos hotéis, onde se encontravam com as mulheres.

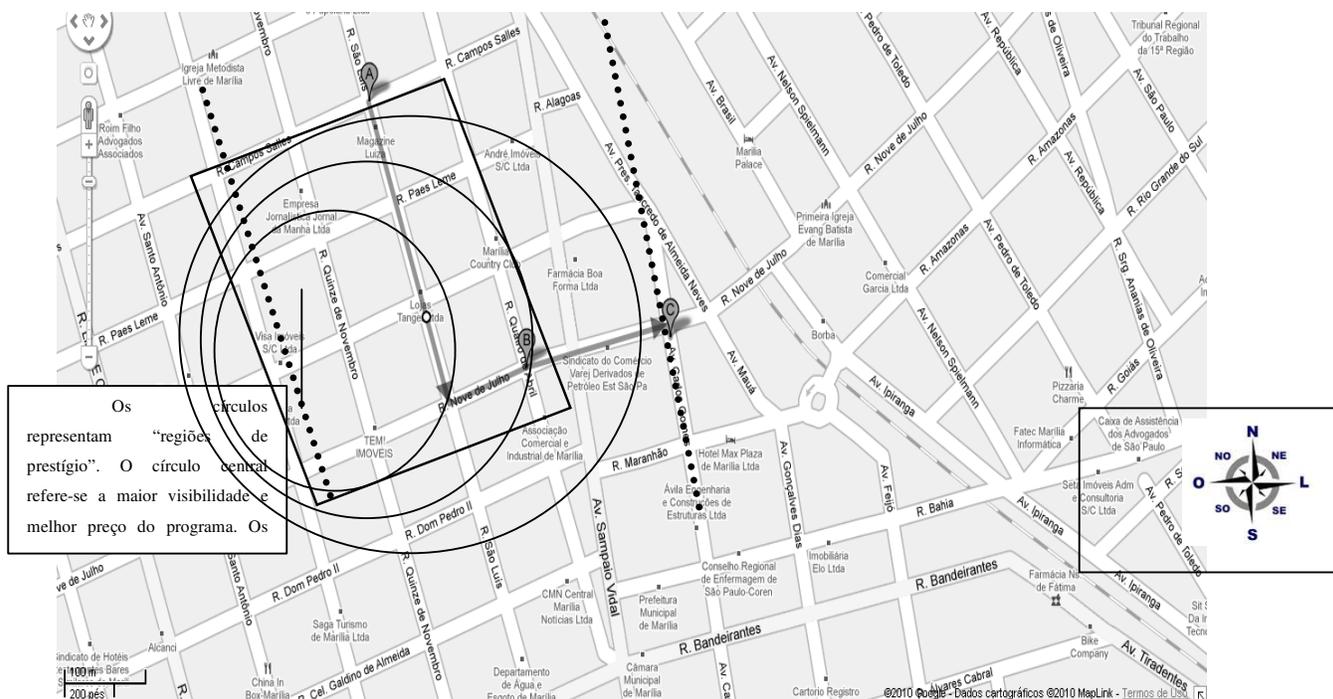
A prostituição diurna de Marília era também singularmente caracterizada por recursos como os olhares fugidios para os transeuntes o posicionamento das pernas e a grande discrição também com relação às roupas. Essas práticas conferiam ao dia um ambiente menos competitivo, pois como me fez lembrar Pasini (2000), a disposição das garotas de programa mostrava-as como peças em exibição, gerando uma menor hierarquização sensível do espaço já que fica a critério do cliente a manifestação de desejo pelo programa. Já Olivar (2010) fala de uma construção da mulher prostituta como caçadora que sai ao encontro de sua presa e a abocanha, prática mais agressiva como ocorre na noite de Marília.

### **Os personagens da vida noturna e as relações de prestígio**

Em contraste com o dia, o contexto da prostituição noturna da rua era constituído de vários atores políticos que disputavam o espaço, construía hierarquizações sobre os lugares e pessoas e assim afirmavam sua posição. As mulheres prostitutas que não

utilizavam a Rua Nove de Julho nem período do dia lançavam mão do termo “asilo” para se referir a tal rua em tal intervalo de tempo devido ao fato de que a “proteção” policial correspondia à prostituição a ausência de bons programas e pagamentos. As mulheres prostitutas *da Nove* eram vistas como hierarquicamente inferiores ou “acovardadas” por receberem menos e também pela associação do programa com roubos ao cliente. Tal realidade era vista externamente ao grupo como inferioridade ou ausência de competitividade, mas para as mulheres prostitutas daquele turno a sua realidade refletia sociabilidade e experiência, diferente do turno da noite e de sua “lógica de mercado”.

A rua constitui-se assim de uma dupla natureza ao mesmo tempo: território e lugar. Explicando-a como território, ela é marcada pelo domínio e pela posse, mostrando-se como uma área delimitada de pertença dos mais diferentes atores. De forma complementar, a rua constitui-se como lugar porque corresponde ao pedaço de Magnani (1998) onde se desenvolvem relações as quais ultrapassam o limite racional do trabalho, constroem laços de identidade e afetividade e fazem com que dentro dos territórios sejam criadas zonas específicas de identificação e sociabilidade.



**Pontos à noite 2: A: Ponto de Bila::B: Ponto de Gilda::C: Ponto de Zuleica e Marta. Fonte: Google Map**

Os pontos noturnos eram fora do perímetro da Rua Nove de Julho e funcionavam como unidades administradas por suas “donas”, em sua maioria travestis prostitutas que coordenavam os pedidos de permissão e as cobranças. Embora desejassem criar sua identidade única e autônoma enquanto um universo, mantendo suas unidades formadas como características próprias desde a forma de se vestir ao tratamento ao cliente, os pontos não podiam ser isolados entre si devido à existência de elementos que interligavam cada grupo. Através de códigos de normalização como fofocas, travestis e mulheres dos pontos criavam sua posição dentro de uma hierarquia de prestígio, sendo que entre elas há uma escala de privilégio vinculada ao poder e à experiência: a “dona do ponto” é sempre a primeira a abordar o cliente, a menos que ele tenha em vista outra mulher e se remeta diretamente a sua escolhida.

A escala de horários é um fator condicionante nas tais relações de prestígio da prostituição. As mulheres mais com mais idade e mais experientes na ocupação frequentam o período do dia como é o caso de Muca, Roseli e outras mulheres. Ângela, uma de minhas primeiras conhecidas, dizia que elas trabalhavam em “horário comercial”, uma vez que começavam por volta das dez horas da manhã e encerravam as atividades às dezenove horas. Os programas nesse período de nove horas são mais espaçados se comparados ao período noturno. O período diurno, cuja prostituição estava mais associada a mulheres com famílias, era valorizado pelas mulheres *da Nove*, pois sua experiência permitia que à noite elas pudessem fazer o que desejassem como ficar com os filhos, passear e descansar. O período noturno durava cerca de seis horas e passava a ter maior intensidade entre a quinta-feira e o sábado. Por haver pouco movimento na cidade aos finais de semana, a maioria das mulheres cumpre encontros marcados pelo celular sem ter sua presença nos pontos.

Essa disputa pela valorização do horário cria uma hierarquia entre as mulheres, as quais concorrem pelo prestígio do local e também pessoal, positivando sua escolha. Ao circular nos dois períodos, percebi que certos dias são mais lucrativos do que as noites, já que de dia as mulheres possuem mais tempo para conseguir programas, enquanto que à noite elas ficam à mercê do fluxo e das variações de temperatura. Para ilustrar que para se estabelecer na prostituição diurna é preciso contar com experiência e forte articulação na rua, ressalto Gilda, que antes se encontrava superficialmente inserida na Rua Nove de Julho, mas depois conseguiu fixação e legitimidade por sua articulação

com a proprietária do hotel, o quê tornava sua aceitação entre as mulheres prostitutas do dia melhor do que entre às da noite.

Nos pontos da Rua Nove de Julho, as relações eram um pouco menos tensionadas e mais simétricas do que nos pontos governados pelas travestis prostitutas. Zuleica e Marta me falavam que as queixas levantadas pelas mulheres que pertenciam àqueles pontos não condiziam com o delas. As travestis prostitutas nunca sequer avançavam nas proximidades da Rua Nove de Julho, pois ali se configurava uma região onde seu domínio não alcançava. Aos poucos se via que os pontos mais frequentados eram aqueles governados pelas travestis prostitutas e também os outros onde se encontravam apenas mulheres, os quais haviam sido conquistados à base do tempo e de enfrentamentos entre as partes. Por exemplo, para participar do ponto de Selma, Gilda pediu a todas as travestis prostitutas da Avenida Santo Antonio para que não se incomodassem com sua presença e também que fosse liberada do pagamento do pedágio.

As relações de prestígio se constroem interna e moralmente e hierarquizam o espaço, formando um campo de forças ao seu redor provando seu domínio e fronteiras. O principal círculo corresponde aos pontos mais movimentados da zona central de comércio no período noturno. Além do fluxo de automóveis, o quê garante a visibilidade para quem se fixa nessa região é a abundante iluminação das ruas paralelas à Rua São Luiz, que em contraste com as transversais pouco claras, criam um jogo de luminosidade importante para o contexto de sedução do cliente que transita pelo espaço em busca do programa. Por esse território ser ocupado pelas travestis prostitutas, ele se constitui em uma zona de prestígio e valorização do programa, além de uma garantia de segurança ao cliente quanto a assaltos e outras situações de perigo. Já os círculos externos, como na localização da Rua Nove de Julho, apresentam uma menor iluminação e conseqüentemente menor segurança aos indivíduos. Na referida rua, há grandes regiões de sombra causadas por toldos e coberturas das lojas, contribuindo para a formação de pontos cegos e escuros e desfavorecendo assim os transeuntes e as trabalhadoras da prostituição à noite.

Esse jogo de visibilidade promovido pela iluminação municipal no centro comercial é apropriado para os agentes noturnos (mulheres prostitutas, travestis prostitutas e outros usuários) e dão significado e sentido próprios a suas relações: a questão da luminosidade e por consequência a visibilidade associava-se à formação de

uma rede de relações de prestígio e também do posicionamento das mulheres nessa rede. Os relatos de minhas interlocutoras mostravam uma conexão entre a parca luminosidade e o desenvolvimento de práticas como roubos, tráfico de drogas, brigas, entre outras situações “ilícitas”.

Bila foi uma grande informante sobre as práticas da rua e seu funcionamento, norteador em suas argumentações alguns pontos cruciais a esta pesquisa. Como já citado, a região da Rua Nove de Julho era pouco movimentada e pouco iluminada, o que aumentava o risco de assaltos ou violência com as mulheres. Bila mostrava-se vivida nas relações da rua contando que o cruzamento em que ficava havia sido conquistado à custa de sua experiência e enfrentamento, pois sempre que necessário para defender seu território e manter sua posse, ela engajava em brigas das quais saía machucada ou mesmo presa.

Através das curtas histórias de Bila, compreendi que a rua tinha como “donas” as travestis e as mulheres que lá queriam permanecer necessitavam se referir a elas para “pedir permissão” ou pagar o pedágio, um valor diário para permanecer na rua e fazer seus programas; porém, o descumprimento de seus acordos poderia resultar em alguma agressão contra elas. No período do dia, as mulheres dividiam-se de maneira mais simplificada resumida ao uso ou não de drogas, enquanto que à noite havia uma hierarquia própria entre travestis, mulheres e pontos. Mesmo conhecendo os relatos de Bila, a questão de lidar com as relações de poder e propriedade no ponto ainda não havia se apresentado a mim de forma explícita, sendo que eu nunca tinha presenciado qualquer tipo de manifestação efetiva desta tensão. Em minha primeira pesquisa, os contatos não possuíam nenhuma tensão, pois aconteciam por indicações: havia sempre alguém me colocando em contato com a próxima pessoa, o que criava maior intimidade e não uma ideia de invasão.

Depois de algum tempo reencontrei Gilda, a qual inicialmente eu encontrava sempre sozinha no ponto na *Nove*. Ela não ficava com as outras mulheres prostitutas, mas muitas vezes estava na companhia de suas namoradas ou dos amigos da boate que frequentava. Minha proximidade com ela Gilda com que eu frequentasse diariamente o ponto em que ela ficava, sendo que raramente encontrava-me com a travesti prostituta, Selma, que dividia o espaço com ela. Minha inexperiência com a noite não me alertara à questão apontada por Bila sobre as “donas” da rua, no caso as travestis prostitutas, então

me vi em uma situação complicada por não ter entendido essa realidade e não ter me remetido a tal “dona” para pedir permissão para conversar com as outras mulheres.

Esse ato de pedir permissão não se refere a uma ação formal na qual eu deveria mostrar que me entendia hierarquicamente subordinada à dona naquele espaço, mas eu deveria colocar em primeiro plano a figura dela, reconhecendo seu lugar e atribuindo-lhe o direito e a posse. Minha presença tornava-se incômoda à referida dona porque eu timidamente a cumprimentava e no ponto me instalava por tempos indeterminados criando um ambiente privado entre Gilda e eu. Esta falta de percepção resultou em que eu me tornasse foco de fofocas entre as travestis prostitutas, o quê representaria um risco real de agressão caso eu me constituísse em uma ameaça, e também causar a perda de meu espaço já conquistado. Tal entrave se desfez rapidamente por eu já possuir contato com as travestis das outras ruas por ocasião da divulgação da Rede Mulher e do programa de DST/AIDS. Naqueles outros pontos, elas pensavam em criar uma associação de profissionais do sexo na cidade para melhorar a forma de promoção de direitos para sua classe, então lá minha figura não representava disputa, mas sim um elo para futuros diálogos. Como conclusão do episódio, aprendi que o espaço público tem suas regras e fronteiras.

À mulher prostituta que ficasse no centro era permitido oferecer sexo oral e vaginal, sendo que o sexo anal era lhes vedado por fazer parte dos serviços oferecidos pelas travestis prostitutas. Como já sabemos, estas possuíam um vasto controle de informações sobre o que era feito em seus pontos e cobravam satisfações das novatas que não respondiam às regras do lugar. Assim, fixar-se nos pontos das travestis prostitutas refere-se a responder a duas formas básicas: entrosamento com e reconhecimento da propriedade (como foi o caso de Gilda e de outras mulheres) e o pagamento do pedágio para a estadia no local (feito no caso de Bila através do enfrentamento cotidiano na forma de discussões e brigas).

Conforme citado anteriormente, as mulheres *da Nove* são vistas como desprestigiadas pelas mulheres que realizam seus programas no centro. Para estas, a utilização de drogas mostra-se como uma falta de ética, pois alia ao tráfico a figura da mulher que exerce a prostituição. Zuleica e Gilda diziam que a droga retira da mulher a consciência de cuidado com seu corpo, tornando o programa fonte exclusiva de rendimento ao traficante. Outra condição problemática é o risco de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, ocasionada pelo compartilhamento de agulhas ou

pelo não uso de preservativo durante o programa. Entretanto, a posição quanto à associação do tráfico à prostituição não é unânime, uma vez que muitas mulheres se relacionam afetivamente com traficantes ou fazem sociedade nos lucros.

No ponto de Zuleica, o quesito mais forte a ser respeitado é a condição contrária ao uso de drogas, pois isso significa estender a todo o perímetro uma marca de pertencimento. Se por um lado há uma desaprovação quanto às drogas, a prática de pequenos furtos efetuados durante o programa, que associaria a prostituição ao submundo das atividades ilícitas, não é tida como condenável. Entre minhas interlocutoras, apenas Gilda dizia não usar de nenhum artifício além do pedido para conseguir melhor pagamento. Bila, Zuleica e Marta contavam que para elas essa atividade não era recorrente a menos que o cliente ficasse rebaixando o preço do programa dizendo não possuir a quantia suficiente para o pagamento, mas que após checarem a carteira deles, elas averiguassem o contrário:

Bila: A questão é bem assim, “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”. Não é assim que dizem por aí? Veja bem, o cara te pára e pergunta o preço do programa, fica rebaixando o preço dizendo que não tem e que não pode dar mais. Você vai lá, aceita porque às vezes vale porque é bonitinho, cheirosinho. Teve uma vez que o cara pediu, disse que não tinha o suficiente, combinamos um preço, deu tudo certo. Aí na hora de pagar, ele me veio com uma nota de cinquenta e disse se eu tinha troco porque ele não achava os trocados dele. Acredita? Eu peguei tudo e sai do carro. Ele veio atrás dizendo que eu roubei *ele*, que peguei os trocados dele na carteira.

Natália: E você pegou?

Bila: Claro! Para ele *largá* a mão de ser besta. E outra, eu vi marca de aliança no dedo dele. Fácil que ele ia *na* delegacia. Eu ganhei a noite [risos]...

Durante o dia, pequenos furtos à carteira dos clientes aposentados eram corriqueiros. Tal prática se mostra um ato “positivo” e “inteligente” advindo de quem a faz, pois mostra experiência na arte de ludibriar o cliente. O uso de drogas, ao contrário, mostra-se dentro de um conjunto de ações negativas, pois escraviza o corpo e a capacidade de pensamento das mulheres. Já o furto associado ao uso de drogas passa a ser analisado entre as mulheres como atitude perigosa por não contarem com o domínio de si. O texto de Tedesco (2008) traz relatos parecidos entre as mulheres prostitutas do Sul. Sua leitura coloca que há um operador lógico nessa conduta que diz respeito a uma “esperteza” em lidar com os clientes, sendo que a experiência na profissão garantiria

tirar proveito da credulidade do cliente, seja através do fingimento no prazer durante a relação sexual ou da obtenção de alguma forma de mais capital do que o próprio valor do programa.

Os pontos que mesclam travestis prostitutas e mulheres prostitutas criam um clima menos intimista e mais organizado por regras, dando a sensação de um maior profissionalismo nas relações e a privatização do espaço. Uma forte questão que diferencia esses espaços, além da organização híbrida entre ambos os grupos referidos, é a forte sensação de concorrência entre as partes, a qual é menos densa no perímetro em que Zuleica atua.

Nos pontos *da Nove*, embora vistos como desprestigiados dentro do campo, o menor movimento oferece espaço para que as mulheres tracem longas conversas sobre filhos, combinem seus passeios e mostrem proximidade em sua forma de ser e pensar. Contrariamente, os pontos híbridos de travestis e mulheres prostitutas mostravam-se mais lânguidos e com conversas triviais, sem aprofundamento nas questões mais particulares. Bila e Gilda passavam parte da sua espera conversando com mais com amigos e namoradas, resultando em pouca interação entre elas e as companheiras de ponto. Já nas imediações da Rua Nove de Julho, casa e rua soavam como co-extensíveis; por exemplo, Zuleica, Marta e as outras mulheres vinham da mesma região dividindo taxi, ou mesmo se encontravam no hotel ou no bar para suas intermináveis conversas. Muitas vezes o ambiente da casa invadia a rua, pois uma briga entre amigas no final de semana refletia no silêncio de uma semana inteira de trabalho, impactando todo um grupo, dividindo-o, ausentando e dispersando as mulheres.

Quanto à fixação em algum ponto, Gilda mostrou-me como essa consolidação é produto de um material delicado, construído diariamente por finas teias que partem do reconhecimento da rua como pertencente a determinado grupo com seu conjunto próprio de regras. Estabelecer-se na rua, fincar raízes e se tornar dono de um pedaço exige negociação e é parte de aposta cotidiana onde se arrisca a perda e o ganho. A experiência é um elemento fundamental na constituição desse reconhecimento – consolidar uma identidade em um campo árido como a rua, onde as regras não são visíveis ou escritas, exige participar de um jogo de experimentação de acertos e erros.

### **Circulação e fixação nas cidades – vínculos afetivos e a fixação na cidade.**

A prostituição de rua tem a mobilidade como parte de seu “código”. O fato das mulheres prostitutas possuírem ou não vínculos familiares em determinado lugar produz seu deslocamento para outras cidades. Deixar os filhos com parentes ou cuidar deles cria um fluxo de visitas, afeto e dinheiro que circula e movimenta a prostituição. As mulheres se deslocam para conseguir clientes, para resolver questões domésticas e compromissos escolares, para conseguir seu espaço, e também se movem de suas residências para os pontos. Nesse amplo conjunto de movimentações, temos um mapa das relações ao qual se vinculam as mulheres, e perseguir tais deslocamentos representa aprofundar uma série de interferências que penetram no cotidiano da rua.

Gilda e Roseli foram casadas antes de ingressar na prostituição, porém eventos distintos causaram o rompimento delas com o núcleo familiar, tornando-se um fato marcante em suas trajetórias. Ambas mudaram para outras cidades longe de suas famílias, bem como deixaram sua profissão de dona-de-casa e se vincularam à prostituição. Depois de ter se decepcionado com a atitude da mãe e do marido, Gilda saiu de Curitiba deixando para trás o relacionamento amoroso, sua família biológica e também sua família adotiva, decidindo seguir sozinha e reinventar uma forma particular de vida. Desde o início de sua adolescência ela havia sofrido diversos rompimentos, o que fez com que não se importasse em passar por mais um de forma radical. Assim, resolveu abandonar o projeto de *família* (marido e filhos) por se mostrar contrário ao que ela desejava viver.

Tanto sua ida para Assis e quanto a posterior para Marília representaram marcos em sua vida, os quais a abriram para uma reconfiguração de sua noção de família, profissão e também de suas escolhas afetivas. Roseli, de igual modo, rompeu com sua forma de organização de vida quando escolheu sair de casa e ir para Marília, deixando os filhos com o pai, seu ex-marido. Ele converteu-se a uma Igreja protestante e pediu judicialmente a permanência dos filhos sob sua guarda, tendo como argumento a conduta desmoralizada da ex-esposa, já na prostituição. Sua filha mora com ele, que acolheu a menina como sua filha “legítima”, mesmo sendo parte de outro romance de Roseli.

Roseli ficava por certo tempo em Marília economizando dinheiro para visitar seus filhos em Jundiá ou para que eles a visitassem. Seu filho mais velho tem forte influência do pai, dificultando relação do adolescente com a mãe: sempre que ela tentava se aproximar dele, ele a afrontava. Já a filha possuía um relacionamento

próximo e equilibrado com a mãe, uma vez que ela falava diariamente com a filha, passava com ela um longo período durante as férias escolares e a visitava em Jundiá por dois ou três meses, ficando instalada em um hotel enquanto isso.

Roseli chegou a comprar uma residência em Marília, mas como ficava apenas por esparsos períodos na cidade, resolveu alugar sua casa e se instalava na casa de sua mãe, vizinha de terreno, sempre que lá retornava. A decisão de alugar a casa veio conjuntamente ao seu “casamento”. Seu “marido” mudou-se para uma cidade próxima a Jundiá, onde conseguiu emprego após ter cumprido pena por homicídio doloso. Eles se mantiveram casados por um ano e meio, mas ela voltou para Marília após o rompimento desse seu relacionamento.

Ao pontuar essas questões afetivas da vida de Roseli e Gilda, foi possível notar a forte influência que a família exerce sobre as movimentações, criando assim uma circulação no lugar. Do mesmo modo, é notável que a fixação em um determinado lugar obedeça também a essa regularidade no que diz respeito à centralidade da família como uma organizadora do espaço em que se vive e das relações que se constituem através dela.

Gilda residiu em algumas cidades até se estabelecer em Marília, onde criou laços com Dona Maria, a qual a incorporou a sua família e a levou para residir na casa de Luzia após o fechamento do hotel. Desde a infância, Gilda não se ligou a sua família biológica devido à adoção. Recentemente ela retomou o contato com os irmãos depois de alguns anos e alguns aconselhamentos de Dona Maria. Gilda assumiu um compromisso concreto com a nova família ao se tornar madrinha do neto de Dona Maria. O laço de solidariedade instituído inicialmente entre as partes através da intensa convivência, da divisão de alimentos e de outras trocas materiais – como a ajuda de Gilda no pagamento da escola do afilhado – garantia a formação e construção de laços de parentesco. Este vínculo marcou a estadia de Gilda na cidade, pois a relação quase maternal entre ela e o afilhado motivam-na a ficar para que não houvesse o rompimento ou o conseqüente sofrimento entre eles.

A mesma regularidade pode ser vista no caso de Bila e das filhas de Dona Ambrósia, as quais se fixaram na cidade de Marília por terem tido filhos quando ainda muito jovens. Zuleica e Zuca se uniram e ficaram cuidando de seus filhos, dizendo-se conscientes de que deveriam deixar a mãe recém-casada ter sua própria vida com o marido em Analândia. As irmãs se estabeleceram no apartamento da mãe em Marília,

onde atualmente reside Marta. Zuleica e Zuca conseguiram ter seus próprios apartamentos posteriormente e se mantêm na mesma cidade e na mesma profissão há dez anos, contando com maior facilidade para juntas criarem as crianças.

Marta, ao contrário, circulou por várias cidades da região, e ainda adolescente conheceu um grupo de travestis prostitutas as quais elogiaram sua forma de dançar e a convidaram para viajar com elas para Rio Preto. Dona Ambrósia não aceitou a fuga da filha, sendo que ao reencontrá-la manteve vigia constante sobre ela. Por ser usuária de drogas, Marta teve de fugir de Marília por diversas vezes, sendo sempre encontrada pela mãe. Com a chegada de seu primeiro filho – produto de uma vida intensa entre prostituição, passeios e casas noturnas –, ela repetia sempre que não queria e não planejava ser mãe, e também que não tinha certeza acerca da paternidade da criança.

Nesta família e na de Gilda especificamente, as crianças foram os agentes de fixação das mulheres. O caso da família de Zuleica é bastante particular nesse cenário, pois muitas interlocutoras, inclusive a mãe de Roseli, deixavam seus filhos com parentes como mães, avós ou irmãos, enviando dinheiro para seu sustento e fazendo visitas esporádicas. Zuleica, tomando como referência sua experiência de infância, decidiu cuidar de seus filhos e também do filho de Marta com o propósito de seguir o exemplo de cuidado de sua mãe. Essa conduta não se restringiu somente aos seus consanguíneos, uma vez que cuidou da filha da jovem assassinada e de outras crianças que eram deixadas pelas colegas também mulheres prostitutas que não tinham onde deixar seus filhos.

Outras mulheres, com as quais tive menor contato, relataram que sua fixação na cidade estava intimamente ligada à existência de dependentes como filhos, maridos e pais. Vanessa explicou que sua trajetória era similar a de muitas mulheres as quais engravidavam no início da carreira e cometiam abortos por não conseguirem ajustar sua vida financeira à maternidade. Através de uma rede de boates na qual as mulheres circulam para criar uma variedade de oferta para os clientes, Vanessa viajava por todo centro-oeste paulista trabalhando em um município diferente a cada quinze dias. O fato de desconhecer a paternidade da criança não a motivava a avançar com sua primeira gravidez. Sua única filha veio de um relacionamento de três anos o qual a tirou da “vida”, mas cujo rompimento fez com que ela voltasse a frequentar as boates à beira das estradas, deixando sua filha sob os cuidados de sua mãe, visitando-a mensalmente.

Vanessa conta que resolveu se estabelecer em Marília quando a filha começou a perguntar sobre ela e chamar a avó de mãe.

A maternidade representa um ponto central na decisão de fixação na cidade, pois à medida que os vínculos entre mãe e filho vão se estreitando, as escolhas parecem ser decisivas no que tange a constituição de um lar e o trabalho naquela cidade.

### 3. Circulando dos pontos às casas

Tem dia que acontecem coisas que a gente nem entende. Hoje, cheguei à casa da Zuleica e o filho dela estava ouvindo uma música que eu não conhecia da banda Biquíni Cavado (umas das minhas bandas prediletas), chamada “Meu reino”. Eu achei interessante um adolescente se interessar por essas bandas, mas enfim... A música era sobre casa como um reino, esse era o teor, coincidentemente ou não Zuleica falou bastante sobre sua relação afetiva com casa, que esse era o lugar que ela se sentia mais feliz em todo o mundo, porque ela era dona daquele pedacinho e que na casa dela, ela era a Rainha e seu lugar era sagrado. (Nota de Campo - 20 de agosto de 2009)

#### **Meu reino**

Atrás da porta  
 Guardo os meus sapatos  
 Na gaveta do armário  
 Coloco minhas roupas  
 Na estante da sala  
 Vejo muitos livros  
 E a geladeira conserva o sabor das refeições  
**Minha casa é meu reino**

Mas eu preciso de outros sapatos  
 De outras roupas, outros temperos  
 Para formar minhas ideias e meus sentimentos  
 Eu sou a soma de tudo que vejo  
 E minha casa é um espelho  
 Onde a noite eu me deito e sonho com as coisas mais loucas  
 Sem saber porque

**É porque trago tudo de fora**  
**Violência , dúvida, dinheiro e fé**  
**Trago a imagem de todas as ruas por onde passo**  
 E de alguém que nem sei quem é  
 E que provavelmente eu não vou mais ver  
 Mas mesmo assim ela sorriu para mim  
 Ela sorriu e ficou na minha casa que é meu reino.

(Biquíni Cavado)

Abro o capítulo com a nota de campo e também com a letra da música, pois esses elementos foram marcantes dentro da trajetória da pesquisa por darem o tom do desenvolvimento de relações domésticas e dos sentimentos de família e de propriedade. O capítulo trará uma descrição das casas e dos encontros promovidos nesses ambientes, apresentando assim as relações desenvolvidas com vizinhos e os trajetos dos pontos a elas. Finalizando, buscarei amarrar através de um evento particular – um jogo de futebol – as intersecções entre a família e a prostituição e o desenvolvimento de modelos a partir delas.

### **Dos pontos às casas**

Da Matta (1987), em *Casa & Rua*, oferece uma análise sociológica da cena pública brasileira, dividindo as relações sociais dentro destas duas esferas e mapeando o conjunto de relações que pertenciam ao público e o privado. Neste livro, o autor trata como as relações domésticas organizariam hierarquicamente o cenário público, havendo uma prevalência dos traços da casa sobre a rua. Adotei tal ideia do autor para pensar como o mundo “feminino”, que é voltado para casa, organiza-se na rua. É possível ver que maternidade e prostituição entram nesta distinção do autor, pois a maternidade é parte da esfera doméstica, familiar, fruto da mulher e da casa, enquanto a prostituição pertence à cena pública, local de evidência masculina. Levando em consideração que a mulher que é prostituta é também mãe, essa dupla condição leva-nos a pensar como se ordenam essas relações e sobreposições apontadas pelo autor nos micro eventos que se ligam entre a casa e a rua.

Falar sobre casa e rua através dos dados implica falar também de uma circulação e de uma apropriação da cidade. Circular e se fixar não são direitos exclusivos à ocupação das mulheres prostitutas, mas são direitos de todos os habitantes da cidade, que cumprem regularmente movimentações ao seu redor pelos mais diversos propósitos como trabalho, lazer, estudos e outros. Isso significa pertencer ao cenário urbano e utilizá-lo para sua sobrevivência.

As mulheres circulam de suas casas para os pontos e fazem também o itinerário inverso, visitam conhecidas em partes diferentes da cidade e fazem compras, sendo que toda esta movimentação nos faz ver que a prostituição de rua cria diversas rotas e

mobiliza serviços diversos como motéis, hotéis, transporte (táxi e moto-táxi) e lojas. Atentar-me a essa circulação ajuda também a pensar na ocupação do espaço e o quê se movimenta no meio do caminho. Ao estabelecer o ponto e a casa foi preciso entender as intersecções e conexões, por exemplo, o moto-taxista como figura protetora, amigo, conhecido dos filhos das mulheres prostitutas e habitante do mesmo bairro. Assim, cumpre o papel pensar nos deslocamentos realizados rotineiramente por Gilda e Zuleica, minhas principais interlocutoras no período de 2009, para entender as apropriações do espaço e seus deslocamentos pelo espaço público.

Gilda convidou-me para conhecer sua nova moradia e tão prontamente eu aceitei, ela me indicou um moto-taxista amigo dela que conhecia o caminho e cobrava um valor fixo para levá-la até sua casa e, por consequência, também o fazia para mim. Sua casa, que fica cerca de 4 km do centro comercial, localiza-se em uma rua pequena e quieta em um núcleo habitacional. Gilda reside com Luzia, Flávio e Júlio, seu afilhado. A casa alugada é pequena e possui uma sala, três quartos, um banheiro, cozinha, garagem e lavanderia.



**MAPA 2: A=Centro/ B= Casa de Gilda (4 km) Fonte: Google Map**

Conforme Certeau (2005, p.204), os objetos de uma residência falam muito sobre seu possuidor, constituindo-se algo como um relato de vida. A ordem ou a desordem dos objetos, a disposição de determinadas coisas, as harmonias e as discordâncias revelam as aspirações, ambições individuais e até mesmo padrões de comportamento. A forma de gerenciar o espaço constitui-se matéria-prima para a

imagem que se deseja construir de si. O olhar atento permite reconhecer nos fragmentos espalhados no lar a maneira com que se desenrola a cena familiar. Há uma condição central para a descrição dos espaços das casas das mulheres, de sua ocupação e de seus contextos próprios vividos nelas: seus objetos.

Gilda mora em uma edícula que fica anexa à casa de Luzia. As paredes são brancas e no quarto há uma cama de casal cheia de bichinhos de pelúcia (presentes de namorados/as e de clientes) os quais dão ao quarto um ar romântico, seguindo o mesmo estilo do quarto do hotel onde ela morava. Em seu quarto ficavam estampadas características de sua personalidade, as quais podiam ser percebidas também na forma de tratamento aos clientes. Gilda dizia não haver ninguém mais romântica e boa dona-de-casa do que ela e adotava uma posição pacifista e mediadora, o quê a permitia conviver com as diferenças marcadas em seu ponto.

Outra percepção obtida através de seu quarto foi a presença de uma forte religiosidade, pois sobre a escrivaninha possuía, além de mais alguns bichinhos de pelúcia, algumas imagens de santos católicos, como a imagem de N. Sra. Aparecida, anjinhos e vários porta-retratos com fotos de amigos e de sua família, várias delas com seu afilhado. Ao conviver em sua residência, tais impressões que tive de Gilda eram claramente entendidas, pois ela mostrava respeitosa e entender qual espaço da casa lhe pertencia, cuidando dele e decorando-o sempre buscando não interferir no modo como Luzia conduzia sua casa.

Um fator marcante na narrativa de Gilda é seu grande vínculo com o tempo presente. Enquanto eram minuciosos os relatos dos álbuns de fotos de festas e viagens que marcavam seu presente familiar, eram escassas as fotos de sua família consanguínea, resumidas apenas a dos irmãos, e superficiais suas descrições. Ela dizia não pertencer ao seu lugar de origem e sugeria que a felicidade deveria estar no local onde existisse valorização e amor.

Nessa visita, Gilda mostrou-me quase todo e me incentivou a pegar emprestado um de seus vestidos para passar o Natal, sem pressa de devolução. Ela pareceu-me vaidosa com sua coleção de sapatos formada por cerca de vinte pares. Possuía roupas coloridas e claras, em sua maioria com decotes e transparências. Ao me mostrar a gaveta de lingerie falou do alto investimento e cuidado que precisava ter com tais peças por fazerem parte de seu ganha-pão. Assim, o guarda-roupa de Gilda mostrava-me uma posição bem marcada sobre o que ela pensava de si e da prostituição. Uma das questões

que sempre chamou atenção na sua conduta foi a certeza e a serenidade em dizer que gostava de sua ocupação e que por isso não pretendia levantar nenhum discurso sobre abandonar o que fazia. Ao frequentar a casa de Luzia, pude ver que a família dá um valor único à prostituição, tratando-a sem hipocrisia e vendo-a como uma forma de trabalho tal qual o do marido dela.

A vizinhança de Gilda parece ser bastante interligada, pois mesmo sendo nova a família na região é possível ver o entrosamento dos vizinhos. Como Dona Maria já havia residido no bairro, todos acabaram por conhecer sua profissão e, particularmente, sua “sobrinha Gilda”. Gilda disse já ter sido alvo de muitas fofocas e especulações na vizinhança, mas que tinha abalado sua autoestima e nem feito com que deixasse de conversar com qualquer vizinho por conta disso. Sua forma de revidar as provocações era trazendo-os para perto de si, conversando e os chamando para as reuniões familiares como churrascos ou aniversários. Ela disse não esconder sua profissão porque seus clientes deixam-na em casa à noite e também nos finais de semana.

As pessoas são um pouco ignorantes, em minha opinião. Nem me conheciam e já achavam que eu era algo porque era... A rua me ensinou uma coisa: muitas vezes a gente passa por bobo, mas depois revida, mostrando que as pessoas têm que morder a língua. Ninguém pagava minhas contas, mas adoravam dar palpites, olhar quando eu desço do carro, quando eu dou um beijo no meu cliente ou no meu namorado. (Gilda)

Gilda não se preocupa muito com relação aos olhares dos outros, apenas não desejava que seu afilhado escutasse sobre sua ocupação por ser muito pequeno ainda para entender. Outra tensão que desejava evitar era que as vizinhas pensassem “mal” de Luzia, achando que em sua casa todas as mulheres eram mulheres prostitutas. A dona da casa discutia com Gilda quando seus clientes levavam-na em casa porque ela temia que alguma criança pudesse ver e comentar com Júlio. É por conta disso que Luzia sempre pedia à Gilda que não aparecesse nas proximidades da casa com diferentes homens. Minha interlocutora contou que certa vez um vizinho perguntou a Flávio, marido de Luzia, se ele sabia que vários homens paravam em frente a sua casa. Flávio reagiu como se não soubesse de nada para ver o desfecho da conversa e colocou em xeque a figura de sua esposa. Este episódio não causou surpresa ou qualquer desentendimento dentro da casa por parte de Flávio, mas provou à família o quanto a atenção da rua estava voltada às movimentações de sua casa.

Assim, as escolhas de Gilda recaíam em Luzia e em sua *família*, mas Gilda não se preocupava, pois ela suportava suas próprias escolhas e podia contar com o suporte de Luzia também. A questão delicada, como vimos, era permitir que seus clientes levassem-na para casa ou então o fato de que levar sempre namorados(as) diferentes para a casa geravam questionamentos por parte de Júlio, os quais se tornavam mais delicados à medida que ele crescia e seu nível de entendimento e percepção aumentava. Dentro desse universo, havia pequenos conflitos cotidianos que ora se abrandavam, ora se apertavam, mas a amizade prevalecia e a importância de Gilda para o afilhado mostrava-se o ponto de equilíbrio.

Gilda primava por uma boa conduta na rua tanto com as colegas quanto com os clientes e orgulhava-se de sua neutralidade e pouco envolvimento com as mulheres de todos os segmentos da rua, atitudes embasadas de três formas: 1) era sua escolha não ser participante de um grupo porque tudo que acontecia no ponto refletia sobre todas, 2) há uma barreira criada pelas mulheres da Rua Nove de Julho em relação a ela, pois sua “neutralidade” ligava-a aos policiais, que eram seus amigos e clientes, os quais a poupavam de toda intervenção que faziam, envolvimento este que as outras mulheres não aceitavam, e 3) sua postura de quase esposa dos clientes, por acumular a função de acompanhante, era criticada pelas mulheres que achavam que ela não correspondia ao padrão da maioria. Assim, sua maneira de ser, agir e falar, além da sua “modernidade” quanto aos relacionamentos afetivos, eram fatores que a afastaram da Rua Nove de Julho.

Os acontecimentos que me levavam às visitas e ao conseqüente acesso às residências das mulheres estavam primeiramente relacionados a comemorações como aniversários e o nascimento da filha de Zuca, mas depois tudo se tornou mais corriqueiro. Participar das reuniões que envolviam as famílias foi um exercício bastante interessante. Os churrascos de Gilda ou mesmo o batizado da filha de Zuca assumiam certa impessoalidade, pois pessoas em posições diversas em relação à família passavam a integrar a celebração e o núcleo familiar. O reconhecimento ou pertencimento à cena são operações gradativas, que constantemente formam um jogo de fronteiras. Compartilhar o alimento e participar da mesa nas reuniões familiares eram formas de inclusão à família. Por exemplo, frequentar churrascos na casa de Gilda e ouvir de Dona Maria que eu “era de casa” mostrava-me que eu havia passado de um terreno a outro,

que eu havia conquistado a confiança no lugar e que eu havia me incorporado ao outro conjunto de relações, o qual eu desejava acessar.

A ideia ser “de casa” satisfez-me e se configurou como um descanso perante as inúmeras tentativas que eu vinha fazendo por almejar ser incorporada ao cotidiano das mulheres já há tempos – desde o início da pesquisa. No entanto, eu havia conquistado apenas uma pequena fração de reconhecimento dos familiares de Zuleica e de Gilda, já que a todo o momento surgiam fronteiras na minha colocação na teia de relações das mulheres. Por exemplo, o tio de Gilda e o namorado de Zuca lembravam-me através de suas falas e de seus olhares que eu havia cruzado um limite que não me era familiar, ao qual eu não pertencia e me chamava atenção a desconfiança deles sobre minhas intenções. O namorado de Zuca até evitou conversar comigo achando que eu fosse mulher prostituta e levasse recados para sua mulher.

Esses limites mostravam-me que para fluir de um lugar para outro não bastava fazer visitas, mas era sim preciso conquistar a confiança e apresentar neutralidade para conseguir acesso sem restrições. Mostraram-me também que para se ter acesso a essa esfera da intimidade seriam necessários anos de confiança ou algum acontecimento decisivo que me estabelecesse lá, o quê me alertou de minha ingenuidade ao querer residir nas casas das mulheres. Recentemente, a filha de Zuleica estava morando com Marta, pois a mãe não havia deixado que ela namorasse um menino de sua escola. A filha de Zuleica ainda desconfiava dela e das tias, pois viu sua mãe no ponto conversando com um homem quando voltava de ônibus do seu curso para casa.

Mesmo Marta, que me conhecia há muito tempo, ficou incomodada com minha presença na residência de Zuca certa vez porque imaginava que eu pudesse dizer algo que não devia perto das crianças.

Marta veio pedir emprestado um pacote de feijão e surpreendeu-se com a minha presença na casa. Na cozinha, expliquei à Marta que Zuleica havia me convidado para conhecer a casa, pois caso eu tivesse interesse em me mudar definitivamente para a cidade, poderia comprar algum apartamento naquela região. Os filhos de Zuleica ficaram calados ao me verem na casa, então senti certa tensão entre eles. Tentei fazer contato dizendo que era professora em uma cidade próxima a Bauru, porém eles trocaram algumas palavras sem grandes avanços nesse sentido. Eles riram quando comecei a contar os percalços que passei nos primeiros dias de aula,

principalmente quando presenciei uma briga entre meninas e era necessário separá-las. Algum tempo depois eles se empolgaram e simularam a briga sobre a qual haviam ouvido. Falaram também sobre não gostar de estudar e que desejavam trabalhar e ter as suas coisas. (Diário de campo, julho/2009).

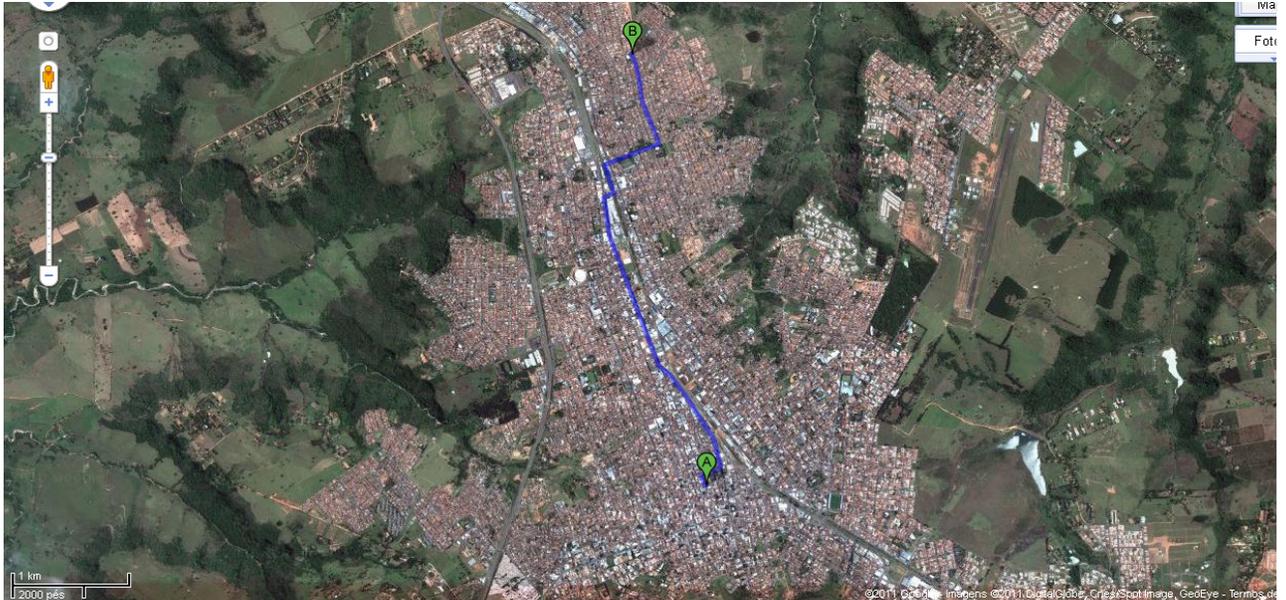
Tal preocupação de Zuca se sustentava no fato de que Zuleica e Marta comentavam que não falavam para seus filhos sobre sua verdadeira ocupação, mas sim contavam que serviam mesas em lanchonetes ou que eram camareiras do hotel. Para sustentar suas versões, elas pediam para os donos de hotéis e seus conhecidos que confirmassem as histórias quando elas passavam com as crianças em passeios pelo centro aos finais de semana.

Os pequenos trânsitos feitos por mim e por essas mulheres ajudaram a entender a importância social das celebrações vividas por Gilda ou na casa de Zuleica. Tais eventos marcavam laços de união e neles se construía um modo de ser família, de ser unidade e de cultivar determinadas formas de conduta. O convite de Zuleica para visitar sua irmã Zuca, a qual havia acabado de ter uma filha, mostrou-se como a abertura necessária para eu estar em uma residência onde existiam filhos, marido, irmãos, avós, ou seja, eu encontraria no exemplo desta família “o entorno da prostituição” que eu buscava. Percebi que estava obtendo acesso a esse núcleo de relações com o grande avanço de sentar com as duas irmãs para conversar no sofá da casa de Zuca como amigas.

Posteriormente, conheci Dona Ambrósia e pude entender como a prostituição também produz famílias. Digo isso porque seu marido tinha sido seu cliente durante anos, período em que ela não se interessava por ele, mas foi graças à insistência dele que ela se interessou, se apaixonou e se casou com ele, condição esta que ela jurava descartar pelos seus vastos anos de experiência com homens e com seu ex-marido. Dona Ambrósia é bastante serena ao conversar sobre seu passado devido à sabedoria que os anos a conferem e ela não gosta de esconder o que fez, sempre realçando que tudo que tinha feito foi para proteger sua família.

No dia anterior ao batizado da filha de Zuca, a cozinha da casa de Zuleica foi um pequeno observatório do qual também pude participar. Zuleica mostrava a maneira de cozinhar que tinha aprendido com a mãe, tornando esse espaço em um local de troca entre elas. Enquanto cortavam legumes para a salada de maionese, teciam assuntos sobre os acontecimentos e as rotinas familiares, os pequenos progressos das crianças na escola e também as desavenças. Nos almoços de família, Zuleica e Dona Ambrósia

eram as convocadas para cozinhar, pois entre as três irmãs Zuleica era aquela que se mostrava mais parecida ao modo de ser da mãe.



**MAPA 3: B=Residências de Zuca, Zuleica e Marta(8 km)/A=Centro Fonte Google Map**

Zuleica, Zuca e Marta residem em apartamentos e prédios padronizados sem elevador e que pertencem a conjuntos habitacionais localizados no extremo sul da cidade de Marília. O conjunto de prédios é destinado à população operária e de baixa renda do município, perfil que se encaixa à família de Zuleica, cuja casa está à cerca de 9 km de distância do centro. Marta, a irmã mais jovem não possui apartamento próprio, mas reside com seus dois filhos no de sua mãe, que mora em Analândia com seu padrasto. As outras irmãs possuem um apartamento cada e pagam as parcelas referentes à quitação de seu imóvel. Na residência de Zuleica moram ela e seus três filhos e Zuca vive no mesmo andar com seus quatro filhos e marido.

A vizinhança passa o dia todo no estacionamento dos prédios. É possível ver crianças e adolescentes conversando, e também se observam idosos sentados jogando cartas ou dominó. A pintura externa dos prédios é antiga e eles estão bastante pichados por nomes, palavras chulas e outros símbolos que fui incapaz de discernir. Os prédios são cercados por telas de arame com cerca de dois metros de altura e seus portões estavam quebrados, o quê permitia o livre acesso a eles. Nas janelas abertas era possível ver roupas íntimas penduradas para secar, sendo que as dos primeiros andares possuíam grades de proteção. Na parte térrea do prédio, muitas bicicletas encontravam-se

amarradas junto a lixeiras quebradas e às grades dos portões. O gramado estava aparado, bem cuidado e limpo, e muitas árvores enfeitavam e faziam sombra nos prédios. Havia uma solidariedade entre as pessoas uma vez que os prédios são bastante isolados – as casas mais próximas estão acerca de 600 metros – e em frente havia apenas um pasto com gado. Zuleica foi uma das articuladoras de um abaixo-assinado à prefeitura através do qual recentemente conquistaram a pavimentação e a circulação do ônibus para seus filhos irem à escola.

Zuleica aparenta ter uma ótima convivência com seus vizinhos de prédio e sua casa é bastante movimentada com a presença de seus diversos núcleos de amizade, desde suas conhecidas do ponto até as vizinhas do condomínio. Seu filho também sempre traz amigos para sua casa para disputarem partidas de futebol no vídeo-game.

Olha, Natália, aqui no bairro eu sou respeitada por todos, mas também não dou motivo para ninguém falar isso aqui de mim. As contas, eu pago tudo em dia, não vem ninguém cobrar nada de mim. Meu nome é limpo na cidade, posso fazer crediário, pois não devo. Meu nome não tá em nada, no SERASA ou SPC. Eu só cumprimento *as mulher* para não dar motivo de alguém vir e falar “olha lá, aquela lá”. Eu sustento meus filhos, eles *tão* sempre bem *arrumado e limpinho*. Eu gosto assim. (Zuleica – Nota do diário de campo outubro/2009)

Amélia trabalha como faxineira em um prédio comercial no centro da cidade e atualmente mora com os filhos em um apartamento próximo ao de Zuleica, após se separar do marido. Ela possui uma enorme confiança na amiga e Zuleica também fala muito de sua apreciação pela vizinha-irmã, pois seus filhos ficam com ela sempre preciso. Amélia possui um casal de filhos que regulam de idade com os mais novos de Zuleica, sendo que o filho de uma é o melhor amigo do filho da outra. Em uma de minhas visitas, vi Zuleica e Amélia conversando em um dos bancos do térreo enquanto suas filhas caçulas brincavam no chão.

As partes da casa de Zuleica que mais frequentei foram a sala e a cozinha. A sala é mais espaçosa, onde vi várias imagens de anjos de resina e uma do santo católico São Jorge, além de DVDs, a TV, um computador conectado à internet e o telefone, pendurado na parede. Como na sala da casa de Gilda, lá se encontram brinquedos das crianças, como uma boneca e algumas panelinhas e legumes de plásticos. Sobre a mesa, havia materiais escolares e a bolsa de Zuleica. Seu apartamento mostrava-se claramente um espaço de cuidado, focado em seus filhos já que ela proporcionava a eles o máximo de conforto possível com seus ganhos. Marta comentou certa vez que enquanto Zuleica

comprava as roupas dos filhos em lojas de departamento, ela comprava suas próprias roupas em bazares ou mesmo utilizava aquelas que eram descartadas por Marta.

Essa centralidade na família por parte de Zuleica era evidente também no ponto, pois seus principais assuntos eram os filhos e seus progressos. Além disso, ela passava horas mostrando seus filhos nas fotos do celular. Ela tem particular devoção por sua filha mais nova e detalha os progressos da infância dela para as outras mulheres de seu ponto, as quais ficam motivadas e contagiadas por tal adoração à família e também falam de seus netos, filhos e sobrinhos.

As mulheres eram quase unânimes na aprovação de Zuleica como boa referência a todos, mas Marta dizia que assim como sua mãe, Zuleica escondia-se atrás de seus filhos e não pensava particularmente em si, anulando suas vontades e desejos em nome de um ideal perfeito de ser mulher: queria ser boa mãe e vizinha exemplar, mas se esquecia de sua condição de mulher que devia ser amada e ter namorados. Se por um lado Zuleica queria tecer um distanciamento entre a prostituição e sua casa, por outro situações que as aproximam acabam rondando o cotidiano desta família.

Zuleica contou que há quatro anos, por exemplo, Marta teve problema com o marido de uma vizinha, o qual havia sido seu cliente e desaparecido, mas que muito tempo depois foi residir pelas imediações de seu bairro, quando já casado. O homem descobriu a proximidade da sua casa e a de Marta e ia incomodá-la fora de seu horário de trabalho, dizendo que ele desejava abandonar a esposa e mudar de cidade com sua ela, o quê de segundo Zuleica era apenas produto da imaginação dele. A esposa do rapaz chegou a fazer ameaças e tentava criar situações de constrangimento em frente ao prédio de Marta, mas tudo acabou se resolvendo com a mudança do casal das redondezas.

Zuleica mostra-se muito colaborativa nas atividades coletivas do prédio. Os vizinhos possuem grande apreço e confiança em sua pessoa, sendo que sempre a cumprimentam e perguntam sobre sua mãe e filhos. Dona Ambrósia era também bastante querida entre os moradores. A respeito disso, Zuleica conta que tal respeito e admiração provêm da luta de sua mãe para conseguir um apartamento para as filhas quando a zona de meretrício fechou suas portas. Assim que os conjuntos habitacionais da região começaram a ser construídos e Dona Ambrósia foi residir nos prédios após ter sido sorteada, ela foi considerada uma líder comunitária nata porque conseguiu

benfeitorias como iluminação e saneamento básico para aquela região através da organização dos vizinhos.

O vídeo-game dos filhos, assim como o forno de microondas e o DVD *player* são motivos de orgulho na casa de Zuleica, sendo que tais aparelhos simbolizam suas conquistas e demonstram uma ascensão econômica perante seus vizinhos. Ela acreditava que sua ocupação trazia conforto para os filhos, permitia que pagasse suas contas em dia e não deixasse que nada os faltasse. Assim, a origem de seus rendimentos não deveria ser questionada, sendo que servia apenas para que a família vivesse em uma posição igual, ou melhor, a de todos ao seu redor.

Foi muito suado comprar *esse* microondas e o vídeo game dos meninos, mas eles gostam demais e trazem os amigos pra casa, me deixa mais tranquila. O DVD nem se fala, comprei em dez no carnê, todos que querem vêm *assisti*, esse eu me dei de presente. As contas, eu pago tudo em dia, quando dá, não vem ninguém cobrar nada de mim. (Zuleica, diário de campo, setembro/2009)

Suas irmãs parecem não se relacionar tão bem com os vizinhos quanto ela. Certa vez, Marta disse que quando chega a seu lar não abre as janelas a fim que ninguém saiba que está em casa, e em seguida liga o rádio no volume mais alto para não escutar nada, nem mesmo seus pensamentos. Zuca, por sua vez, conversa com dois ou três moradores do prédio e não gosta das especulações e fofocas dos vizinhos, afirmando “não dar liberdade para não dar espaço para comentários”.

### “O jogo” de futebol

Em um sábado à tarde, enquanto eu visitava Zuleica, Marta veio convidá-la para assistir ao jogo que aconteceria às dezesseis horas entre o time do prédio e os “meninos do movimento”<sup>16</sup>. As irmãs me convidaram para acompanhá-las e também conhecer o namorado de Marta, que era um jovem com cerca de dezenove anos, atacante do time e altamente cobiçado por todas as adolescentes do bairro, o quê fazia com que Marta entrasse em constantes atritos com ele, ou mesmo agredisse algumas das jovens que flertassem com o rapaz. Fiquei insegura quanto à proposta, mas curiosa com a novidade,

<sup>16</sup> O termo “meninos do movimento”, utilizado por Marta e pelas mulheres do bairro, referia-se aos integrantes de alguma organização do “mundo do crime” que moravam naquela região e se reuniam aos finais de semana para jogar futebol e promover churrascos entre eles e para o público.

sendo assim resolvi aceitar o convite porque se mostrava como um espectro do crime organizado, uma possibilidade para eu chegar a conclusões reais e não fantasiosas sobre a circunstância.

Enquanto estive no campo, senti uma tensão pela ausência aparente de armas e uma inquietação por senti-las por perto, já que, a meu ver, qualquer vestígio de desentendimento ou uma jogada mais forte que causasse uma discussão durante o jogo poderia representar uma faísca que estouraria um barril de pólvora ao meu redor, porém nada aconteceu. Em contraste, o “movimento” era contínuo e harmonioso. Pessoas circulavam em motocicletas levando e trazendo outras pessoas e objetos, crianças corriam à beira do campo, tudo com tranquilidade. Naquele momento, passei a avaliar meu entendimento quanto à noção de risco e de sua produção. Será que todos que estavam a minha volta nem sequer imaginavam que suas vidas poderiam estar em perigo? Deparei-me com o mesmo sentimento fronteiriço do início de minha pesquisa de campo, reproduzindo novamente uma visão estigmatizadora sobre um contexto o qual eu desconhecia. Marta me dizia:

Marta: Imagina só, *hein*, Natália, para alguém que mora no centro, você não tem luxo mesmo, passa bem por um dos nossos. Deve ser porque *tá* acostumada com a gente. O povo aqui é do bem, ruim é as vistas que os outros fazem por não conhecer. Aqui se andar direito dá tudo certo. (fala extraída do diário de campo, transcrita após o evento – sem data exata).

Ao redor daquele pequeno campo de futebol, sentia-me como se estivesse sentada no banco da praça da Rua Nove de Julho, pois a maioria das mulheres do ponto de Zuleica estavam ali concentradas para torcer por seus amigos e namorados, ou mesmo para aproveitar o churrasco que ocorreria após o embate. As mulheres ficaram eufóricas durante o jogo, analisando o desempenho de seus parceiros, bem como cobrando comemorações direcionadas a elas. Eu particularmente estava como invisível, uma vez que junto delas fui tomada como parte da comunidade, parte do “movimento”.

A relação direta das mulheres com o “movimento” era feita através de amizades e namoros e foi significativa e notória, pois eles faziam parte do lugar delas, ajudando a compor a cena. As mulheres não sabiam especificar quando aquela região havia sido ocupada por tal organização, mas é fato que seus integrantes suprimiram as “forças da ordem” onde estas eram ausentes, especialmente quanto aos níveis de violência e criminalidade daquela região. Segundo alguns relatos de minhas interlocutoras, a

presença do “movimento” no bairro diminuía determinadas ações específicas como furtos a residências ou assaltos aos transeuntes à noite, além de atuar na promoção de eventos como jogos e comemorações.

Zuleica participava de alguns eventos oferecidos pelo “movimento”, como foi o caso do jogo de futebol, com o intuito de marcar presença e também situar sua posição, mas preferia ter sua imagem e a de seus filhos afastada disso para não se indispor com os vizinhos que não compactuavam com os “meninos”. Na família de Zuleica, o “movimento” criou uma relação bastante tensa entre sua filha e ela porque o namorado da filha é participante desta organização e isso resultou em um desentendimento entre elas, fazendo com que a filha fosse morar com Marta, a madrinha dela.

Esse episódio em particular fez-me sentir inserida naquela rede de relações, não profundamente ambientada de modo que entendesse aquele como meu território, mas possibilitada a enxergar uma unidade comum entre a prostituição e as famílias. Ao avançar em direção ao núcleo doméstico, passei a compreender suas conexões, ao passo que anteriormente eram-me apresentadas suas fronteiras através de olhares para regular as falas. A separação entre o afetivo e o profissional ficava turva à medida que possuía acesso a níveis mais profundos e deixava de ser apenas uma estranha ou mesmo uma visita que contava exclusivamente com a circulação na rua.

#### 4. Famílias e prostituição

Neste capítulo julgo conveniente apresentar a posição desta pesquisa quanto ao uso do termo família. Na primeira parte apresentei como esta etnografia se transferiu dos pontos às residências das mulheres e agora me proponho a apresentar o convite feito a minhas interlocutoras para pensar sobre sua biografia e sua família. Ao buscar uma aproximação com as diferentes teorias antropológicas sobre o tema, deparei-me com diversas noções e designações que criavam um leque de similaridades, porém não suficientemente explicativas para darem um suporte teórico que se encaixasse aos dados empíricos da pesquisa. Algumas destas aproximações foram a partir de textos sobre famílias de classes populares das Ciências Sociais Brasileiras, dentre eles Duarte (1986), Fonseca (1995; 2000) e Sarti (1995), os quais ajudaram a situar a chefia feminina como um arranjo recorrente nestas classes brasileiras, onde se encontram social e economicamente alocadas minhas interlocutoras.

Desta forma, uso do termo *família* em itálico por me remeter aos arranjos familiares encontrados na pesquisa, e a primeira recorrência diz respeito à chefia feminina da casa. Nas *famílias* de minha pesquisa, a autoridade provinha das mulheres/mães, mesmo havendo presença masculina. O laço consanguíneo entre mãe e filho era acionado para legitimar o poder materno sobre as crias. Em geral, os companheiros afetivos das mulheres prostitutas eram sustentados por elas, isto é, não eram os responsáveis pelo provimento financeiro do lar, e normalmente quando havia filhos eles não eram seus pais biológicos.

Há também uma autoridade compartilhada entre mães e madrinhãs, que se somam para tratar da educação das crianças. Nos dois casos estudados, havendo ou não vínculo consanguíneo na formação da família, a figura da madrinha ganha centralidade como co-autoridade. A outra forma em que o termo família apresenta conotação específica na pesquisa é nas unidades domésticas, que não se mostravam como unidades autocontidas, formadas exclusivamente por conexões de sangue. As aproximações pela amizade convertiam-se em laços familiares e adotavam designações de parentesco como “tia”, “sobrinho” e “avó”, havendo assim uma consanguinização e consubstancialização do parentesco.

Conhecer e participar da vida familiar de minhas interlocutoras se tornou um interesse particular onde eu desejava compreender as relações enquanto antropóloga e espectadora de meus próprios valores sobre os arranjos familiares. De acordo com Fonseca (1999, P.68),

Quanto mais emocionalmente carregado o tema, mais fácil é. Sem dúvida o assunto da família suscita atitudes que, quase como reflexo, classificam qualquer comportamento não-convencional na categoria de “desorganizado”, “desestruturado” ou “anômico”. No entanto, tais chavões fazem pouco para aprofundar nossas análises e menos ainda para facilitar processos de comunicação. Para “escutar” o outro, para estarmos prontos a captar significados particulares, devemos primeiro rever certas noções de nossa própria cultura que permanecem obstinadamente no pensamento contemporâneo.

Coloco-me enquanto espectadora, pois como bem nos lembra Velho (1981), fazer o exercício de transformar em exótico o que nos é familiar, distanciar-nos de valores dos quais compartilhamos e que muitas vezes são tomados como parte de nossa natureza, exige constante avaliação pessoal para não imprimir nossos juízos de valor e impor aos dados uma visão que parte do nosso discurso. Assumo a proposta de Dumont (1992) para pensar sobre a impossibilidade de me desfazer enquanto sujeito-antropólogo-indivíduo e também para refletir sobre a razão englobante entre as esferas dos valores individuais e “nativos”, que ora se incluem e ora se opõem formando o nexo explicativo sobre família.

Ao falar sobre minha pesquisa, sempre surgia um tom pejorativo nas curiosidades a respeito da paternidade dos filhos de minhas interlocutoras, desencadeando perguntas como “filho de puta tem pai?”, ou “elas sabem da paternidade de seus filhos?”, ou “é um filho de cada homem?”. Tais questões, assim como outras também sobre abortos, provinham dos mais diferentes grupos de pessoas com os quais eu me relacionava e revelavam uma visão comum de parentesco centrada na produção biológica. Estes questionamentos sobre onde estava ou quem era o pai dos filhos das mulheres prostitutas, fez com que eu me atentasse à crítica que Schneider (1968) fez sobre o parentesco americano que é alocado na natureza, no caso nas relações de consanguinidade, criando assim uma explicação biológica para tais relações.

A constituição de família por esta ótica seria um modelo autocontido formado pelo pai, mãe e filhos. Ao entrar na discussão sobre a paternidade dos filhos das

mulheres prostitutas e sobre a quantidade de pais em uma família, remetemo-nos diretamente à articulação de “família” como “natural”, formada por pela tríade convencional dentro de uma relação matrimonial monogâmica. Certamente tal condição não nutre o modelo de família apresentado entre as mulheres prostitutas abordadas nesta pesquisa. Assim, mostra-se interessante apresentar os modelos de família que minhas interlocutoras vivenciam, pois estas fazem parte do tecido social e denominam seu arranjo de relações domésticas como família, ou seja, reproduzem a seu modo condutas pertencentes à esfera doméstica. É importante salientar que esta circulação de crianças e a autoridade compartilhada não se reduzem às famílias de mulheres prostitutas, mas também dizem respeito a uma realidade mais geral das classes populares brasileiras (FONSECA, 1998)

As famílias que estudei não se apresentavam como um modelo autocontido de unidade doméstica. Ao contrário, não há limites precisos que marcam tal unidade, pois elas abarcam várias dinâmicas que não se aproximam daquela do modelo nuclear. As famílias eram particularmente geridas por uma rede social de mulheres, o que não contemplava a tríade marido, mulher e filhos. As mulheres criavam seus filhos em um plano quase coletivo de autoridade, onde tias, avós e madrinhas formavam um núcleo educativo para as crianças. Havia a presença masculina nas casas de Gilda e Bila, mas esses homens não respondiam à função de autoridade para as crianças.

Ao pensar na ideia de Bacelar (1982), quando este mostra que as mulheres viviam a seu modo as formas familiares representativas, parece-me sugestiva a ideia de que mesmo sendo “desviante” esse seu modelo, as mulheres produzem relações domésticas que ora contradizem e ora se incluem ao modelo tradicional de família. Partindo desse exposto ao tratar a família pelo uso “nativo”, busco pensar que não há um desvio do modelo familiar, mas sim uma pluralidade de arranjos entre laços consanguíneos ou não, que por corresponderem a modelos familiares com as mais diferentes formações, podem contribuir para ampliar nosso entendimento sobre o conceito de família.

Procurro pensar nesse feixe de relações familiares como um dos muitos que estruturam as práticas e as dinâmicas sociais. Apóio-me na teoria de Dumont (1992), segundo a qual classificar é hierarquizar, ou seja, inserir em um valor. Ao classificarmos as relações como familiares, é possível pensá-las dentro da hierarquia. A família se constitui em uma estrutura de valores contida em determinada ideologia, no caso a da

sociedade individualista ocidental. Assim, as relações familiares funcionam como um agente explicativo da ordem estruturante de formação do indivíduo.

Conforme Duarte (1986), a família pode ser lida enquanto **valor-família** nas camadas populares porque dentro de várias classes ou grupos sociais a família é construída como uma ética ou um conjunto de valores. Entendendo tal condição da família como um valor que tem primazia, que contradiz e inclui outras esferas, é possível pensar na fluidez entre maternidade e prostituição como meios que se interferem, se englobam e ao mesmo tempo produzem um modelo específico de mãe e de mulher prostituta dentro de uma dinâmica própria.

Minha experiência de iniciação científica possibilitou-me frequentar a residência de Roseli e pequenos eventos de sua vida pessoal, assim como o hotel de Dona Maria e Gilda, sempre que possível. Essas experiências traziam a meu imaginário questionamentos de como seriam as famílias em seus cotidianos, suas pequenas tensões e como estas definiam os indivíduos.

Roseli vivia sozinha, mas tinha a mãe como vizinha e sua filha a visitava quando em férias escolares, enquanto Gilda vivia em um quarto do hotel. Os eventos de que eu participava, como as festas de Gilda ou os cultos de Roseli, traziam rastros de uma organização e de uma comunhão de valores sobre suas relações familiares, cujas estruturas eu não conseguia precisar. A questão da maternidade era evidente em Roseli devido ao orgulho com que falava de sua filha, aos presentes que podia dar a ela, às tensões entre ela e a mãe e à veneração ao afilhado. Estes foram elementos que tomavam grande parte de suas narrativas e se mostravam agentes da formação de sua pessoa.

Partindo da inquietação proveniente dos meus dados, comecei a analisar esse fazer-se mãe, ou em outros termos, corporificar-se mãe. Ao me afastar de uma visão presa aos dados, comecei a enxergar o quanto a maternidade organizava as narrativas das mulheres, particularmente quando falavam das cicatrizes e estrias provenientes do período gestacional, ou mesmo atribuíam à preocupação com os filhos as marcas de expressão em seu rosto. O corpo se sustenta enquanto um suporte de signos e um comunicador de experiências, contendo em si a noção de pessoa. As marcas, como o envelhecimento precoce das linhas da face, demonstram as experiências vividas por essas mulheres e também suas experiências domésticas, sofrimentos e preocupações. “O corpo não é tido por simples suporte de identidade e papéis sociais, mas sim como

instrumento, atividade, que articula significações sociais e cosmológicas; o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento” (SEEGER, 1987, P.20). Para tal, estudar essa “fabricação” do corpo da mulher é entender a sua construção enquanto pessoa.

A fabricação do corpo da mulher-mãe perpassa uma dupla dimensão: a biológica e a cultural. A Pessoa mãe obedece a uma moralidade onde seu corpo e seus valores vão sendo moldados para sanar a completa dependência da criança, pois esta é a única pessoa a ocupar-se dela. Duarte (1995) fala de uma consanguinidade uterina que levaria a mulher a ter todo o domínio da criação dos filhos. É quase comum ouvir que a mulher, após ter filhos, declara-se mãe, passando a ser um componente organizador de suas relações e de sua forma de apresentação como um dos atributos centrais de sua condição de pessoa.

A fabricação do corpo materno funciona intimamente relacionada à produção do corpo do filho e as necessidades biológicas da criança criam entre mãe e filho uma dependência que se torna simbólica. Áries (1981) e Foucault (1985) falam da construção desta dependência ao longo dos anos dentro da sociedade ocidental, onde a criança passou a ser objeto de preocupação e responsabilidade da família, particularmente dada aos cuidados da figura materna, a qual ficou incumbida da primeira socialização da criança. As marcas desta interiorização da vida familiar ganhavam contornos cada vez mais naturalizados, o quê produzia um padrão explicativo em torno do conceito de família. Foucault (1985) apontava como a produção do discurso sobre a verdade em relação à sexualidade envolve a família, criando padrões de conduta que sustentam uma moralidade.

A leitura desta moralidade familiar, consolidada na mulher como esteio do lar, faz pensar no projeto de família burguesa que se fixa como modelo/padrão de normalidade em nossa sociedade. As composições que se afastam desse projeto sofrem uma visão negativa quanto sua dinâmica, como o estigma de que Goffman fala. Um exemplo disto é a condição de organização familiar de quase todas as minhas interlocutoras, as quais são mães solteiras (SARTI 1995) ou unidades mãe-filhos (FONSECA, 1995) que provêm seus lares e precisam suportar moral e financeiramente sua casa e seus filhos.

As unidades mães-filhos que compõem esta pesquisa têm a figura feminina fortalecida à medida que, através de uma a rede de socialização composta pelas

mulheres/irmãs, elas mostram sua eficiência na disciplina das crianças, sendo que elas apresentam uma espécie de código de honra feminino envolvendo a responsabilidade da criação dos filhos. Ao sustentar sua prole, a mulher/provedora alcançaria uma “autonomia moral” semelhante à do homem/trabalhador/provedor, a qual pode ser lida como o respeito da comunidade local frente a seus esforços. A “honra”, “valentia” e “coragem” são atributos remetidos ao universo masculino, mas esses estão também presentes quando a mulher luta pelo sustento da família e tem a autoridade de legislar a educação das crianças. Para essas mulheres, a centralidade da estruturação das relações familiares e parentais configura-se um elemento norteador de suas práticas e de sua referência como pessoa.

Desse modo, a mulher toma a forma de uma guerreira que sai à caça em busca do alimento para as crias. Partindo da alusão que Zuleica faz sobre si dizendo ser “uma leoa” na defesa de seus filhos, ela mostra como a “valentia” em lidar com as adversidades e com os problemas ajuda a superá-los, já que sua meta maior é sua família, estando além do ponto e da prostituição. No texto de Pasini (2005), a autora trabalha detidamente a valentia como um elemento do universo masculino, mas que no contexto da Vila Mimosa se configura um atributo das mulheres. Nos mais diferentes estágios de minha pesquisa, todos os relatos de minhas interlocutoras quanto à defesa e à representação de suas famílias chamavam atenção para uma mudança na fisionomia e no tom delas, carregados de sobriedade.

O título do trabalho “Feita só por mãe” foi exclamado por Roseli enquanto falava de seu desconhecimento acerca da identidade paterna e também ao comentar sobre a centralidade das figuras femininas (mãe e avó) no seu processo de criação. Apresento o trecho:

Roseli: Quando minha mãe *teve eu*, já foi num lugar meio desconfortável que é uma zona. Outro problema que me afeta é que não conheci meu pai porque quando ela engravidou de mim, ela *tava* nesse ambiente de *bebê* muito e então ela se engravidou bêbada. Então assim, meu pai ela *num* sabe se é branco, azul, verde, cor-de-rosa. Sou só feita por mãe. *Pra* bem dizer, mãe mesmo foi minha avó, ela quem *criou nós*. Ela bebia tudo, mas cuidou de mim e do meu irmão. Mãe não é quem cria? A minha mãe de sangue mandava dinheiro, mas amor mesmo ela nunca deu. [...] Na falta da mãe, quem deve ficar com os filhos é a madrinha porque ela é a segunda mãe. Eu cuido bem dos meus *afilhadinho*. Não tenho muitos, mas eu *tô* sempre presente. (Transcrição da Entrevista – Roseli 09/09/07)

O trecho extraído de meu trabalho de conclusão de curso é uma boa ilustração do modelo de maternidade e da importância da madrinha. A avó de Roseli era madrinha de batismo dela e do irmão, o quê condicionou a permanência deles com ela enquanto sua mãe passava temporadas viajando pelas boates à beira de estradas.

Roseli elege como ponto que se refere à maternidade a afetividade que sua “mãe de sangue” não oferecia por estar ausente, levando-a a entender por amor materno aquele proveniente de sua avó, sua “mãe de criação”, a qual oferecia tal afetividade na ausência da mãe consanguínea. Embora ausente a figura do provedor financeiro masculino na criação de Roseli, há divisões entre a mãe sanguínea/racional e mãe de criação/afetiva.

Assim como no caso de Roseli, os filhos de Zuleica, Marta e Zuca são criados pelas mães e madrinhas. A mãe assume o papel de provedor financeiro de cada lar e se mostra “castradora” e “disciplinadora”, como se cumprisse o papel de autoridade masculina que não é presente. A obrigação pela manutenção e sobrevivência da casa faz essas mulheres-mães mais duras para tratar da disciplina dos filhos, ao passo que as madrinhas-irmãs assumem o papel mais afetivo, as quais correspondem ao apego e à preservação sentimental de seus afilhados. Nesse sentido, as relações de gênero aparecem como atributos, já que o provedor financeiro da casa, que corresponderia ao homem, é corporificado na mãe e o papel da afetividade é encontrado na madrinha, o quê faz com que de certo modo a reprodução dos modelos de paternidade e maternidade da família tradicional seja incorporada às práticas familiares das mulheres prostitutas.

As relações entre as irmãs refletem essa troca, além de acrescentar um sentido mais estreito às relações entre os membros da família. A avó funciona como uma madrinha coletiva por ela não fazer diferença entre as crianças, enquanto aquelas que foram dadas ao cuidado de amigas não recebiam visitas e nem sequer recebiam presentes. Assim como indica Lanna (2008), a relação de compadrio instaura uma série de desequilíbrios entre as partes. A criança enquanto dádiva estabelece uma variedade de prestações e contraprestações entre as partes: “se o dom mais valioso que os pais biológicos podem fazer é o dom de seu filho, ou de alguns direitos ligados ao seu filho, o afilhado pode dar mais dele mesmo, seu trabalho.” (Lanna, 2008, p.03). A avó exerce poder de mando sobre todos os entes da casa mostrando-se generosa e protetora, sendo por isso respeitada por todos.

A escolha da madrinha não é aleatória, mas sim embasada na dimensão do valor que representa a criança enquanto vida a ser preservada. Tornar-se “madrinha” significa receber um bem valioso (a criança) para ser por ela ser guardado, além de funcionar também como uma atividade complementar à função materna. Na ausência da mãe de sangue, os filhos são confiados a “parentas” como irmãs ou avós, as quais são eleitas por apresentarem uma “lealdade consanguínea”.

Na família de Zuleica, as irmãs e a mãe reforçam os laços de sangue tornando-se comadres. Nesta residência, as relações comadrescas formam uma rede de mulheres que cuidam dos filhos por não contarem com outros parentes ou mesmo com os pais das crianças. Assim como acontece com Roseli, a madrinha assume a responsabilidade pela criança, ainda que sozinha nesta missão, como forma de responder e honrar a escolha da mãe ao torná-la comadre. De acordo com Lanna (2008, p.6), “no compadrio intrafamiliar, temos um ‘acrescimento di senso’, para usar expressão de Valeri (1979), mas à qual não podemos dar sentido funcionalista; não é que a uma relação de parentesco se sobreponha a uma de parentesco espiritual, mas há transformação no modo como a relação é vivenciada, com um acréscimo de respeito”.

Esse acréscimo de respeito citado por Lanna (2008) pode ser traduzido, no caso particular de minha pesquisa, como a extensão da maternidade entre as mulheres. Por exemplo, quando as irmãs oferecem seus filhos para serem batizados na igreja evangélica que frequentam, estão estendendo a responsabilidade da criação, nutrição e educação à ente escolhida. A madrinha tem função de proteger seus afilhados, os quais, em troca, temem desagradá-las por serem seu escape e uma fonte possível de presentes. Zuleica e Marta contavam rindo histórias das ameaças que entoavam a seus filhos dizendo que contariam todo o ocorrido para a madrinha e que eles teriam como resultado de sua má ação uma grande reprimenda. Contaram-me sobre o respeito que elas e os filhos tinham também pelas avós. O fato das mesmas morarem em outra cidade tornava suas visitas muito esperadas, pois era certo que as crianças ganhariam presentes e doces, além de todos desfrutarem de momentos agradáveis ao seu lado.

Roseli não pertencia a nenhuma instituição religiosa quando criança, portanto não foi submetida ao ritual de batismo formal, bastando apenas o acordo verbal para que a avó ficasse com os filhos. Já na casa de Zuleica, toda sua família frequentava uma igreja evangélica nas proximidades de sua residência, então lá batizaram seus filhos. Pertencentes anteriormente à Igreja Católica, pareciam ter um compromisso moral com

o rito batismal. Zuleica me contou que decidiram parar de seguir esta religião quando, após sua mãe se separar do marido, o padre as destratou em frente à assembléia, recusando que ela comungasse por sua condição de mulher separada. Quando retornaram à Marília, encontraram outra religião e um pastor acolhedor, que as convida para frequentar as reuniões dominicais.

Zuleica batizou o filho de Marta, sendo assim, o menino passava bastante tempo na casa dela e pela convivência começou a chamá-la de mãe. Ela por sua vez ensinou-o que sua mãe era Marta e ela era sua madrinha. Por esse motivo o menino passou a chamar Zuleica de "Má". Apesar de gostar de todos os sobrinhos, ela tem um carinho especial por esse afilhado e o protege da mãe.

Gilda representa outro caso importante para se pensar sobre a madrinha. As relações de Gilda com sua família biológica começaram por volta dos 10 ou 11 anos, sendo que anteriormente ela vivia com sua madrinha, que lhe adotou e deu o nome e o sobrenome que carrega até os dias de hoje. A madrinha/mãe adotiva de Gilda tinha nela sua única filha e esta conta que o processo de separação foi bastante doloroso para ambas, pois compartilhavam um pertencimento e a madrinha oferecia-lhe condições materiais e afetivas com as quais sua mãe biológica não podia competir.

Assim que o pedido de restituição de guarda foi favorável à mãe biológica de Gilda, esta iniciou um convívio com sua família biológica que nunca se processou de maneira tranquila. Ela casou-se grávida de gêmeos e depois sua mãe e seu marido traíram-na, o quê fez com que ela deixasse a cidade onde residia com o marido e os filhos e abrisse mão da experiência materna. Gilda atribui todas as suas escolhas a esse período conturbado de adolescência que viveu na casa materna porque sua história foi reescrita nesta fase.

A vida na prostituição, no entanto, ofereceu-lhe estreitos laços de amizade com a família proprietária do hotel onde ela residiu por cerca de sete anos. Sendo solteira, Gilda passou a participar da vida desta família, a qual tinha sua casa no próprio comércio. Ela chamava a dona do hotel de "tia" e o marido dela de "tio". Tal casal possuía uma filha, Luzia, com a mesma idade de Gilda e elas tornaram-se grandes amigas. Luzia casou-se e sua clara ligação com Gilda fez com que ela entendesse que seu filho era afilhado dela, lamentando-se por não ter dado oficialmente o menino a ela. Esse importante acontecimento na vida de Gilda tornou-se um marco para ela, pois os

que eram laços de amizade e confiança que tinha com a família do hotel, converteram-se em laços de parentesco, sendo mais uma vez adotada.

Gilda nutria certo rancor por sua mãe por atribuir a ela sua condição desfavorável e os descaminhos que a levaram à prostituição. Sua relação com o afilhado, Júlio de seis anos, parece repetir a cena de sua história pessoal, dando a ela a oportunidade de seguir os passos de sua madrinha. Com o fim do hotel, Gilda passou a residir com a família de Luzia, e devido à sua devoção pelo afilhado, ela está com ele o tempo todo, cuida bem dele, paga sua escola e ajuda nos gastos domésticos da casa. Desse modo, há uma grande dependência afetiva recíproca entre Gilda e seu afilhado, onde Júlio a chama Gilda de “mãe”, enquanto ela lhe ensina o uso do termo “dinda”.

Minha interlocutora conta que muitas vezes sua posição se torna incômoda, pois ela não quer ocupar o lugar da mãe do afilhado para que ele cresça entendendo a autoridade proveniente dos pais. Entretanto, ao que tudo indica, a forte influência de Gilda na casa reflete na obediência do menino, o que gera certo desconforto entre a madrinha e o pai de Júlio. Gilda é bastante cuidadosa na sua relação com o afilhado, não permitindo que existam comentários de que sua conduta poderia gerar “mau exemplo” ao garoto, ou que posteriormente viesse a ser acusada pelos pais ou mesmo pelo menino por sua condição de mulher prostituta ou por sua sexualidade diferenciada.

Fazendo um balanço, entende-se que as relações comadrescas fazem circular dentro família a autoridade perante as crianças e modificam as fontes de poder, pois a mãe assume a função severa e penalizadora em relação a seus filhos enquanto a madrinha assume a figura protetora dos afilhados. Nessa conjunção, vão se estabelecendo os limites e as regras que formam a casa.

### **Relacionamentos afetivos: entre namorados e clientes**

Neste ponto apresentarei alguns dados desencadeados a partir da ideia de Pasini (2000), quando a autora expõe o preservativo como um limite corporal e simbólico utilizado pelas garotas de programa da Rua Augusta em São Paulo a fim de manter os limites públicos e privados de seus corpos. Pretendo analisar em quais circunstâncias o preservativo não é usado na relação sexual entre as mulheres prostitutas e seus clientes.

Em um primeiro momento, o homem deixa de exercer o papel de apenas cliente e passa a se envolver afetivamente com a mulher, sendo assim, elas permitem a ausência do preservativo para demonstrar intimidade e confiança no parceiro. Esse envolvimento

pode ser positivo, pois dele há a possibilidade do surgimento de uma família através de um filho gerado. Em um segundo momento, apresentarei também que poderão ocorrer abortos devido à utilização de drogas, sendo que as práticas abortivas não se restringem a esse fato apenas. Há situações em que algumas prostitutas consomem chás abortivos, fazem incisões cirúrgicas ou tomam algum remédio, pois com isso ficam livres da gravidez indesejada fruto da relação sem preservativo.

Seguindo as pistas deixadas por MAUSS (1974), há uma diferenciação das práticas corporais oferecidas para os clientes e as para o parceiro. Como que para estabelecer fronteiras entre o profissional e o afetivo, para os clientes há a interdição de algumas práticas restritas ao meio afetivo, como a relação sexual sem preservativo ou o sexo anal. Quando a mulher permite ao cliente avançar tal “fronteira”, a relação torna-se significativa, seja pela confiança, afetividade ou lucro. Na relação amorosa, a mulher desconsidera a questão do estigma, pois pode escolher os programas, aprofundar relações afetivas e converter o profissional em conjugal.

A família de Dona Ambrósia - além de Gilda, Roseli e Muca - pode ser tomada como exemplo da situação referente à transformação de clientes em parceiros afetivos, namorados-pais, o quê é bastante comum entre as mulheres prostitutas da região central de Marília. Além de a própria Dona Ambrósia ter se casado com um cliente, Zuleica e Zuca tiveram seus filhos através de relacionamentos profissionais. As relações afetivas têm também um papel importante no desenrolar da prostituição, já que podem significar a permanência ou a saída dessa ocupação através do “casamento”. Quando os envolvidos passam a morar juntos ou quando nasce um filho, gera-se um vínculo afetivo entre as partes, mesmo que essa conexão seja exclusivamente financeira através do pagamento de pensão alimentícia para o filho. Muitas vezes, a mulher deixa a prostituição para se permanecer casada, esperando que o homem seja o provedor financeiro, mas quando isso não ocorre, como foi o caso de Roseli, ela precisa criar meios para sustentar a casa e o casamento.

Zuleica teve sua primeira filha com Mello, inicialmente seu cliente com quem foi morar e teve um breve relacionamento. Posteriormente, Zuleica engravidou dos outros dois filhos quando se envolveu com Juca, também seu cliente. Ele possui uma esposa, mas seus únicos filhos são os que teve com minha interlocutora.

“O Juca é o que eu preciso, sabe? Ele não me cobrava nada e nem eu dele. Ele me dava o quê podia. Ele é daqueles

vendedores, sabe? Aqueles que *vai* de cidade em cidade? Eu viajei muitas vezes com ele por essas *cidadinhas*, aí. Sabe, eu não me iludo mais com homem. Já vi de tudo nessa vida, não boto a mão no fogo por nenhum. A gente tem que aproveitar o nosso momento, o carinho, atenção e fazer vista para o resto. Por que você acha que os casamentos não *dura* hoje? O Juca me dá o quê eu preciso, dinheiro *pras* crianças, do resto eu cuido. Ele me deu muito já. Deu o Luan e a Jane. Que mais eu posso querer? Dele, eu fico com a parte boa. Quando ele aparece, a gente se aproveita. Vivo *pras* minhas *criança*. (Zuleica – diário de campo 09/10/2009)

Durante o tempo em que convivi com as três filhas de Dona Ambrósia, foi possível notar que a condição de viver sozinha é somente tida naturalmente por Zuleica, enquanto suas irmãs desejam construir relações amorosas, mesmo que sejam de breve duração. Zuca e Marta trazem os namorados para suas casas, fato que não interfere na educação dos filhos, já que ela ocorre a despeito delas mães. As duas disseram que por não conseguirem se fixar com homem algum, elas não permitem que haja interação entre os parceiros e seus filhos.

Em certa conversa, Muca afirmou que a fim de se tornar profissional na rua era necessário ter, além de experiência, um profundo conhecimento sobre si e o outro porque todos os homens poderiam desencadear paixões se conhecidos mais detalhadamente. Preconceitos como mau-cheiro e fisionomia pouco atrativa podem produzir um sentimento de repulsa, enquanto que alguns elementos geram a afinidade; entretanto, a objetividade se constrói sobre um limite muito tênue que deve estar embasado no próprio sentimento da mulher em relação ao cliente. As fronteiras, que se formam a partir da subjetividade feminina, serão o sustentáculo da separação objetiva, fazendo com que alguns clientes se tornem parceiros potenciais e outros nunca passem da relação profissional.

Bila dizia-se mais racional e que não misturava as relações de casa e da rua. Suas explicações eram similares às das garotas de programa da Rua Augusta (PASINI, 2000), pois a relação com o cliente era bastante distante e sempre passível de render proveito financeiro do cliente, seja pedindo mais do que o combinado, seja o furtando sem seu conhecimento durante o programa.

Bila: Mulherada é carente. Não pode, *né*? Cliente bom é o quê paga bem e não o que te deixa de bucho cheio, mas o com bolso... [risos]. Eu sempre que vejo que o cliente *tá* querendo pagar menos e tem pinta que tem grana, eu roubo mesmo. Na vida, se a gente não levar, levam da

gente. Vou te explicar como eu faço... Eu abaixo a calça deles nos pés. A carteira fica no bolso e no chão. Enquanto eu dou uns beijinhos na virilha e no *meninão*, consigo ver o quê tem dentro. Se tiver pouco, eu deixo, senão eu pego. Fato é meu! Já me tiraram muito... (Bila, diário de campo maio/2009)

A prática relatada por Bila pode também ser aplicada às travestis descritas por Kulick (2008, p.168). No momento em que o cliente fica distraído com o sexo oral, as prostitutas travestis e Bila vêem a oportunidade de conseguir algum dinheiro que ele tenha na carteira no bolso da calça, tirando vantagem dele para obter maior lucro. Além disso, minha interlocutora dizia que os programas ajudavam-na a instrumentalizar sua relação com o marido, pois os usava para causar-lhe ciúmes, atingindo-o com cenas e sons gravados em que ela fingia estar aproveitando o ato sexual. Entretanto, como eles residem no mesmo domicílio, ela reconhece a importância da presença física de um homem na casa como seu companheiro e como referência para seus três filhos homens.

Diariamente ocorriam discussões e agressões entre Bila e o marido no portão de sua casa, as quais eram quase sempre apaziguadas pelos policiais que os abordavam. Como resultado dessa relação bastante violenta por parte de ambos, ela apresentava hematomas e cicatrizes e sempre se relatava sobre os motivos pelos quais eles se desentendiam. Ela dizia ser mais passional e ciumenta, sendo assim, não aceitava a infidelidade do marido com outras mulheres da rua enquanto saía para garantir o sustento da casa. Bila afirmava que as brigas do casal ocorriam pela sua insistência em continuar na prostituição como forma de manter as crianças. O marido, por sua vez, se sentia constrangido pelos comentários que ouvia sobre ele na rua e também por ele não sustentar a casa. Por vingança de sua parte, ele vendia os aparelhos eletrônicos da esposa e gastava o dinheiro que conseguia em drogas e/ou mantinha relações com suas vizinhas.

Os choques entre Bila e o marido me lembram da abordagem de Pasini (2005) e Fonseca (1995) sobre o aspecto relacional da honra masculina, havendo uma interdependência entre a figura do homem e o comportamento da mulher. Fonseca (1995) descreve:

Subjacente ao medo masculino de ser chifrudo existe o raciocínio de que, se o homem não sustenta bem o seu lado da barganha, a mulher não vai manter o dela. Em outras palavras, se o homem não oferece à mulher um nível adequado de conforto, ela não tem a obrigação de ser fiel. Isso não quer dizer

que um homem aceite a libertinagem de sua mulher. Muito pelo contrário. A não aceitação explica os inúmeros mecanismos de enclausuramento e as injunções contra o trabalho extradoméstico da mulher. (Fonseca, 1995, p.9)

Durante o período da pesquisa, recebi vários relatos das mulheres acerca da impossibilidade de conseguir um casamento e se manter na prostituição. As mulheres reafirmam o que encontrei em FONSECA (1995) e PASINI (2005): a honra masculina se sustenta em fatores como a dependência e a exclusividade sexual da parceira.

Porque o homem é assim: ele não quer uma mulher prostituta para esposa. E quem *ia* querer então? *Tá* certo da parte deles e não *tá* também. Se me conheceu aqui ou em outro lugar e sabe o que eu faço, não *devia* ter vergonha, mas tem. Quando a gente gosta, aproveita e faz os gostos dele. Mas não devia, não, porque ele arruma outra, aí fica o filho e *toca vir pra cá* e brigar por pensão. (Nota do diário de campo – fala de Gilda).

\*\*\*\*\*

Eu vou falar uma coisa *pra* você. Hoje, graças a Deus, minha mãe mora com meu padrasto em Iguape e já faz uns 13 anos que eles *tão junto*. Minha mãe era dessa vida aqui também. Tenho mais duas irmãs que são também. Uma delas é madrinha da minha mais nova. A Marta, você conhece, *né?* [confirmo com a cabeça]. Meu pai biológico batia em minha mãe e eu tenho lembranças desses atos do tempo que eu morava aqui. Meu padrasto é um santo homem. Gosta de nós três e tirou minha mãe do sofrimento. Não tenho do que reclamar. Um dia eu acho que vou achar um *pra* mim também e aí *tchau*. É muito sofrido isso aqui (Diário de Campo – fala de Zuleica).

A confiança é a base de uma relação amorosa (também para a dos arranjos familiares modernos), estabelece limites e representa o vínculo entre os parceiros. Já o que sustenta as breves relações amorosas na prostituição é o amor platônico devido ao conflito gerado a partir da vontade que as mulheres têm em transformar o objeto de desejo em objeto idealizado. Em outras palavras, elas esperam na imagem masculina a possibilidade de saírem das ruas, mas como nem sempre isso ocorre, tal desejo acaba por frustrá-las.

As mulheres relataram também que, após o final de uma relação, elas retornavam para a rua em busca de sustento, como foi o caso de Roseli, já citado. Por causa de seu atual namorado, Zuca se ausentou da rua e foi proibida de conversar com suas antigas amigas de ponto porque ele suspeitava dela mesmo estando grávida dele e tendo

deixado a profissão. Pasini (2005) apresenta dados semelhantes a esses que reiteram a ideia de que os homens não aceitam que suas companheiras exerçam os dois papéis, de esposa e de mulher prostituta, pedindo a elas que escolham aquele que preferem. Há, portanto, uma evidente tensão entre estar casada e permanecer na prostituição, conflito que se mostrou maior do que a relação com os filhos. As mulheres prostitutas apresentavam-se receptivas à vida conjugal, mas as circunstâncias não favoreciam arranjos duradouros, restando apenas as inúmeras tentativas breves.

A figura do marido é um fator intrínseco à prostituição, que deve ser ressaltado por ser uma figura afetiva central na vida das mulheres, mesmo que ele não corresponda ao provedor simbólico da casa. A necessidade e a possibilidade desse arranjo afetivo na vida doméstica, seja ele um marido alcoólatra, virtual ou em potencial, remetem a parcerias, agregam sentido à vida pessoal e oferecem um campo idealizado de possibilidades: a saída da prostituição, a constituição de uma família, a experiência amorosa, entre outros fatores. Se por um lado a presença do marido é constante e desejável, a presença do pai não se aplica a esse campo, o que pode ser demonstrado na fala de Zuleica. Para ela, a paternidade enquanto provedor simbólico torna-se dispensável, já que o poder sobre seus filhos é um direito exclusivo e natural.

Toda vez que se considera a relação mulher-prostituição-parceiro, o estigma gera tensão e iniciativas de violência ou de abandono do casamento. Gilda dizia que o melhor e mais duradouro relacionamento afetivo que já viveu foi com um traficante porque ambos desenvolviam atividades “desprestigiadas” aos “olhos da sociedade”, tornando a relação mais simétrica e sem cobranças. Este também é o caso de Muca, que reside com seu parceiro traficante há mais de dez anos.

### **Abortos**

Os estudos de gênero voltaram seu foco para a explicação construtivista das assimetrias. A dicotomia sexo/gênero buscou afastar o sexo e a reprodução da “natureza” da mulher. Foucault (1986) mostra que há um campo de forças que envolvem o sexo como um controle reprodutivo feminino, as quais guardam seu corpo e sustentam sua moralidade, reforçando o estigma. Assim, o estudo da prostituição não pode se eximir de refletir sobre a dualidade sexo/gênero como produtores de relações sociais centrais.

Por um lado, a ausência de preservativo na relação sexual indica um estreitamento e uma intimização da relação entre mulher prostituta e cliente. Por outro, quando associada às drogas, significa a banalização do corpo da mulher. Uso o termo banalização porque as drogas ligam-se ao descuido de si, levando ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis e à ocorrência de abortos.

Gilda, Zuca e Zuleica não aceitavam o aborto por questões pessoais e religiosas e rejeitavam a justificativa dada por muitas mulheres prostitutas de que não se cuidavam nos programas e acabavam engravidando por fazer sexo sem preservativo. A prática abortiva acontecia de diversas formas desde o uso de chá de ervas até a ingestão de remédios vendidos por ambulantes ou clínicas clandestinas com esse fim. As três conheciam diversos casos e sabiam que a prática era bastante corriqueira entre as mulheres usuárias de drogas, que utilizavam agulhas de tricô para perderem a criança. Gilda e Zuleica defendiam uma moralidade na prostituição quanto à gravidez através do programa que as verdadeiras profissionais não seguiam.

Minhas interlocutoras comentaram sobre as colegas que usavam drogas, como *crack* e maconha, e realizavam programas sem preservativo para conseguir dinheiro rápido. O resultado era a concepção indesejada, sem vestígios ou informações sobre o “pai” da criança. Zuleica e Gilda condenavam esse tipo de prática devido ao aborto que conseqüentemente ocorria. Bila, por exemplo, fez vários abortos usando medicamentos como chás de canela em rama, método que havia aprendido ainda adolescente com sua mãe. “Mas eu nem tinha certeza se *tava* grávida ou não. Eu fiz chá de canela de pau e tomei *pra descer minha regra* e tomei uns comprimidos que eu comprei no camelô. Como desceu eu nem sei, mas fazia uns quatro meses que não vinha”. Esse relato é de quando tinha cerca de onze anos e, já usuária de *crack*, se assustou quanto à possibilidade de gravidez.

Anos mais tarde, Bila engravidou novamente, porém decidiu ter o filho e também reduzir o consumo da droga. Entretanto, em sua última gestação, ela dizia também ter usado a droga como forma de afrontar e ferir seu marido, com quem não possuía um filho em comum. Ela seguiu o raciocínio de que o *crack* poderia causar o aborto caso ele fosse agressivo com ela. Como os outros filhos de Bila eram de clientes, seu marido acreditava que o filho que ela esperava dessa vez não era dele. Ela precisou até ir ao hospital no começo da gravidez por ter apanhado muito do marido, que esmurrou a barriga dela até causar sangramento.

Marta, por sua vez, consumia maconha e álcool e disse nunca ter abortado por temor a sua mãe e suas irmãs. Ela dizia: “minha mãe não podia comigo, mas ela disse que me jogava na rua se sabia que eu abortava porque Deus castiga esse tipo de coisa.” Ao engravidar, minha interlocutora disse sentir que envelheceu vários anos, pois ficou com medo de perder a criança, com a qual ainda feto ela havia criado um vínculo afetivo. Para ela, a prostituição quando não aliada ao tráfico é sua melhor opção para sustentar os filhos.

Quando seu menino completou um ano, Marta deixou-o sob a guarda da irmã/madrinha e foi para Ribeirão Preto fazer dinheiro. Meses mais tarde, voltou para casa e decidiu lá ficar após ter sido ameaçada de morte por um ex-namorado traficante na região, o qual não aceitou o fim do relacionamento deles e jurou persegui-la caso a visse com outro homem ou fazendo programas. Marta dizia que sua mãe teve grande contribuição na sua decisão de se fixar em Marília, pois ela ameaçou não devolver-lhe o filho ou entregá-lo para adoção caso ela não reduzisse o consumo de drogas. Inicialmente, ela rejeitou a proposta, mas diante da reprovação das irmãs e do risco de não poder voltar para casa, aceitou a condição que lhe foi imposta, decidindo trabalhar e cuidar do filho em troca de moradia. Ela dizia: “na hora eu não tive muita opção, mas como eu *tava* marcada, resolvi aceitar e fazer minhas correrias por aqui mesmo”.

A experiência da gravidez atrelada à prostituição mostrou-me que a possibilidade de se praticar um aborto é bem maior no início da ocupação do que no decorrer dos anos. Tomando como base os relatos de Bila e Marta e o contato com outras mulheres começando como prostitutas, foi possível conferir uma tendência maior em quererem interromper a gestação quando ela resultava de algum passo desacertado nos programas. Quando conheci Gilda, ela traduziu esse pensamento dizendo que, para ela, “ter filho de cliente é incompetência e carência”, referindo-se à falta de profissionalismo e à indistinção dos espaços. Acredito que esses também sejam a sensação e o pensamento de muitas jovens, pois quando o serviço sexual se converte em gravidez ou dependência afetiva, é sinal de que a mulher prostituta deixou o universo privado emergir e se confundir durante seu trabalho.

No entanto, a maternidade e o sentimento maternal são construídos ao longo do período gestacional e se configuram um marco na trajetória das mulheres. A presença física do filho, as preocupações com seu sustento e o cuidado com ele criam uma dependência direta entre ambas as partes, o quê faz com que muitas não considerem

fazer o aborto. Após a primeira gravidez, a relação com o corpo também se altera. Bila e outras mulheres que não viviam da prostituição, mas com quem tive contato, diziam que o nascimento do primeiro filho desencorajava uma futura prática abortiva porque a presença física da criança registrava-se na memória e o período da gestação alimentava o universo materno.

A gestão do corpo e da gravidez é outro fator que situa a prostituição como produtora ou subversora da hierarquia. A mulher prostituta consegue manipular suas práticas corporais através de seus desejos, vontades e necessidades, escolhendo o que lhe é permitido ou interdito. Para minhas interlocutoras, enquanto o aborto traz indignação e é julgado como prática de abandono, a maternidade é tida como elemento transformador positivo do cotidiano das mulheres prostitutas por considerarem seus filhos pequenas dádivas. Essa construção do ser mãe vivenciada por essas mulheres cria uma subdivisão ou classificação, fazendo com que elas estigmatizem o aborto e se afastem daquelas que o praticam.

Strathern (1995) fala da necessidade do pai nas sociedades euro-americanas para compor o parentesco, sendo que entre pai, mãe e filho há um conjunto diferenciado de relações. À mãe é atribuída uma relação de vinculação natural e de legitimidade social sobre o filho. Já ao pai não se aplica a mesma responsabilidade, de modo que o abandono por ele pode ser justificado ou “ressarcido” em alguma medida. Neste trabalho, o uso do termo “mães solteiras” ou unidades mães-filhos foi apropriado, pois a paternidade mostrou-se como um elemento meramente financeiro e os maridos não interferiram diretamente na educação dos filhos. Utilizando o referido texto de Strathern (1995), o qual discorre sobre a paternidade nas ilhas Trobriand, é possível traçar uma analogia e dizer que lá o pai também é tratado como um afim e não como consanguíneo do filho. Nesta região, o pagamento de uma importância mensal, garantida por lei, faz do pai um nutridor, porém a família da mulher ou o filho não são obrigados a retribuir-lhe a alimentação.

## Considerações Finais

Ao longo da pesquisa que resultou na confecção dessa dissertação, busquei compreender como a prostituição, uma ocupação estigmatizada socialmente, desdobrava-se no ambiente familiar. Meu objetivo foi perceber como as mulheres viviam seu valor de família e sua maternidade, além de entender, a partir desses conceitos, que os arranjos domésticos não só norteiam as relações afetivas e domésticas, mas também aparecem como agentes organizadores de algumas áreas da esfera profissional.

A hierarquia ficou caracterizada como um ordenador lógico das relações. O valor-maternidade das mulheres prostitutas, ao ser tratado como uma noção do campo e uma categoria de análise, possibilitou enxergar como a vida delas é vivida com suas contradições. Isso ocorre porque elas são capazes de operar identidades que se englobam no fluxo das interações, atribuindo a elementos como a maternidade e mesmo a prostituição novos sentidos a partir de sua posição em de uma escala de valores. Tomando como princípio o “englobamento de contrários” de Dumont (1992), podemos entender que a prostituição pode ser lida em um plano onde o inferior demanda poder sob o superior, alterando a ideia de organização vertical e estática. Além do mais, ela aparece produzindo níveis que contradizem certos valores relativos à família tradicional, sendo que essas famílias monoparentais anulam a necessidade física de um pai e sugerem que a madrinha e a mãe suprem essa lacuna simbólica.

No campo afetivo, a relação mulher-prostituição-parceiro apresentava certa tensão, fazendo com que as mulheres permanecessem sozinhas ou com parceiros eventuais. Os relacionamentos afetivos mais duradouros ocorriam desde que, de certo modo, fossem entre iguais, por exemplo, com homens que compartilhavam da esfera “ilegalidade”, como os “meninos do movimento”, o namorado traficante de Gilda e suas namoradas ou clientes. Conseguir parceiros afetivos em suas “comunidades” ou mesmo com clientes facilitava o desenvolvimento da relação, pois dispensavam criar explicações para sua ocupação de mulher prostituta. No entanto, no decorrer do

relacionamento, a manutenção da profissão tornava-se uma escolha que levava ao desligamento de um dos aspectos de sua vida: a ocupação ou a relação afetiva.

Converter relações mercantis em relações conjugais mostrou que a separação entre profissional e afetivo não respeita critérios exclusivamente objetivos. No jogo da sedução e na troca entre a mulher prostituta e o cliente, são negociados limites que podem ser relativizados ao longo da relação. Minhas interlocutoras não depreciavam a fusão entre a vida profissional e afetiva, pois elas aconteciam a um só tempo e marcavam o ritmo dessas associações. O que fazem é separar a função paterna da marital, pois em nenhum dos casos constatei a presença masculina na casa com a função de pai, mas sim de companheiro afetivo da mulher.

A questão das drogas aparece em um nível bastante particular nesta pesquisa. Minhas interlocutoras não aprovavam a associação destas à esfera profissional, pois isso significaria banalização de si, do corpo e das integrantes do ponto, além de uma maior aproximação da ilegalidade. No entanto, o “mundo das drogas” enquanto produtor de parcerias conjugais é altamente eficaz, tendo em vista os diversos relacionamentos entre as mulheres que se prostituem e os traficantes.

A maternidade tomou posição central nesta pesquisa, pois se mostrou uma forma de troca entre as mulheres prostitutas e as que não se prostituem. As semelhanças na constituição de muitas famílias como a de Zuleica, formada por mãe e filhos, traziam um clima de solidariedade e coesão na vizinhança, uma vez que muitas mulheres contavam com as vizinhas para cuidar das crianças durante o período em que se ausentavam para o trabalho. A relação entre os vizinhos parecia bastante promissora e pouco tensionada, pois se sabia da ocupação das mulheres, o que não impedia as visitas dos filhos às crianças das mulheres prostitutas e nem as sessões de filmes entre vizinhas aos finais de semana.

As relações comadrescas delinearão a distribuição de autoridade entre mães e madrinhas. Tal autoridade compartilhada me permitiu compreender a noção de família como um elemento autocontido, pois os limites físicos e simbólicos eram negociados a todo tempo entre as mulheres da casa de Zuleica e de Gilda. As mulheres prostitutas concentravam as obrigações de provedora financeira e de centro de autoridade dos lares, mesmo diante da existência da figura masculina, como nas residências de Gilda e de Bila.

A afirmação que mais me surpreendeu durante este trabalho é “fui feita só por mãe”, pois nessa minha rede de convívio, inúmeras pessoas e crianças repetiam esse bordão referente às mães guerreiras e provedoras de suas famílias. A condição de mãe solteira (Sarti, 1995) não é característica de uma classe social ou de um segmento profissional. Muitas brasileiras (talvez a maioria) declaram que são mães e pais de seus filhos e nesse sentido são vistas de forma honrosa por carregarem o duplo fardo de manter seus filhos e os educar, além de exercer uma carreira profissional.

A escolha por “não abortar” também foi um elemento bastante ilustrativo nesta pesquisa. As justificativas para a recusa a essa prática podem estar vinculadas ao surgimento de um sentimento de maternidade ou a uma moralização da prostituição desta rua. Pode-se sugerir que a maternidade foi um mediador para o acesso das mulheres prostitutas a outros grupos, fazendo com que ampliassem seus laços de amizade e compartilhassem de determinadas práticas que geravam um senso de reconhecimento e pertencimento.

O objetivo desse trabalho foi mostrar a centralidade da família e da maternidade no processo de construção das mulheres prostitutas. No entanto, não se deseja aproximar a maternidade – condição “natural” da mulher – como única forma de vivenciar de forma legítima o “feminino”. Isso porque o “estranhamento” à maternidade, isto é, a negação desta como parte da mulher, é também objeto constante deste estudo, tomando como exemplo a prática de Gilda. O campo mostrou-se aberto à maternidade em suas múltiplas formas, e explorar esses meandros visou apresentar as possibilidades de arranjos familiares.

Minhas interlocutoras – mulheres prostitutas e mães – mostram que suas famílias não padecem de “falta”, mas sim de “excesso” de afetividade, pois elas proporcionam o sustento para seus filhos (e muitas vezes para os companheiros), como era o caso de Zuleica, Roseli, Gilda e Dona Ambrósia, as quais usavam da prática da prostituição para suprir os desejos e vontades dos filhos e afilhados. O uso do capital produzido por essa profissão era inserido no âmbito doméstico, resultando no consumo da família.

Tudo isso faz das mulheres que encontraram na prostituição sua forma de labor, mesmo esse sendo um campo minado para as relações afetivas e profissionais, guerreiras que superaram as expectativas e demonstram que sua situação cotidiana é complexa, ultrapassando a visão simplificadora de “mulheres de vida fácil”. Trata-se de

um campo de batalha que vem sendo construído lentamente em nome da visualização de suas pessoas como indivíduos ou cidadãos de direitos.

Neste trabalho, a voz masculina do cliente ou do marido ficou silenciada. Entretanto, registro que, para meus futuros estudos, desejo construir essa perspectiva relacional de forma mais completa, buscando a inserção de outros pontos de vista como forma de tornar o olhar mais distanciado e aprofundar a relação da mulher na prostituição.

## Referências

---

- ADORNO, T. W. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- ARIES, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- ARIES, P. ;BENJIN, A. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- AGUSTIN, L. “La industria del sexo, los migrantes y la familia europea”. **Cadernos PAGU**. Campinas, nº 25, 2005: 105 -128.
- BACELAR, J.A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982. (Ensaio, 87).
- BENEDETTI, M R. “A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição”. **Boletín Electrónico Del Proyecto Sexualidades, Salud y Derechos Humanos**, nº 11. 2004. Disponível em:  
<http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/Boletin11CiudadaniaSexual.pdf>.> .  
Acessado em 14/03/2009.
- BEAUVOIR, S. As estruturas elementares do parentesco, de Claude Lévi-Strauss. In: **Cadernos de Campo**, Tradução Marcos Lanna e Aline Iubel. 2007. p183-189.
- \_\_\_\_\_. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Vol. 2.
- BOSI, E. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P.A **Dominação Masculina**, Rio de Janeiro, Bertrand, 1999.
- BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2003
- CALDEIRA, T. P. R.. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. São Paulo: Ed. Vozes, 1996.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização de história de vida e história oral. In Cardoso, R (org). **A aventura antropológica**. Teoria e pesquisa, Paz e Terra, 1986. pg. 141-156.

DELICATO, C. T. **Faces de Marília: a moradia em um condomínio horizontal..** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UNESP- Marília, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília: 2004.

DUMONT, L. **Homo hierarchicus: O sistema de Castas e Suas implicações**. Tradução Carlos Alberto da Fonseca, São Paulo: EDUSP, 1992.

DUARTE, L. F. D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DUARTE, L.F. D. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In. **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. Organizadores: RIBEIRO, I; RIBEIRO, A. C. São Paulo: Loyola, 1995.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. - **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FELTRAN, G. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. Campinas, São Paulo. 2008. Tese de doutorado

FONSECA, C. L. W. A dupla carreira da mulher prostituta . **Revista de Estudos Feministas**, v. 4, n. 1, p. 7-34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. “Cavalo Amarrado Também Pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 15, ano 16, fevereiro de 1991.

\_\_\_\_\_. “A mulher valente: gêneros e narrativas”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, 1995.

FREITAS, Renan S. “Prostitutas, Caftinas e Policiais: A dialética das ordens opostas”. In: *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 2, 1984.

\_\_\_\_\_. *Bordel, Bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, Vozes, 1985.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**. A vontade do saber. Volume 1. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

HEILBORN, M. L. “Gênero: um olhar estruturalista”. In: PEDRO, J. M e GROSSI, M. P. (org). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p.43-55.

\_\_\_\_\_. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. Porto Alegre: **Revista Estudos Feministas**, 1993. vol 1. ISSN 0104-026X. pp. 50-82.

KIT, Sheila. **Mães** - um estudo antropológico da maternidade. Lisboa: Presença, 1978

LANGENEST, J. P. B. **Mulheres em leilão: um estudo sobre a prostituição no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir Ed., 1973.

LANNA, M. **A Dívida divina**. Troca e patronagem no nordeste brasileiro. Campinas: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva. **Revista de Sociologia e Política**. Paraná: UFPR, 2000.

\_\_\_\_\_. **A estrutura sacrificial do compadrio: uma ontologia da desigualdade?** ANPOCS, Caxambu, 2008.

Leite, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A família”. In: **O olhar distanciado**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

\_\_\_\_\_. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LEIRNER, P. C. **Hierarquia e individualismo e Louis Dumont**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LOSSO, J. C. M. **Dos desregramentos da carne: um estudo antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC**. Santa Catarina: UFSC, 2010. (Tese de doutorado)

MALINOWSKI, B. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. RJ: Vozes, 1973

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2002, vol.17, n.49, pp. 11-29. ISSN 0102-6909.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAUSS, M. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção de “eu”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. “As técnicas corporais”. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEDEIROS, R. P. **Hablan las Putas** – sobre práticas sexuais, preservativos y SIDA em el mundo de la prostitución. 3º edição. Bilbao. Vírus/Crônica, 2002.

MORAES, A. F. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

OLIVAR, J. M. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre**. Porto Alegre:UFRGS, 2010. Tese de doutorado.

PASINI, E. **Corpos em evidência, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Os homens da vila: um estudo das relações de gênero num universo de prostituição feminina.** Tese de doutorado (Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- SILVA, L M. P. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS.** São Carlos: UFSCar, 2007. Tese de doutorado.
- \_\_\_\_\_. Na noite nem todos os gatos são pardos. Campinas: **Cadernos Pagu**, nº25, 2005.
- PERLONGHER, N. O. **O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo.** SP, Brasiliense, 1987.
- PERROT, M. Os silêncios dos corpos. In: **O corpo feminino em Debate.** Organizadores: Izilda Matos e Rachel Soihet. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- PISCITELLI, A. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. Porto Alegre: **Revista Estudos Feministas**, 2007, vol.15, n.3, pp. 717-744. ISSN 0104-026X.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: **Cultura e Representação.** São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. In: **Cultura e Representação.** São Paulo: Projeto História, n.14, Educ, 1997.
- QUEIROZ M. I. P. Relatos Oraís do “Indizível” ao “Dizível”. In: **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil).** Organizadora: Olga Maria de Moraes Von Simson. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930),** Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991

- SARTI, C. A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória.** Revista Estudos Feministas. Florianópolis, 2004
- \_\_\_\_\_. **A família como espelho.** Um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. Família e Individualidade: um problema moderno. In: Família contemporânea em debate. Organizadores: Falcão, Maria do Carmo B. de C.; Szymanski, Heloisa; et ali São Paulo:1995
- SEEGER, A.; DAMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. Construção da pessoa na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO (org). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.
- SGANZELLA, N. C. M. **Ser mulher e ser mulher prostituta. História de vida de mulheres.** Estudo sobre histórias de vida de mulheres prostitutas na cidade de Marília. Marília: UNESP, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso.
- SIMÕES, S. S. **Identidade e política:** a prostituição e o reconhecimento de um métier no Brasil. São Carlos: R@u Ufscar, 2010. Disponível em:  
<http://sites.google.com/site/raufscar/home/v2n1>. Acessado em:10/10/10
- STRATHERN, M. **O Gênero da Dádiva.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- \_\_\_\_\_. Necessidades de Pais, Necessidades de Mães. **Revista de Estudos Feministas** vol. 2. Florianópolis: Editora UFSC, 1995.
- TEDESCO, L. L. **Explorando o negócio do sexo: uma etnografia entre relações afetivas e comerciais entre mulher prostituta e agenciadores em Porto Alegre/RS.** Porto Alegre, UFRGS, 2008. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.
- VELHO, G. **Desvio e Divergência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999
- \_\_\_\_\_. Individualidade e Cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- WAGNER, R. **The invention of Culture.** Chicago: Chicago Press, 1975.
- WOORTMANN, K. A idéia de família em Malinowski. **Cadernos de Campo.** Paraná: UFPR, 2002, pp 8-34.

## Anexo

